

DAIANE BASÍLIO DE OLIVEIRA

**ECOS DA COLÔNIA: ANÁLISE DO SUJEITO-MULHER EM *INDIANA* DE
GEORGE SAND**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

O48e
2017
Oliveira, Daiane Basílio de, 1992-
Ecos da colônia: análise do sujeito-mulher em Indiana de
George Sand / Daiane Basílio de Oliveira. - Viçosa, MG, 2017.
viii, 92f. ; 29 cm.

Orientador: Nilson Aduino Guimarães da Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f.88-92.

1. Literatura francesa. 2. Feminismo na literatura.
3. Feminismo e literatura. 4. Literatura - Escritoras.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-graduação em Letras. II. Título.

CDD 22 ed. 840

DAIANE BASÍLIO DE OLIVEIRA

**ECOS DA COLÔNIA: ANÁLISE DO SUJEITO-MULHER EM *INDIANA* DE
GEORGE SAND**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS- BRASIL
2017

DAIANE BASÍLIO DE OLIVEIRA

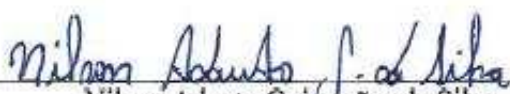
**ECOS DA COLÔNIA: ANÁLISE DO SUJEITO-MULHER EM *INDIANA* DE
GEORGE SAND**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de março de 2017


Gracia Regina Gonçalves


Adélcio de Sousa Cruz


Nilson Adauto Guimarães da Silva
(Orientador)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais, Maria Aparecida e Irineu, aos meus irmãos Charles e Raiane, e à todas as mulheres que ousaram e ousam lutar pelos nossos direitos e por um mundo regido pela equidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu mentor e amigo fiel, sem o qual não poderia realizar nenhum de meus sonhos, que em sua graça e amor me permitiu concluir essa etapa tão importante em minha formação profissional e acadêmica.

Agradeço à minha família. Aos meus pais, Irineu e Maria Aparecida, por todo apoio e dedicação, e por desde cedo ter me fornecido todo incentivo necessário, seja por palavras e por amor, para conclusão de meus estudos e formação humana. Aos meus irmãos, Charles e Raiane, por todo o companheirismo.

Agradeço ao meu orientador Nilson pelos ensinamentos, auxílios e por torcer sempre pelo meu êxito.

Sou grata aos professores da graduação e do mestrado, em especial a professora Gracia, pelas importantes contribuições para a minha formação enquanto profissional e pesquisadora do campo das Letras. Agradeço de igual maneira aos funcionários do departamento de Letras, em especial, à Adriana, secretária da pós-graduação pela convivência e auxílios sempre presentes.

Obrigada aos colegas do mestrado e aos amigos de dentro e fora do âmbito acadêmico: Daniela, Denise, Felipe, Fernanda, Gislene, Lucília, Mônica, Natália, Richardson, entre tantos outros que se fizeram presentes e importantes nessa trajetória.

Por fim, agradeço à CAPES pela bolsa concedida para a plena realização desta pesquisa.

"J'ai écrit Indiana avec le sentiment non raisonné, mais profond et légitime, de l'injustice et de la barbarie des lois qui régissent encore l'existence de la femme dans le mariage, dans la famille et dans la société ." George Sand

RESUMO

OLIVEIRA, Daiane Basílio. M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2017. **Ecos da Colônia: Análise do Sujeito-Mulher em Indiana de George Sand.** Orientador: Nilson Aduino Guimarães da Silva.

Em meio aos grandes acontecimentos do século XIX, George Sand, escritora francesa, ativista social e uma das precursoras do feminismo na literatura mundial, publica seu primeiro romance, *Indiana*, no qual elabora uma trama sentimental, cujo pilar é a crítica à sociedade patriarcal, mais precisamente à forma com que a mulher era tratada no matrimônio. Obra e autora destacam-se pelo fato de romper com os paradigmas de uma sociedade cujo espaço de escrita pertencia em demasia aos homens, por se prestar ao discurso sociológico e antecipar temáticas relevantes a exemplo do pós-colonial. Além de abordar temas que eram tabus para a época, como o adultério, torna visível a condição da mulher no âmbito público e privado, denunciando as opressões e rompendo com paradigmas da ideologia dominante que a marginalizava. Motivos que justificam que a escritora assinasse suas obras por meio de pseudônimo masculino. *Indiana* é uma das primeiras obras literárias a registrar a escrita de autoria feminina e o discurso em defesa da emancipação da mulher e da igualdade de gênero. A protagonista, Indiana, é uma jovem que foi criada junto de seu pai na Ilha de Bourbon, colônia francesa, em cuja infância predominava o autoritarismo paterno; vítima de um casamento forçado, Indiana encontra-se mais uma vez em um contexto no qual suas liberdades são suprimidas e sua autonomia subjugada às demandas de seu marido. Vê-se, dessa forma, uma posição de sujeito martirizado pelo homem, representante da tirania social. A sociedade e a civilização são, igualmente, as causas da infelicidade da protagonista que estava limitada ao ambiente doméstico e à falta de liberdade, a qual não aceitava piamente as demandas do patriarcado. Através da vida da jovem Indiana, constataremos como o extrato social acaba por sujeitar os indivíduos àquilo que lhe era de interesse, a exemplo das mulheres. Visto que a autora ocupa-se em discutir questões de ordem social, pode-se afirmar que o contexto político e histórico, na obra referido, tende a incidir diretamente sobre o comportamento e caráter de cada personagem, ao passo que se torna um dos objetos de crítica dentro da obra. Mediante a análise de *Indiana*, observaremos como se constrói o

discurso de denúncia à situação da mulher na sociedade francesa de 1830, bem como a defesa pela emancipação feminina.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Daiane Basílio, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2017.
Echoes of the Colony: Analysis of the Woman's Guy in Indiana by George Sand.
Adviser: Nilson Aduino Guimarães da Silva.

Among all the great events of XIX century, George Sand, a French female writer, social activist and one of the forerunner of feminism in worldwide Literature, publishes her first novel, *Indiana*, in which she develops a sentimental plot, which pillar is a criticism to the patriarchal society, more precisely to the way women were treated in marriage. Both author and work stand out because they break up with social paradigms that canons belonged exclusively to men, for giving to the sociological discourse and anticipating relevant themes such as post-colonial. In addition to approaching themes that were taboo at the time, such as adultery, the book makes women's condition in public and private spheres visible, reporting the oppressions and breaking up with all the dominant ideological paradigms that marginalized women, a reason that justifies the fact that the writer signed her works with a male pseudonym. *Indiana* is one of the first literary works that records the writing of a female authorship and the discourse in defense of woman's emancipation and gender equality. The main character, Indiana, realizes that she is once again in a context in which freedom is suppressed and her autonomy is subdued to her husband's will. She sees herself, by the way, in a position of a subject martyred by men, the representatives of a social tyranny. Society and civilization are, equally, the causes of the protagonist's infidelity, who was limited to the domestic space and lack of freedom, and also who didn't accept devoutly the patriarchy's demand. Through the life of young Indiana, we will point out how the social sphere ends up subjecting individuals to what is of its interest, such as women for instance. Since the author is engaged in discussing social issues, we can affirm that the political and historical context in the mentioned work tend to influence directly on each character's behavior and character, while it becomes one of the objects of criticism. Through an analysis of *Indiana*, we can observe how the discourse that denounces women's situations in the 1830 French society is built, as well as the defense of female emancipation.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – PERCURSOS LITERÁRIOS.....	9
1.1- Os estudos culturais e os estudos literários.....	9
1.2- Estudos literários, estudos de gênero e estudos feministas, um espaço de diálogos .	13
1.2.1- Literatura de autoria feminina e crítica feminista.....	16
1.3- A desconstrução via estudos pós-coloniais e estudos feministas	21
CAPÍTULO 2 – TRAVESSIA HISTÓRICA: REVOLUÇÕES POLÍTICAS E DE PENSAMENTO	25
2.1- Contextualização Histórica	25
2.2- George Sand, a mulher por detrás do pseudônimo.....	30
2.3- Produção e recepção de <i>Indiana</i>	36
2.4- A literatura como instrumento de denúncia.....	38
CAPÍTULO 3- A MULHER ESTRANGEIRA: AS VOZES QUE ECOAM DA COLÔNIA	43
3.1- O pós-colonialismo e a dupla colonização do corpo feminino.....	43
3.2- Traços da colônia: a mulher e a escravidão.....	45
3.3- A aura exótica: a mulher e a feminilidade	50
3.4- Sociologia do corpo: as emoções de Indiana e sua resistência internalizada	53
CAPÍTULO 4 - O SÉCULO XIX E O LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE	58
4.1- Indiana, reveladora do público e do privado.....	58
4.1.1- Tipificação das figuras femininas na obra: diversidade sócio política e a idealização da mulher	62
4.2- O registro do patriarcado no romance via autoritarismo paterno e marital	72
4.3- Cenas da vida privada: a violência física e simbólica	76
4.4 - Romance de formação: de mulher-objeto a mulher-sujeito.....	79
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

INTRODUÇÃO

No século XIX, pouco a pouco, sob a efervescência de ideias e influências de jovens escritores de origens e tendências diversas, forma-se uma escola preocupada em transpor as aquisições e posições políticas e sociais no meio literário. Desta forma, em nome de uma nova sensibilidade, vieram a reivindicar uma literatura livre, sentimental e sobretudo enérgica.

Neste momento, emerge uma tradição literária que adentra os portões da arte, colocando em questão as circunstâncias sócio históricas nas quais as mulheres estavam inseridas. Nos romances de autoria masculina, assim como no círculo literário, as mulheres ocupavam posição secundária. As personagens femininas se encontravam vinculadas a papéis social e culturalmente construídos, moldados conforme as convenções patriarcais. Zolin (2009) menciona que, além de tradicionalmente construídas, as personagens eram “submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem”, o que muda substancialmente quando retratadas nas obras de autoria feminina, nas quais são “engendradas como conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em relação a esse estado de objetificação” (ZOLIN, 2009, p.222).

Neste cenário, desponta George Sand (1804 – 1874) com sua primeira obra literária, *Indiana*, na qual investe com sensibilidade; o romance é marcado por uma linguagem delicada, eloquente e realista, cujo pilar central é a crítica à sociedade patriarcal, mais precisamente à forma como a mulher era tratada dentro da estrutura matrimonial. “Romance dentro da história, romance de 1830, *Indiana* é muito mais que um romance de tese que denuncia a opressão das mulheres dentro do casamento” (BORDAS, 2004, p.147, tradução minha)¹.

George Sand, pseudônimo masculino de Amandine Aurore Lucile Dupin, foi uma das principais representantes da literatura francesa do século XIX. Romancista, crítica e ensaísta, cumpriu um significativo papel na vida política de sua época, sobretudo pela representatividade dos ideais feministas em seus

¹ “Roman dans l’Histoire, roman de 1830, *Indiana* est bien autre chose qu’un roman à thèse dénonçant l’oppression des femmes dans le mariage” (BORDAS, 2004, p.147).

romances. A autora é considerada uma das precursoras do movimento pela igualdade de gênero e emancipação feminina no meio artístico e literário.

Indiana é uma das primeiras obras literárias a registrar a escrita de autoria feminina e o discurso em defesa da liberdade da mulher. A protagonista cujo nome intitula o romance é uma jovem de família abastada que cresceu na Ilha de Bourbon, colônia francesa. Criada ao lado de seu pai, teve uma infância na qual predominava o autoritarismo paterno; vítima de um casamento forçado, Indiana, encontra-se mais uma vez em um contexto no qual suas liberdades são suprimidas e sua autonomia sufocada pelas normas patriarcais.

Nesta pesquisa, trabalhamos com a edição de 1991 publicada pela editora Omnibus a qual encontra-se em língua francesa, visto que não há edições da respectiva obra em língua portuguesa. Deste modo, fez-se necessário a tradução das citações da obra literária em análise, bem como de outras advindas da revisão bibliográfica sobre a autora e obra.

Indiana narra a história de uma jovem crioula de família nobre advinda da colônia francesa Ilha de Bourbon e que se casa de maneira forçada com o Coronel Delmare, um homem violento e oficial do exército aposentado. A jovem vive junto de seu marido, sua ama e irmã de leite Noun e seu primo Ralph. Em meio à sua triste existência, surge Raymon de Ramière, amante de Noun, que vem a seduzir Indiana. Ao descobrir a traição, a ama se suicida e Raymon, apesar de reconhecer sua responsabilidade nessa tragédia, não desiste de se relacionar com a protagonista. Coronel Delmare decide voltar para Ilha de Bourbon devido à sua ruína nos negócios, todavia Indiana resolve deixá-lo e retornar à França para reencontrar seu amante que, no entanto, neste momento, já havia se casado com uma jovem rica e, por isso, a rejeita. Ela se encontra então em total desalento e é salva por seu primo Ralph que a informa da morte de seu marido. Juntos resolvem retornar à Ilha de Bourbon e diante das circunstâncias cometerem o suicídio em meio à natureza. Mas por uma intervenção diga-se sobrenatural, eles renunciam ao ato e vão viver como casal distante da civilização.

O romance narra não somente o autoritarismo machista, acompanhado da violência física e simbólica, mas demonstra a insatisfação da mulher que ousa romper com os jugos sociais por meio de uma relação extraconjugal. A sociedade e seu moralismo são, igualmente, as causas da infelicidade da protagonista, por via

das quais ocorre a supressão da liberdade de escolha e da subjetividade pelo domínio patriarcal, sendo que a posição de Sand é resultante das limitações e preconceitos de gênero que ela vivenciou e combateu.

Com a publicação de outros dois romances fomentando sua crítica, *Valentine* (1832) e *Lélia* (1833), George Sand recebe maior visibilidade, posto que em todas essas obras a figura da mulher é proeminente; a autora, então, se destaca por seu estilo e instrumento de crítica, bem como pelo fato de romper com os paradigmas de uma sociedade cuja produção literária pertencia ao âmbito masculino.

Como romancista, Sand deu vida a uma gama de perfis femininos, de maneira a aludir à universalização da experiência da mulher, tendo por escopo despertar em seus contemporâneos a relevância da literatura de autoria feminina, do seu espaço no domínio sociocultural, assim como as temáticas em torno do feminismo e do lugar da mulher na sociedade. A convergência nas apresentações das meditações e feições análogas em suas obras manifesta o descontentamento correspondente ao local relegado à mulher, publica o imperativo de transformação e evidencia, em sua concepção saint-simonista, o anseio pela emancipação política e religiosa das mulheres.

O modelo de estado francês do século XIX viabilizava e atestava o primado masculino na sociedade. Neste cenário, a mulher era delineada como domesticada e subalterna. Seu papel estava limitado ao círculo familiar e sua existência era totalmente atrelada aos representantes do sexo masculino. Hunt (1991) afirma que o pensamento da época engessava as mulheres em uma estrutura caracterizada por uma suposta debilidade intelectual, eram concebidas como o inverso do homem, identificadas por sua sexualidade e corpo.

Assim, a proposta desta pesquisa se centra no estudo do romance *Indiana* sob a perspectiva da crítica feminista tendo em vista a dupla colonização da mulher e sua desconstrução, de maneira que o contexto de produção, a autora e a ideologia anunciadas nas páginas do romance são considerados importantes expoentes para a realização dos nossos desígnios. Essa dissertação tem como objetivo principal estudar e analisar o romance *Indiana*, com foco na dupla colonização da mulher, bem como em seus desdobramentos dentro e fora da obra. Pretende-se, por isso,

refletir quanto às conjunturas sócio históricas, o público e o privado como elementos da obra.

A temática e os procedimentos empregados atravessam o campo literário, histórico, psicológico, filosófico e social. Nesta perspectiva, o presente estudo se propõe a investigar o processo de formação do discurso feminista dentro do romance enquanto literatura de protesto, atrelado à construção e desenvolvimento da subjetividade feminina e da mulher-sujeito; à crítica ao patriarcado e à defesa da emancipação da mulher, voltando o olhar, primordialmente, sobre a personagem central numa interface e busca pelo desnudamento da alteridade.

Para tanto, faz-se necessário destacar os dois planos nos quais apresentam-se a subserviência na narrativa: o ser mulher e o ser estrangeira vinda de uma colônia, nos quais atuam o que Bonnici (2005) chama de dupla colonização, de maneira que opera-se a objetificação da mulher através do poder falocêntrico associado à classe e à etnia. Bem como considerar a obra enquanto romance de aprendizado, na qual observa-se o desenvolvimento da protagonista de mulher-objeto à mulher-sujeito, a qual sai do estado de resignação para o estado de deliberação e independência.

Neste mesmo sentido, importa a abordagem do contexto de produção e as implicações resultantes da publicação da obra, bem como seu reflexo para a sociedade da época, principalmente, para o público feminino, examinando a problemática que envolvia o contexto histórico e social do século XIX, com vista a entender a situação das mulheres na sociedade, tratando de elencar o posicionamento contrário, por parte da autora, ao domínio efetuado pelo patriarcado.

De igual relevância para nosso estudo é compreender, no contexto da obra, como se dá a situação da mulher no matrimônio e na sociedade, visto que o público pode ser considerado como extensão do privado, de modo a construir perspectivas quanto à conduta da esposa diante do estado de tutela em que se encontra, e de mesmo modo, quanto à tirania marital. A proposta se presta ainda a debruçar na análise da desconstrução das definições tipológicas das personagens femininas e da universalização das experiências das mesmas, tais quais eram esboçadas em perfis

legitimados pelo modelo patriarcal, silenciadas na vida pública e privada e em estereótipos negativos e/ou inferiorizados.

O presente estudo teórico e crítico do romance *Indiana* revela-se, por isso, um acréscimo à área dos estudos de gênero e da crítica feminista. A pesquisa justifica-se pela notoriedade da militância feminista de George Sand, a qual difere das demais de sua época justamente por empreendê-la na literatura, e por ser considerada uma das precursoras da exposição dessa temática no âmbito literário.

Trabalhar a obra de George Sand implica em considerá-la uma intelectual e militante que, através do fazer literário, traçou uma temática de fundo político e social, abrindo possibilidades para a percepção dos desdobramentos literários, críticos e sociais de sua obra, bem como os reflexos para a teorização do feminismo nos séculos precedentes, até o século XXI. Embora Sand possua forte representatividade na literatura francesa, pode-se afirmar que as suas obras são praticamente desconhecidas em nosso país. São escassos os estudos sobre a escritora, suas obras, e a sua importância política e social no Brasil.

Sand discorre sobre a figura da mulher, vítima do domínio social que implica na retenção da autonomia, da liberdade e da subjetividade e, ainda, daquela que não se conforma com o sistema em que subsiste, sistema limitador e machista. A representação feminina, em suas obras, sugere ao leitor o cunho autobiográfico e psicobiográfico, trata-se de um espelho da autora e das demais mulheres da época cerceadas pelos princípios religiosos e pelo moralismo das convenções sociais, os quais funcionam como aparelho ideológico repressor da individualidade e agem como fomentadores da massificação.

Em meio a essa temática que abrange o matrimônio, a sociedade e a política, vislumbramos outra temática de importância a ser desenvolvida neste estudo, o que consideramos como a descolonização da mulher, a qual efetua-se por meio da evolução da protagonista dentro do romance, perpassando o âmbito das ideias, discursos e ações. A situação de colonizada e estrangeira retirada de seu território admite a reflexão sobre a dupla colonização da mulher.

Nosso estudo apresenta uma metodologia de caráter qualitativo, pois abarca uma perspectiva compreensiva ou interpretativa do objeto de estudo, tendo em vista a análise do discurso feminista com foco na dupla colonização da mulher em

Indiana. A presente pesquisa está dividida em quatro capítulos, nos quais dialoga com os pressupostos teóricos, juntamente com a apreensão das informações principais interpretadas na revisão da literatura. Para isso há apoio nas premissas dos estudos de gênero e na crítica feminista vinculadas aos estudos literários.

No primeiro capítulo, em que se enquadra o embasamento teórico, versa-se sobre a relação entre os estudos culturais e os estudos de gênero relacionados à literatura, respectivamente, bem como à crítica feminista. Abordando, ainda, a literatura de autoria feminina. Neste espaço, é possível compreender aos olhos de teóricos da área as diferenças na retratação da mulher sob a ótica da escrita feminina e da masculina que, em sua maioria, corresponde aos moldes patriarcais. De maneira que o modelo de submissão e subordinação feminino é exaltado e posto como sublime na escrita masculina, enquanto aquela que se desvirtua daquilo que lhe é imposto, que ousa ser livre das imposições sociais e viver sua subjetividade é representada em perfis carregados de perversidade e repulsa.

A revisão bibliográfica a respeito da autora e de sua obra, bem como um breve apanhado histórico são traçados no segundo capítulo, de forma a relacionar o ativismo político de George Sand com sua crítica à estrutura social e à situação da mulher no matrimônio e na sociedade ensejadas em *Indiana*. Faz-se importante, neste panorama, investigar o contexto histórico e político da época com foco na relação da mulher com a vida privada e pública, assim como a atividade de escritora que era praticamente restrita ao sexo masculino, tendo o labor da mulher uma ínfima visibilidade. Dessa forma, ousaremos tratar do silenciamento da mulher, e de igual maneira, do fato de a escritora publicar por meio de um pseudônimo que faz referência a um sujeito masculino.

O desenvolvimento da pesquisa ocasionou-se em consonância com os estudos pós-coloniais, ainda que nossas apreciações não tenham uma relação direta, ressalta-se que há duas personagens mulheres que se encontram fora de sua nação de origem. Trata-se de estrangeiras provenientes de uma colônia, o que oportuniza a dupla colonização da mulher. Tendo como base teórica os estudos de Bonnici (2005), o terceiro capítulo foi dedicado a investigar com profundidade e dar enfoque principal à dupla colonização presente e manifesta em *Indiana*, mulher branca e abastada criada em meio aos escravos e que, apesar de seu status social, se sentia igualmente em estado de tutela e cerceamento da liberdade. Por conseguinte,

estudaremos a descolonização da mente e do corpo da protagonista e as instâncias da feminilidade.

O discurso em defesa da alteridade permeia toda a obra e faz-se significativo elaborar parte da pesquisa pensando que, ainda que o foco incida principalmente sobre a protagonista, é importante perceber a presença dos diversos tipos de mulheres dentro da obra e que todas apresentam características constitutivas de tipos sociais, como pretendemos falar no primeiro capítulo de análise. A partir dessa reflexão, pensemos a alteridade não como contingente somente às mulheres, mas alcançando amplitude ao trazer a imagem da escravidão e a postura abolicionista.

Ao considerar-se a denúncia da subalternidade da mulher em todos os âmbitos e decompondo os distintos tipos de mulheres presentes da obra, sobretudo a classe social e o papel desempenhado pelas mesmas, no quarto capítulo, ensejamos notar que há esferas de sujeição maiores e menores, podendo variar entre a ama, Noun, e a mulher emancipada e de posses como Laure de Nagny, contudo admitindo que nenhuma deixa o lugar encerrado ao “segundo sexo”.

Uma parte de grande importância é o desenvolvimento da ideia de que *Indiana* é um romance de aprendizado, no qual a protagonista passa de um estado a outro em estágios que partem do reconhecimento de sua situação, passando pelo empoderamento até a emancipação. Para maior embasamento da crítica ao matrimônio, trabalharemos com a análise de diversas cenas que envolvem a violência física e simbólica contra a mulher, a forma com que a protagonista se reconhece no mundo e as maneiras nas quais traceja uma espécie de rebelião contra o matrimônio e o meio social na forma verbal e por meio do adultério.

Ao tomar como rumo os papéis socialmente construídos e delimitados, observaremos a tirania paterna e sua continuidade quando a jovem Indiana se une, em um casamento forçado, ao Coronel Delmare. O autoritarismo paterno é transferido para o marital, de forma que o homem conserva o lugar de liberdade e autonomia e a mulher o de renúncia e passividade, os quais lhe são ensinados como virtuosos desde o início de sua formação enquanto sujeito. Por meio das relações tracejadas no romance, Indiana torna-se reveladora da vida privada e pública nas quais as mulheres estão constantemente marginalizadas. Neste âmbito, é relevante analisar o tratamento e posicionamento de importantes figuras masculinas dentro

da obra em relação às mulheres que com eles convivem, fazendo um paralelo dessas relações como microcosmos do patriarcado.

Uma importante parte de nossa análise está na consideração da idealização da mulher na obra, o que se manifesta por meio de Indiana, o ideal da mulher que ao tomar consciência de seu estado toma para si forças e rompe com a sociedade e dela se retira para viver uma existência em liberdade.

Outro enfoque, em nossa pesquisa, é a análise da feminilidade e constatação de que as constantes angústias e péssimo estado de saúde da protagonista é uma das ferramentas utilizadas para denunciar o estado de opressão no qual ela vive. Seus desmaios e estados críticos de saúde revelam uma fragilidade física ligada ao seu estado psicológico, esses podem ser interpretados como uma forma de reação natural que lhe era possível até o momento em que se livra das amarras sociais e alcança emancipação.

Levando-se em conta a relevância da autora e a riqueza do romance a ser pesquisado, valida-se o estudo que focaliza a narrativa como *corpus* de grande complexidade. A pesquisa proposta justifica-se, portanto, como investigação na área dos estudos literários, intentando analisar o discurso e as representações presentes no primeiro romance de George Sand, os quais atestam, de forma clara, os ideais feministas da autora, com suas personagens apresentadas como porta-vozes de seu discurso de contestação.

George Sand é, por isso, uma das primeiras escritoras a utilizar o fazer literário para defesa da emancipação da mulher e da igualdade de gênero. A relevância de *Indiana* como *corpus* desta pesquisa, justifica-se por ser uma obra de uma das precursoras do feminismo na literatura ocidental, contribuindo para a revisão bibliográfica dos primeiros registros da literatura de autoria feminina e reabilitação da escritora e sua obra no contexto brasileiro, revelando os reflexos e empreendimentos do feminismo no campo cultural que, atualmente, tem alcançado visibilidade nos meios acadêmicos e sociais.

CAPÍTULO 1 – PERCURSOS LITERÁRIOS

1.1- Os estudos culturais e os estudos literários

Embora Sand seja uma autora canônica, pretendemos estudar seu romance considerando os estudos culturais, pois compreendemos sua obra como uma escrita de resistência, posto que evidencia a vivência da mulher colonizada e perpassa as estruturas de poder, tendo em vista a alteridade e a desconstrução dos protótipos sociais delimitadores da história das mulheres por meio da leitura sob lentes do século XXI.

A possibilidade de gerir pesquisas como esta, acerca da temática de gênero, passa pela estruturação do campo de pesquisa dos estudos culturais, o qual desempenha demasiada importância no avanço da análise literária de forma interdisciplinar.

No século XIX, grupos sociais emergentes inseriram, em sua pauta, debates cujo foco era a cultura, contudo apenas no pós Segunda-Guerra, houve a emergência dos estudos culturais como uma área de interpelação sobre a cultura em sua acepção genérica e antropológica. A discussão inicial se encerrava na tensão entre cultura “legítima” e cultura de massa, conforme Mattelart e Neveu (2003) explicam. Segundo os sociólogos “a questão central era compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente a das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou contrariamente, como modo de adesão às relações de poder” (MATTELART E NEVEU, 2003, p.14).

Escosteguy (1998) explica que os estudos culturais têm de ser considerados na perspectiva política e teórica, visto que, em seus primórdios, intentava-se edificar um projeto político, bem como um novo campo de estudos. De sorte que, no que tange ao âmbito político, a prerrogativa da política cultural era comandada por diversos movimentos sociais cujos objetivos estavam centrados numa espécie de “correção política”. O engendramento do ponto de vista teórico é advindo do descontentamento com as demarcações e limitações de algumas áreas de estudo, de forma que a proposta principal é o estudo interdisciplinar.

A área, então, segundo um dos seus promotores, não se constitui numa nova disciplina mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites. É um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos

culturais da sociedade contemporânea. Em análises que tentam mapear o centro de atenção deste campo, encontramos a seguinte avaliação: “Estudos culturais é um campo inter-disciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado” (ESCOSTEGUY, 1998, p.88).

Dessa forma, a cultura, de acordo com Mattelart e Neveu (2003) tangencia o lugar de veneração e erudição e passa a ser questionada em seu relacionamento com a manutenção do poder, concebendo assim que “as ideias dominantes são as ideias da classe dominante”. O objeto cultura passa a ser abordado na acepção do poder, incorporado à multiplicidade de valores e significações constituintes das identidades coletivas dos grupos reputados como dominados. Segundo os autores, é possível que essas identidades sejam articuladas por meio das dimensões de resistência ou aceitação à subordinação.

O conceito que permeará a discussão sobre hegemonia e estruturas de poder no presente trabalho é o da hegemonia cultural formulado por Gramsci (1978) por meio do qual afirma-se que a dominação ideológica ocorre quando os interesses e resoluções de uma classe são aplicados à toda a sociedade. Dados que nos permitem pensar sobre os apontamentos das pesquisas acadêmicas, considerando a realidade existente anteriormente ao desenvolvimento dos estudos culturais, a historiografia concentrava-se nos estudos de objetos culturais eruditos e em grupos elitistas.

A particularidade prevalecente da hegemonia é propriamente a elaboração de uma corrente ideológica que dê legalidade às classes dominantes afim de que sustentem o controle intelectual. Gramsci (1978) sobreleva que esse controle ideológico, sobretudo, assegura a colocação imperiosa da classe dirigente. Porém, a hegemonia não deve ser concebida como expressão estanque de poder dominador, porquanto necessita-se apelar às famigeradas alianças, articulações e ferramentas culturais para se colocar em posição de superioridade ideológica sobre os outros setores sociais, para, assim, efetivar o consentimento, ainda que inconsciente, da massa por ela conduzida.

Em contraponto, Gramsci (1978), estabelece o penhor vital que assegura a soberania da classe dirigente na sociedade civil. Para o estudioso, o estado não é hegemônico, mas o grupo que o controla, e o apoderamento da comunidade política

afiança essa hegemonia. Destarte, a subordinação de certo grupo social em relação a outro grupo é marcada pela admissão da visão de mundo do grupo dominante por parte do grupo dominado quanto aos meios políticos, social, econômico e cultural, ainda que essas concepções estejam na contramão da vivência e da materialidade de seu cotidiano e experiências. Esta concepção da realidade, de acordo com Gramsci (1978), é infligida de maneira automatizada pelos aparelhos sociais, e é improdutiva no sentido da formação da coerência e senso crítico, agregando, dessa forma, alienação das massas.

A supremacia de um grupo se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção intelectual e moral”. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a “liquidar” ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições fundamentais inclusive para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante, mas deve continuar a ser também [dirigente] (GRAMSCI, 1978, p. 62-63).

O intelectual orgânico se caracteriza por ser ativo e estar inserido no contexto de vida do grupo social, de forma que são pesquisadores e representantes, unindo, dessa forma, teoria e prática, tendo lógica nas implicações suscitadas pelo grupo em diligência prática, constituindo um bloco social e cultural (GRAMSCI, 1978, p. 16). Assim, para romper com o preceito hegemônico, os grupos subalternos carecem engendrar seu dispositivo hegemônico, ao passo que devem gerar seus próprios princípios ideológicos. “Portanto, o primeiro passo seria romper com o sistema hegemônico da classe dirigente e a ideologia dominante” (Portelli *apud* Alves, 2010).

Ademais, é importante, segundo Alves (2010), que o bloco social em progressão tenha seus intelectuais orgânicos os quais diligenciam uma intuição do mundo que corresponda à realidade do grupo. Para tanto, Gramsci (1978) explica que a assimilação dos intelectuais tradicionais, emissários da estrutura hegemônica vigente, por parte dos intelectuais orgânicos é relevante para o alcance da esfera de comando ambicionada pelos grupos sociais. A proeminência desse apontamento deve ser considerada não apenas para formular e estabelecer uma nova ordem segundo a ideologia do grupo emergente, faz-se considerável a crítica ao aparelho hegemônico, afim de desconstruir a ideologia pré-estabelecida, causando, dessa maneira, a desestabilização do sistema e despertar da massa alienada.

Foca-se ainda mais no conceito de ideologia que prevalece neste campo de estudos, porquanto é concebido como “provedora de estruturas de entendimento através das quais os homens interpretam, dão sentido, experienciam e ‘vivem’ as condições materiais nas quais eles próprios se encontram” (HALL, 1980, p.32). Além disso, a ideologia deve ser examinada “não só na linguagem, nas representações mas, também, nas suas formas materiais – nas instituições e nas práticas sociais através das quais nós organizamos e vivemos nossas vidas” (Turner, op. cit., p. 26).” (ESCOSTEGUY, 1998, p.90)

Como movimento intelectual contestatório, destaca-se, neste âmbito, o questionamento dos objetos e hierarquias acadêmicas, a reivindicação da dignidade e da consideração de uma cultura, e críticas de cunho político e social. Acentua-se, então, o questionamento quanto à condição de produção, circulação e reprodução de textos, seja na modalidade dos meios de comunicação ou na forma literária, e “sobre as instituições que não apenas reproduzem, mas também estruturam a recepção das formas simbólicas que são os textos” (MATTELART E NEVEU, 2003, p. 127), pois essas instituições exercem a manutenção do sistema hegemônico, propagando sua ideologia implícita ou explicitamente.

A literatura e os estudos culturais confirmam uma relação estreita. De acordo com Bordini (2006), no que tange às disciplinas literárias, o foco principal é dado à exegese textual que consiste na interpretação e explicação crítica de obras literárias, em sua recepção e em seu impacto ideológico cultural.

Por conseguinte, uma das funções do homem das letras é aproximar a autenticidade do real à massa submersa na repressão e tolhida de conhecimento e senso crítico. O significado de cultura “se torna a pedra de toque de uma filosofia política e moral. A literatura se torna seu símbolo e vetor. A frequência das obras é tida como capaz de modificar o horizonte de sensibilidade de uma sociedade presa à ideologia do ‘feito’” (MATTELART E NEVEU, 2003:19). Em consideração a esse despertar operado pela literatura, Eagleton (1994) expõe que a instrução literária tem o poder de desvelar e desarticular a manipulação da publicidade e pobreza linguística, detendo, assim, a degeneração da cultura.

Neste cenário, as pesquisas empenhadas no campo literário voltam-se para a transcendência da obra, de maneira que as investigações contam com a

colaboração de outras ciências como a sociologia, filosofia, história, psicologia, as quais são integrantes elementares da interdisciplinaridade como termo emblemático no plano dos estudos culturais.

O papel performático da linguagem e sua função mediadora das ações na esfera social demonstra a vivacidade da palavra nas instâncias do poder. Em se tratando da manifestação da identidade individual e coletiva, toca-se no reconhecimento da diversidade que gera instabilidade na esfera literária para o conceito de cânone e viabiliza o debate sobre os valores e a reabilitação da produção literária dos grupos minoritários, a exemplo das temáticas e produções pertinentes aos estudos de gênero.

A existência de múltiplas culturas, distribuídas em tribos e facções, regiões, cidades e bairros, ou até na esquina ou no condomínio, cada uma com sua especificidade e necessidades, determina uma alteração radical no campo dos estudos literários. A proliferação de manifestações lingüísticas que aspiram ao estado de arte verbal, lado a lado e rivalizando com formas expressivas não verbais ou semiverbais, também desdobrando-se e espalhando-se numa velocidade eletrônica, põe em causa a delimitação do objeto das teorias literárias, confundido cada vez mais com outros produtos culturais que reivindicam semelhantes poderes de significação estética (BORDINI, 2006, p.12).

A noção de identidade atravessa o campo da aceitação e da resistência, da valorização e do questionamento das estruturas. Dentro do campo de investigação literário, atenta-se ao fato de que a recepção desempenha influência sobre nossos comportamentos e atitudes. A preparação da narrativa, conteúdo, estilo e as categorias de recepção promovem inúmeros impactos ideológicos.

1.2- Estudos literários, estudos de gênero e estudos feministas, um espaço de diálogos

Na contemporaneidade, ao tratarmos das linhas de pesquisas literárias, salienta-se a assiduidade dos estudos de gênero, bem como do feminismo, os quais ao mesmo tempo que tangenciam os moldes estruturalistas de análise do texto literário, implantam uma nova modalidade de investigação que, em seu cerne, questiona a constituição dos cânones. O distanciamento do viés tradicional de pesquisa implica, a esses campos do conhecimento, a confecção de novas metodologias de análise que compreendam as demandas à respeito das identidades, focando, inicialmente, no gênero da autoria das obras, no gênero do público leitor

e nas relações de gênero no contexto das obras. Enquanto, no feminismo o foco está voltado para as inquições relacionadas ao papel da mulher como leitora e escritora.

De acordo com Butler (1994), o gênero é um construto discursivo, não é um fato natural, mas gerado, “poderia ser caracterizado como uma ‘estrutura’, um ‘molde’, ou uma ‘grade’ na qual (ou pela qual) o sujeito é ‘modelado’” (SALIH, 2015, p.74), diferentemente do sexo biológico que diz respeito à configuração corporal anterior às inscrições do gênero que é socialmente construído. Assim, as definições de gênero estão ligadas à questões identitárias, cuja atenção está maior voltada para os aspectos da construção do sujeito. Pensa-se nos processos que viabilizam a existência do indivíduo, de modo que admite-se que a formação desse sujeito é, de igual feitio, estruturada linguisticamente.

A distinção sexo/gênero e a própria categoria sexual parecem pressupor uma generalização do “corpo” que preexiste à aquisição de seu significado sexuado. Assim esse “corpo” parece ser um meio passivo, o que é significado por uma inscrição a partir de uma fonte cultural representada como “externa” em relação a ele. Contudo, quando “o corpo” é apresentado como passivo e anterior ao discurso, qualquer teoria do corpo culturalmente construído tem a obrigação de questioná-lo como um construto cuja generalidade é suspeita (BUTLER, 2010, p.185-186).

Salih (2015), ao analisar Butler, explicita que, para a estudiosa, a identidade é formada intrinsecamente na linguagem e no discurso, são essas as circunstâncias que sustentam o desenvolvimento do sujeito. Esses discursos, ela salienta, são grupos substanciais de asserções que controlam a forma como nos comunicamos e concebemos o mundo.

A definição do gênero implica espontaneamente a sexualidade: quem faz o que, e com quem? A identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa. “Normalidade” e identidade sexuais estão inscritas no contexto da dominação da mulher pelo homem (BUTLER, 1993, p.99).

A anatomia não é um destino, aponta Funk (2011), contudo funciona como base para o reconhecimento do determinismo biológico empreendido pelas estruturas sociais, o qual limita quais são, respectivamente, os comportamentos adequados, segundo a ideologia dominante para homem e mulher. “A identidade,

como a de gênero, a sexual ou qualquer outra, é produto tanto da cultura e do discurso, quanto da natureza que nos identifica na materialidade do corpo” (FUNK, 2011, p.67).

A discussão que integra os estudos literários e os estudos de gênero, iniciada na década de 1970, abarca em suas premissas a observação, na literatura, as marcas de gênero. A análise literária pelo viés do feminismo é anterior à de gênero enquanto categoria analítica situada internamente no campo dos estudos culturais, os primeiros dados apontam para o início do século XXI. No entanto, a emergência dos estudos de gênero muda o prisma analítico da crítica feminista, visto que, inicialmente, as pesquisas eram desenvolvidas por meio de concepções essencialistas das diferenças entre feminino e masculino, sendo o feminino sinônimo de submissão e o masculino de dominação. Os estudos de gênero recusam parcialmente essas premissas, não as negando em totalidade, ao passo que afirmam que essas características são socialmente construídas e não inerentes aos sexos, contribuindo, dessa forma, para o avanço dos estudos feministas.

A finalidade dessa nova forma de ler o texto literário não deve ser entendida como interpretações estanques sobre o gênero da autoria, visto que a literatura não é uma trivial repetição de ações, normas e valores da sociedade, há que pensá-la como um território vivo, onde coabitam representações simbólicas e históricas.

Os estudos de gênero versam sobre o que concerne a “toda e qualquer construção social, simbólica, culturalmente relativa, da masculinidade e da feminilidade” (SCOTT, 1990, p. 5). Dessa forma, eles se fazem presentes em grande parcela da produção teórica feminista. Ler, portanto, um texto literário tendo por base crítica os estudos de gênero, admite o desnudamento das alteridades, desconstruções acerca das ideologias e relações de gênero pré-estabelecidas, demonstrando como as ideologias dominantes estão estabelecidos nas estruturas narrativas no que se refere aos papéis sociais elegidos conforme o sexo. Por outro lado, reabilita produções literárias das vozes até então silenciadas e excluídas do cânone, a exemplo da literatura de autoria feminina, de feitio que oportuniza o questionamentos e discussões acerca da escrita feminina, seus discursos, estrutura, condição de produção, estética da recepção entre outros relevantes aspectos presentes na ficção textual.

Assim que revisitar a nossa identidade literária e cultural escrevendo a diferença na leitura do cânone, na revisão da historiografia literária e no resgate de vozes desautorizadas, em termos de gênero mas também de outras categorias da diferença como raça e classe social, significa reescrever o nosso sentido de nação, o que necessariamente implica conjugar as nossas capacidades afetivas, sociais e intelectuais na primazia a ser dada à socialidade e à responsabilidade no nosso encontro com o outro e com o passado (SCHMIDT, 2002, p.40).

É necessário esclarecer que os estudos de gênero em enlace com a literatura não se reduzem à investigação de cunho feminista, ao passo que se estende a uma gama de particularidades como a teoria queer, estudos acerca da masculinidade, performatividade do gênero, identidades, desejo, entre outros.

Distanciando-se de uma biologização do estudo da literatura, adotaremos a postura crítica dessa área de investigação, tendo em vista a crítica feminista como marco teórico para compreender a obra literária produzida por George Sand, aprofundando o contexto da época, recepção da obra, representações de gênero e as perspectivas que delineiam o discurso feminista no texto ficcional.

1.2.1- Literatura de autoria feminina e crítica feminista

A literatura de autoria feminina suscita diversas reflexões sobre seu lugar, desenvolvimento, discursos e particularidades. Neste sentido, as reivindicações feministas chegam ao campo artístico e cultural, de modo a reivindicar o espaço e o reconhecimento da mulher enquanto escritora, evidenciando o silenciamento e a exclusão das mesmas no cânone literário.

Em seus primórdios, o núcleo da crítica feminista, originada na década de 1970, incidia sobre a mulher enquanto leitora, desembocando, mais à frente, na observação do papel da mesma enquanto escritora. Essa linha evidenciava a predominância masculina como público leitor, visto que o acesso à educação era reduzido ou inexistente para as mulheres. A escolarização feminina se torna possível apenas para as classes dominantes no século XVIII, época da emergência do romantismo.

Constata-se, neste panorama, o crescimento do contingente de leitores, visto que o público desses romances é, em primazia, formado por mulheres, porquanto as obras eram consideradas como adequadas ao arcabouço intelectual feminino, por

se tratar de temáticas substancialmente direcionadas ao seu gênero, de modo a reproduzir-se a lógica patriarcal e suas ideologias.

Tal tipo de leitura estabeleceu múltiplos estereótipos em relação à leitura feminina, desde a alienação das leitoras até a fuga da realidade. Assim, a mulher leitora passa a ser concebida enquanto aquela que possui uma leitura despreziosa e ausente de senso crítico. É em consequência deste fundamento que a crítica feminista funda um modo de ler o texto literário perscrutando e obstinada a esclarecer a existência de dois tipos de leitoras, aquela que lê confessadamente empenhada em analisar os escritos, atentando-se ao arcabouço cultural e ideológico, e aquela que lê a ficção sem esses conceitos, um de seus escopos é desconstruir este último estereótipo.

Em seu desenvolvimento, a crítica feminista, de acordo com Showalter (1994), empenhou-se em questionar as relações de gênero nas obras de autoria masculina, engendrando uma leitura crítica sobre as representações sociais e a maneira como se perpetua o modelo hegemônico na literatura. Felski (2003:17) afirma que “as mulheres da ficção existem como o reflexo da lua, brilhando na projeção da luz moral do homem”, é contrariando essa logicidade que a crítica feminista se embrenha a reler a tradição literária ocidental redigida, em sua primazia, pelos homens.

Se as relações entre os sexos se desenvolvem segundo uma orientação política e de poder, também a crítica literária feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura. Ler, portanto, um texto literário tomando por instrumento os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista [...] implica investigar o modo pela qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (ZOLIN, 2005, p.182).

O patriarcado designou à mulher o lugar de inferioridade, visto que atenuou, no século XIX, a diferenciação entre os sexos. O feminino está ligado à esfera privada, a ele é relegado a passividade e submissão, ao passo que o modelo tradicional atesta o que Beauvoir (1945) afirma ser o segundo sexo. Nesta divisão,

ao homem foi reafirmado o espaço público, a ele cabe as decisões e funcionamento dos conjuntos de instituições sociais, econômicos e políticos, sendo que seu domínio opera-se até no âmbito literário.

Nestes termos, a corrente feminista demonstra que a exclusão da mulher se efetuava de tal forma na vida social que sua ausência e tentativa de silenciamento são compreendidos no meio intelectual, político e cultural. Na literatura, o fracionamento foi exteriorizado dada a oposição entre o masculino, a quem era outorgado a designação de criador e sujeito da representação. Ao feminino, foi proscrito o lugar de sujeito criado e objeto cabível de representação. No âmbito social, não era admitido que a mulher exercesse o labor da autoria literária, o fazer literário era competência masculina.

No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher (ZOLIN, 2005, p. 181).

Cabe aqui esclarecer que a análise de cunho feminista não deseja de maneira simplória imputar às obras de autoria masculina a representação da opressão à mulher em repetições machistas e misóginas, mas revelar e validar a assiduidade das mulheres na literatura. Concebemos a literatura como território vivo e simbólico, por isso reforçamos a sua ligação e reprodução dos acervos da realidade. A crítica literária feminista e os estudos de gênero não estão somente empenhados em reivindicar a igualdade e a alteridade, essas áreas de pesquisa buscam colocar à luz a representação da mulher na literatura e como tal representação concerne a demandas de cunho cultural, social e histórico.

Discutir o lugar relegado à mulher na sociedade e conseqüentemente na literatura, é um dos principais pilares da crítica feminista. “O modo com que a crítica feminista lê a literatura, calcada nos pressupostos teóricos do feminismo, constitui-se a partir de contradições socioculturais que fazem emergir a relação entre sexo e gênero” (ZOLIN, 2005, p. 200), daí a análise crítica do sistema patriarcal, mediada pelos estudos acerca da construção dos gêneros e “opressão de um gênero sobre o outro.

No feminismo, pensamento e ação juntam-se com vistas à construção de uma presença cada vez maior da mulher no espaço público, à denúncia da hegemonia masculina, à revisão dos papéis tradicionais de homem e de mulher, ao abalo da moral patriarcal. Até que ponto as demandas feministas pavimentam o caminho da desconstrução? É até que ponto este pensamento deixa suas marcas nas teorias feministas? (DUARTE, 2002, p.14)

Showalter (1994:24) afirma que “até muito recentemente, a crítica feminista não possuía uma base teórica; era um órfão empírico perdido na tempestade da teoria”, ela reconhece que as leituras da fase inicial do feminismo não tinham objetivos demarcados, posto que devotavam-se preminentemente a examinar as obras de autoria masculina sob a cerne dos marcadores sexuais, concebendo uma espécie de confrontação com os cânones. Sua segunda fase é concebida como etapa de concentração sobre a literatura escrita por mulheres, de maneira a afirmar a autoridade da experiência e formar uma leitura de resistência. O enfoque, dessa forma, prevalece sob o desnudamento da ideologia social e cultural dominante, trazendo para o centro da discussão o trabalho da escritora mulher, sua escrita e as representações.

A proposta de se debruçar sobre a produção feminina encerra, também, o revisionismo crítico. Posto que não há neutralidade na escolha e exclusão das mulheres no cânone literário, cuja constituição é patriarcal e as obras que ali se encontram são representativas dessa estrutura social. Esse apagamento da literatura de autoria feminina da tradição canônica e, conseqüentemente, dos estudos acadêmicos foi duramente e ainda é questionado pelo feminismo crítico que, de acordo com Zolin (2005), reavaliou-as e reabilitou-as, ampliando as perspectivas analíticas, retirando essa escrita das margens e trazendo para o centro de uma discussão que expõe a realidade da escrita da mulher e os limites da ideologia patriarcal.

O talento criador não é exclusivo dos homens bem postos na escala social, mas os meios para desenvolvê-lo, quase sempre, sim. Logo, o imperativo de se ter o teto todo seu vincula-se não apenas ao aprimoramento de uma vocação artística. Mais que isto, diz respeito à própria afirmação da mulher como sujeito de sua história (DUARTE, 2002, p.23).

Reabilitar a literatura feminina significa não somente desvelar os princípios fundamentais do cânone literário que são “marcados por preconceitos de cor, raça, de classe social e de sexo” (ZOLIN, 2005), escopa-se, ainda, abalá-lo e reestruturá-

lo, bem como tornar visível a produção literária da mulher e seu discurso que, por vezes, se adequa à convenção masculina, ou subverte-a.

Há ainda que se pensar nas condições de escrita dessas obras em um época na qual a mulher era quase que totalmente destituída de poder:

Mas para as mulheres, pensei, olhando para as prateleiras vazias, essas dificuldades eram infinitamente mais descomuns. Em primeiro lugar, ter um quarto próprio – sem falar num quarto sossegado ou num quarto sossegado ou num quarto à prova de som – estava fora de questão, a menos que seus pais fossem excepcionalmente ricos ou muito nobres, mesmo no início do século XIX (WOOLF, 1985, p.69).

Woolf (1985) acrescenta, ainda, no século XX, que a maior dificuldade encontrada pelas mulheres escritoras eram imateriais, pois lidavam com a hostilidade da sociedade que as desqualificavam e desestimulavam, considerando-as intelectualmente inferiores aos homens. A escritora suscita em seus leitores certo desconforto ao confrontá-los com um relato sobre um enunciado conferido a um professor de Cambridge, Sr. Oscar Browning, o qual, mordazmente, depunha que “a melhor entre as mulheres era intelectualmente inferior ao pior dos homens” (WOOLF, 1985:11). Esse padrão de discurso pode ser encarado como microcosmo das convicções sociais da época que eram asseguradas pelas preleções médicas e políticas.

Creemos que a submissão a um sistema de valores e modelo organizacional amparados nos moldes vitorianos, lançava a mulher ainda mais no status de subjugada. Os registros historiográficos demonstram que as mulheres que se empenhavam no labor da escrita buscavam romper o silêncio e construir suas narrativas como ferramenta do reconhecimento das qualidades femininas, de modo a se aproximar e empoderar as leitoras no distanciamento dos valores patriarcais. “A crítica feminista tem gerado conhecimentos significativos sobre os processos de constituição de nossa identidade literária e cultural, a partir do resgate de textualidades silenciadas na historiografia literária” (SCHMIDT, 2002 p.36). Embora essas constatações, reconhecemos que assim como há obras literárias repletas de potencial subversivo, a exemplo de *Indiana*, há romances redutíveis à alienação.

Segundo Butler (2010), a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso. A crítica feminista age no sentido de desnaturalizar os discursos

opressores que visam a modulação da subjetividade aos interstícios das instituições. Assim, ao pensar no âmbito literário, se é na cultura que se exerce a hegemonia, é de dentro dela que se pode combatê-la. Isso se refere tanto ao trabalho de análise no meio acadêmico tradicional quanto ao trabalho de escrita que busca subverter os parâmetros patriarcais. “As concepções logo-, falo-, fono- e etnocêntricas passarão pelo processo a que o filósofo denomina *desconstrução* e que consiste em abalar de dentro as estruturas desse edifício conceitual, explorando suas ambiguidades e contradições” (DUARTE, 2002, p.14).

Foucault (1993) promoveu uma reviravolta quando se dispôs a examinar a dinâmica do poder e afirmou que esse funcionaria numa espécie de rede, exercido a partir de múltiplos pontos que, simultaneamente, também produziriam resistências. Acreditamos que a literatura de autoria feminina, que escopa subverter as identidade pré-estabelecidas e as representações patriarcais, e a crítica feminista exerce o que chamamos de militância, montando uma frente de acusação e resistência às práticas e instituições que promovem a exclusão da produção literária feminina e também da mulher.

1.3- A desconstrução via estudos pós-coloniais e estudos feministas

Como eixo central de análise deste texto dissertativo, a dupla colonização da mulher e sua desconstrução tem por base os estudos pós-coloniais em conjunto com as propostas e reflexões da corrente feminista na literatura, de modo que esses pressupostos evidenciam a normatividade imposta sobre a mulher na esfera colonial, como pretendemos estudar segundo a representação da mulher-sujeito.

O pós-colonialismo é uma via pela qual o colonizado expõe sua contrariedade à dominação e herança imperialista. O feminismo, com ênfase sobre as questões de gênero, busca a desconstrução do patriarcado e a liberdade e autonomia feminina, os mesmos se interseccionam na abordagem das demandas daqueles que estão à margem, o colonizado e a mulher. Neste sentido, as duas áreas importam-se com a construção da identidade e da subjetividade de seus atores.

De acordo com Bonnici (2009), a colonização assentava-se no eurocentrismo, o qual apregoava a superioridade branca, cristã e patriarcal, ao passo que impunha sua cultura e costumes aos países sob seu domínio. Esse poder se

efetuava, de maneira geral, através da repressão e alienação dos colonos, de modo a imprimir-lhes o silêncio.

Os estudos pós-coloniais, campo de análise dos estudos culturais, surgido na década de 1970 sob égide de investigar e trazer para o centro das discussões as produções, neste caso, literárias do período colonial e pós-colonial, trabalha com temas que permeiam o âmbito identitário e a alteridade. Fala-se da cultura anterior à dominação imperial e a fortuna de tradições. Contudo, essa escrita permanecia negligenciada, visto que haviam cerceamentos quanto às expressões que se distanciassem dos fundamentos políticos e canônicos (BONNICI, 1998, p.7).

O pós-colonialismo assim como a crítica feminista, em sua historicidade e desenvolvimento, passou por etapas de focalização, nas quais, se circunscreveu, primeiramente, estudos empenhados na análise de obras escritas por representantes da esfera colonizadora. Bonnici (1998) explica que esses textos que não se limitavam à literatura, se dedicavam a minudenciar a geografia, a língua e os costumes da colônia, sob a ótica eurocêntrica, privilegiando, dessa forma, a metrópole em detrimento da colônia.

Ao evidenciar os textos redigidos por nativos instruídos na metrópole, a segunda etapa versava sobre a produção feita na língua do colonizador e sob seu direcionamento. Envolvendo, assim, a efetivação do processo de alienação por meio do qual o colonizado passa a expressar mais afetividade à cultura do dominador, relegando ao esquecimento sua identidade nacional.

Na terceira etapa, como explica Bonnici (1998), evidencia que o resgate à identidade e ao legado nacional deu início à investigação sobre o rompimento com as normas impostas pela metrópole em meio ao discursos que subvertiam os padrões e alçavam a um maior patamar a tomada da subjetividade.

A ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações e reflexões sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro (BONNICI, 1998, p.8).

Assim, o conceito de literatura pós-colonial compreende a produção literária dos povos colonizados por parte das potências europeias, originando-se a partir da experiência do colonizado.

A crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado. Esta abordagem envolve: um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização; o auto-questionamento do crítico, porque solapa as próprias estruturas do saber, ou seja, a teoria literária, a antropologia, a geografia eurocêntricas; engajamento do crítico, porque sua preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos, para a recuperação da história, da voz e para a abertura das discussões acadêmicas para todos (BONNICI, 1998, p.9-10).

Subjugados por instâncias de poder análogas, o pós-colonialismo e o feminismo seguem no desvelamento e desconstrução dos pressupostos eurocêntricos que relegavam a mulher e o colono ao status de subalternidade. Enquanto os colonizados são marginalizados pela metrópole, a mulher é subjugada pelo patriarcado. A analogia entre “patriarcalismo/mulher, metrópole/colônia ou “colonizador, colonizado” como propõe Bonnici (1998), transporta-nos à profícua relação entre esses campos de estudos e reivindicações.

Observar a literatura pela estética da exclusão, sob as lentes das vozes excluídas do cânone e das minorias, tendo em vista a desconstrução das definições tipológicas em torno da dupla colonização do feminino, propicia, por meio deste diálogo, compreender que a mulher está submersa por dois sistemas de dominação, o poder colonizador e o poder patriarcal. Esse desvelamento, para nossa pesquisa, propõe o questionamento à respeito da opressão e silenciamento que lançam a mulher na performance de sujeito-objeto.

Efetivamente, a dupla colonização causou a objetificação da mulher pela problemática da classe e da raça, da repetição de contos de fada europeus e da legislação falocêntrica apoiada por potências ocidentais. Entre outras, a mais eficaz estratégia de descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem (experiência de Sistren) e da experimentação linguística (BONNICI, 1998, p.14).

Em uma autêntica perspectiva feminista, cujo foco incide na exploração da mulher e sua luta pela libertação, o romance *Indiana* compreende a dialética tanto do patriarcado/mulher quanto do colonizador/colonizado, por meio da representação da personagem principal que é originária da Ilha de Bourbon, colônia francesa. George Sand não é uma escritora proveniente de uma colônia, mas em sua obra, tornou visível os paradigmas que enfrentaram aquelas que experimentaram o

subjugo da colonização e do patriarcado, a exemplo da protagonista, pois assim como o colonizado pode ser reescrito na história, a mulher também o pode.

O silenciamento do colonizado é análogo ao da mulher, sendo que dentro desse contexto o emudecimento da mesma é maior que o do homem. A pessoa em situação de subalternidade não tem oportunidade na concretização de seu ato de fala, não é ouvida, em sua voz não há autoridade mas submissão (BONNICI, 1998, p.14).

A análise sob a perspectiva da desconstrução, a partir da conceituação de Derrida (1971) de que a linguagem é um possibilitador da diversidade e de que há lacunas na fala e na escrita, incide na decomposição dos elementos enunciativos para encontrar excertos textuais de onde emanam ordens e interdições de forma implícita e/ou dissimulada. A desmistificação do poder hegemônico atrela-se ao movimento das representações da identidade que transita do seu conceito tradicional para o reconhecimento da alteridade.

A junção dos estudos feministas aos pós-coloniais oportuniza o resgate de textos suprimidos tanto pelo patriarcado quanto pelo governo colonial, visto que transgridiam as normas das respectivas esferas do poder. Alçaremos, por isso, analisar o nosso *corpus* literário tendo como bases teóricas primordiais a crítica feminista e os estudos pós-coloniais, de forma a abordar a existência da mulher colonizada na metrópole e os desdobramentos sócio políticos e subjetivos deste estado.

CAPÍTULO 2 – TRAVESSIA HISTÓRICA: REVOLUÇÕES POLÍTICAS E DE PENSAMENTO

2.1- Contextualização Histórica

O contexto no qual se insere a produção e ambientação da obra é o período anterior, presente e após as Revoluções de 1830, cogita-se que a narrativa abarque um espaço temporal de uma década entre o início do enredo e a carta que relata o estabelecimento da vida de Ralph e Indiana refugiados na Ilha de Bourbon. Além da forte representatividade da história das mulheres, como delineada e discutida ao longo de nossa pesquisa, é possível a percepção das marcas dos acontecimentos históricos via diálogos entre os personagens, bem como do panorama político e social pertinente às mulheres e das cenas históricas representadas na obra.

A conjuntura histórica e a criação artística, segundo Candido (2006), residem em contiguidade no interior das obras literárias. Relativamente ao domínio de *Indiana*, apreendemos a retratação de uma determinada época e localidade, a França do século XIX. O profuso realismo com que o romance é narrado e a elocução da escritora ensinam vincular os aspectos estéticos e sociais na obra, de forma que a esfera social não se conforma exclusivamente como um fundamento externo, como código que viabiliza o reconhecimento da expressão de determinada época ou de uma sociedade no conteúdo da obra; “nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística” (CANDIDO, 1965, p.7).

Contemplamos, no romance, cenas políticas da vida privada e cenas públicas nas quais os personagens se encontram em meio aos episódios históricos. Centrado na vida sentimental da jovem protagonista cujo nome intitula a obra, o enredo transporta-nos da vida privada à vida daqueles que vivem os acontecimentos históricos. A narrativa romântica se centra no final do período conhecido como Restauração Francesa e na Revolução de Julho de 1830 que pôs fim a esse período da história da França, uma revolução curta, contudo demasiado violenta como representada na seguinte citação da obra.

Enquanto ela se debatia contra a suspeita imensamente absurda acerca dos triunfadores, ela ouvia assegurar-se ao seu redor que a realeza havia caído, que o rei estava fugindo e que os ministros haviam sido massacrados pelos partidários. Essas notícias,

proclamadas em meio aos risos, tripúdios e gritos de alegria, eram um golpe mortal para Madame Delmare (SAND, 1991, p.448, tradução minha)².

Com a queda do Império Napoleônico no ano de 1815, na batalha de Waterloo, o Rei Luís XVIII (1814 - 1824) da linhagem dos Bourbons ocupou o trono francês e, neste panorama, de acordo com Hobsbawm (2010), três grupos políticos se destacavam na disputa pelo poder: o liberal, que era composto por bonapartistas e republicanos os quais criam nas premissas da Revolução Francesa; o ultrarrealista que visava a restauração do Antigo Regime e dos privilégios que a nobreza havia perdido; e o constitucionalista que reunia a alta burguesia e tinha por objetivo fazer com que a carta constitucional do Rei Luís XVIII fosse outorgada, visto que tratava da formação da câmara e outras resoluções cívicas.

Na citação seguinte, é ilustrado o posicionamento político e ideologia partidária de alguns personagens frente ao panorama francês no que concerne à liderança política:

Ralph seguia sempre sustentando seu sonho de república de onde ele desejava excluir todos os abusos, todos os preconceitos, todas as injustiças; todo projeto fundado sobre a esperança de uma nova raça de homens. Raymon sustentava sua doutrina da monarquia hereditária, era melhor, dizia ele, suportar os abusos, os preconceitos e as injustiças que ver se levantar os cadafalsos e derramamento de sangue inocente.

O coronel era quase sempre do partido de Ralph no começo da discussão. Ele odiava os Bourbons e colocava em suas opiniões toda a animosidade de seus sentimentos. Mas logo Raymon o amarrava com destreza ao seu partido provando a ele que a monarquia estava, em termos de princípio, bem mais próxima do Império do que a República (SAND, 1991, p. 223-224, tradução minha)³.

² Tandis qu'elle se débattait contre les soupçons assez absurdes des triomphateurs, elle entendit assurer autour d'elle que la royauté était tombée, que le roi était en fuite et que les ministres avaient été massacrés avec tous leurs partisans. Ces nouvelles, proclamées avec des rires, des trépignements, des cris de joie, portèrent un coup mortel à Mme Delmare (SAND, 1991, p.448).

³ Ralph allait donc toujours soutenant son rêve de république d'où il voulait exclure tous les abus, tous les préjugés, toutes les injustices ; projet fondé tout entier sur l'espoir d'une nouvelle race d'hommes. Raymon soutenait sa doctrine de monarchie héréditaire, aimant mieux, disait-il, supporter les abus, les préjugés et les injustices, que de voir relever les échafauds et couler le sang innocent.

Le colonel était presque toujours du parti de Ralph en commençant la discussion. Il haïssait les Bourbons et mettait dans ses opinions toute l'animosité de ses sentiments. Mais bientôt Raymon le rattachait avec adresse à son parti en lui prouvant que la monarchie était, comme principe, bien plus près de l'Empire que de la République (SAND, 1991, p. 223-224).

O romance traz imbricado em seu enredo personagens que figuram como tipos políticos e sociais. Numa observação inicial, é possível atinar que Ralph e M. Delmare são liberais, o primeiro republicano e o segundo bonapartista, e Raymon seria parte dos constitucionalistas. Mesmo o fato de as mulheres, na obra, estarem alheias às discussões políticas é um sinalizador do contexto interno e externo ao romance sandiano, de forma a representar uma determinada época de uma sociedade, a França da primeira fase do século XIX.

O sucessor de Luís XVIII, seu irmão, Carlos X (1824 – 1830), em meio a uma crise econômica, em 1827 trouxe descontentamento às classes ao aumentar seus impostos. Tal crise atingiu os setores industriais e, primordialmente, o comércio. Juntando-se à crise que afetou o mundo em 1829, o retorno do absolutismo de direito divino favorecia somente a nobreza e trouxe ordenanças que não atendiam ao interesse da burguesia, a exemplo da suspensão da liberdade de imprensa, da invalidação da câmara e do aumento do censo eleitoral, o que culminou no movimento revolucionário de 1830. Os *Trois glorieuses*, conforme as palavras da autora em consonância com o que observara, com sua ideologia e com o discurso historiográfico, marca a derrota definitiva dos aristocratas pelo poder burguês na Europa ocidental.

Durante os três dias gloriosos, o palácio das Tulherias foi tomado e, temendo por sua segurança, Carlos X fugiu. Assim, a alta burguesia conseguiu colocar no posto mais alto da política francesa Luís Felipe D'Orleans (1830 – 1848). O rei burguês fortaleceu o poder legislativo, conforme indicações da carta constitucional, assegurou a liberdade de imprensa e baixou o censo eleitoral. Os investimentos nos setores industriais resultaram no recuo da crise econômica. E embora, as manifestações das massas fossem altamente reprimidas, nessa época começa-se a formar no cenário francês a classe operária que mais tarde em 1848 seria protagonista de uma nova revolução, “uma força política autoconsciente e independente” (HOBSBAWM, 2010, p. 186-187) que se espalha pela Europa assim como a Revolução de 30 que não se restringiu à França, mas pode ser considerada como uma onda que obteve diversos desdobramentos além fronteira.

As revoluções de 1830 mudaram a situação inteiramente. Como vimos, elas foram os primeiros produtos de um período geral de aguda e disseminada intranquilidade econômica e social e de rápidas transformações. [...]Cidade sempre agitada, Paris em

julho de 1830 mostrava as barricadas surgindo em maior número e em mais lugares do que em qualquer época anterior ou posterior. [...] Com o progresso do capitalismo, “o povo” e os “trabalhadores pobres” podiam ser cada vez mais identificados com o novo proletariado industrial como “a classe operária” (HOBSBAWM, 2010, p.194).

Os *Trois Glorieuses*, como são chamados os três dias nos quais a revolução eclodiu, são retratados, na obra, como plano de fundo de diversas ocasiões apresentadas na quarta parte do romance, para a qual convergem todas as ocasiões em catástrofes, assim como a Revolução que expressa o estado de crise a que os personagens estão envoltos. Raymon, amante de Indiana, exprime claramente a reação assombrosa e terrível da aristocracia frente à Revolução, mas é sobre a protagonista que incide as maiores experiências diante da Revolução de Julho.

Mas tamanha foi sua surpresa e susto, quando desembarcou, ao ver a bandeira tricolor voar sobre os muros de Bordeaux! Uma violenta agitação transtornava a cidade: o prefeito quase havia sido massacrado na véspera; o povo revoltava-se de toda parte; a guarnição parecia se preparar para uma luta sangrenta [...] (SAND, 1991, p.447, tradução minha)⁴.

Acontecimentos semelhantes ao que é defendido pelos historiadores a respeito desse episódio histórico e político são retratados na obra, não a fim de que seja um romance de cunho historiográfico, mas como retrato de uma época, ambiente de uma narrativa sentimental. “Cena política, no sentido estrito, Indiana, romance dentro da história, encontra dentro da evocação da Revolução de Julho sua peripécia decisiva” (BORDAS, 2004, p.20).

Indiana possui algumas lacunas a serem preenchidas, erige-se por isso a proposta de trabalhar, em centralidade, aspectos que se voltam para a escrita feminina como auto-ficção que se presta à construção de alegorias da situação política e histórica francesa. Ao observar a relação de Indiana e Ralph sob a abordagem de cunho feminista, abrem-se perspectivas amplas, entre elas o veículo para o estudo de uma situação que passa quase que despercebida dentro do romance: os embates ideológicos entre Inglaterra e França de maneira alegórica relacionados às questões de gênero. Visto que a autora ocupa-se em discutir questões de ordem

⁴ Mais quels furent sa surprise et son effroi, en débarquant, de voir le drapeau tricolore flotter sur les murs de Bordeaux ! Une violente agitation bouleversait la ville ; le préfet avait été presque massacré la veille ; le peuple se soulevait de toutes parts ; la garnison semblait s’apprêter à une lutte sanglante [...] (SAND, 1991, p.447).

social, pode-se afirmar que o contexto político e histórico na obra referidos são elementos significativos dentro de suas leituras possíveis.

Assim, tenciona-se ainda dentro desta última fase da experiência de Indiana recolher na acessibilidade do romance determinadas alegorias em que as realidades, tanto de *Indiana*, quanto da França e seu embate com a Inglaterra e a condição da mulher no século XIX, se fundem, tornando-se um conteúdo uno (CANDIDO, 2000). É exequível constatar a presença dos marcadores textuais, tais como as noções de colonização, dominação, poder, liberdade, emancipação, feminismo e abolicionismo. Julga-se, assim, que a carga semântica e etimológica dos termos recorrentes no romance auxiliam a pensar, com mais predicado, as categorias sociológicas e históricas.

Naquele período, as duas potências europeias passavam por cisões diversas entre elas. Ao pensar no contexto em questão, percebe-se a diferenciação das relações sociais e econômicas difundidas após a queda do Império Napoleônico derrotado pela Inglaterra. A obra que apresenta-se cerca de vinte anos após esse período, no contexto das revoluções lideradas por Luis Felipe de Orleans contra o conservadorismo, trata de maneira alegórica o embate entre Inglaterra e França, assim a alegoria reporta-se a um acontecimento que maneja duplas significações e sentidos figurados.

De acordo com Benjamin (1928), o dilucidar de uma alegoria exige uma leitura atenta à intertextualidade, e que possibilite compreender significados mais profundos cujo intento é de caráter moral. Benjamin concebe a alegoria do ponto de vista da descoberta de uma verdade oculta. Uma alegoria não apresenta os fatos tal qual ocorreram, mas empresta-lhes uma exposição diferente.

Indiana é controversa e revolucionária diante da situação política do século XIX, tanto em vista da história e reivindicação das mulheres, quanto do ponto de vista histórico, dos valores morais, coloniais e abolicionistas com base nas imbricações entre as duas nações europeias.

Muito além dessas assertivas, o microcosmo sócio-histórico da obra apresenta assim a relação entre a protagonista e Sir Ralph, jovem inglês, republicano e primo da protagonista, que nutria por ela sentimentos amorosos e pode ser considerado do ponto de vista alegórico como a Inglaterra. Indiana, como

alegoria da França, resiste aos ensejos desse personagem ao longo da obra, mas é somente unindo-se a ele que volta à sua terra natal e alcança certa autonomia, emprestando-se ao discurso emancipatório e libertário no sentido de mulher-sujeito e abolicionista, o que abre veículo para vários paralelos históricos.

Em concordância com Bakhtin, Kristeva (1969) elucida que a alteridade pode ser concebida como definidora do ser humano, pois é por meio da interação que é dado o princípio fundamental da linguagem, a comunicação, trazendo à realidade que a materialização do outro é condição para nossa própria constituição.

Esses coeficientes dentro da narrativa sobre a alegoria dos impérios intrínsecos aos personagens e sobre as relações de poder e dominação socioeconômicas entre eles expande a constatação dos ideais libertários nos quais a Inglaterra pode ser projetada como homem e a França como a mulher, Ralph e Indiana. Delineadas habilmente, cogita-se talvez que essas questões foram postas de forma inconsciente, pois ainda que seu objeto de escrita seja considerado até então de cunho feminista, considera-se que o real perpassa o ficcional e que a escrita de Sand é atravessada por sua condição de mulher, socialista e militante feminista na sociedade francesa de 1830, e pode também ser atravessada por certos valores ingleses, a exemplo do teor abolicionista da obra.

2.2- George Sand, a mulher por detrás do pseudônimo

Aurore Amandine Lucile Dupin (Paris, 1 de Julho de 1804 - Nohant, 8 de Junho de 1876), verdadeiro nome de George Sand, foi uma das principais representantes da literatura francesa do século XIX. Romancista, crítica e ensaísta, desempenhou um grande e importante papel na vida política de sua época, principalmente pela representatividade dos ideais feministas em suas obras. A autora é considerada uma das precursoras do movimento em prol da igualdade entre os sexos, direito que só será assegurado pela constituição francesa de 1946, somente um século mais tarde, ela se difere das demais de sua época, justamente por efetivar sua militância por meio da literatura, e por ser considerada uma precursora neste campo.

Romancista, crítica literária, dramaturga, ensaísta e jornalista, o acervo de produção de Sand conta com mais de uma centena de romances, peças teatrais, contos, artigos e demais produções voltadas para o meio político. O seu ativismo

político e posição feminista foram adotados precocemente e atenuados com a aquisição da concessão de seu divórcio e pelo alcance de sua independência econômica, o que contribuiu para que o principal escopo de sua crítica esteja voltado para o matrimônio, fundamentalmente, em suas primeiras obras literárias. Muito da obra de Sand, e não somente alguns de seus romances, é consagrado aos problemas enfrentados socialmente pelas mulheres, buscando defender suas demandas e elaborar denúncias.

A literatura francesa do século XIX é marcada pela presença da escritora que, como romancista, criou uma gama de perfis femininos, de maneira a sugerir uma universalização da experiência feminina, tendo por escopo despertar em seus contemporâneos a consciência da relevância da literatura de autoria feminina e do seu papel na arte em geral.

De acordo com Perrot (1998, p.385), Sand foi uma “mestiça social” que desde muito cedo compreendeu a desigualdade social. Excluída da cidadania política, Sand que chegou a participar de reuniões na Câmara dos Comuns em Paris disfarçada como homem, ensajou, por meio da literatura, se opor à biologização da diferença entre os gêneros que fazia com que a teoria da divisão das esferas públicas e privadas fosse justificada por fundamentos naturalistas. Perrot (1998) afirma, ainda, que o poder só cerceou a fala das mulheres porque reconhecia seu poder, é assim, por meio de lutas, associações, publicações e perseguições que George Sand passa a ser conhecida e posteriormente requisitada nos meios políticos.

Até o fim do século XIX, a escrita feminina ainda era considerada um tabu diante do grande domínio das publicações de autoria masculina e poucas foram as mulheres que publicaram suas obras fazendo uso de seu verdadeiro nome, Sand não foi uma exceção. Em *Histoire de ma vie*, obra autobiográfica, a autora relata desde a motivação de utilizar um pseudônimo até as implicações do uso do mesmo. Casada com Casimir Dudevant, foi impedida pela Baronesa de Dudevant de utilizar o sobrenome da família para sua primeira publicação (Sand, 1885).

Zolin (2009) demonstra que Sand não foi a única, em sua época, a denunciar a opressão da mulher e a publicar por meio de autoria anônima. Após a primeira onda do feminismo, a profissão de escritor não estava mais restrita ao sexo masculino, ainda que, para se consolidarem como escritoras, elas tivessem que

recorrer ao uso dos pseudônimos para, assim, escaparem das possíveis represálias contra seus romances. Neste âmbito, destacam-se a inglesa Mary Ann Evans cujo pseudônimo era George Eliot e a autora aqui abordada, Amandine Aurore Lucile Dupin, George Sand. Em seu estudo sobre gênero e literatura, Zolin (2009) explicita, ainda, que houve aquelas que conseguiram sucesso ao publicar com seus verdadeiros nomes, no entanto depois de inúmeras dificuldades.

O acesso à escrita, domínio sagrado, é também uma zona de afrontamentos e de controvérsias [...]. A “mulher autora”, esta “pretensa literata” detestada, atrai para si todos os sarcasmos. Uma mulher que escreve, e sobretudo, que publica, é uma mulher desnaturada que prefere abrigar-se sob um pseudônimo masculino. Seu sucesso provoca escândalo: ele é depreciado. Vejamos George Sand e seus “romances rústicos”. Relegados à prateleira da Biblioteca Verde para adolescentes (*La Petite Fadette*, *La mare au Diable*), eles fizeram esquecer a obra multiforme de uma escritora imensa, que redescobrimos apenas nos dias de hoje (PERROT, 1998, p. 271).

A literatura de autoria feminina alavancada a partir do século XIX como desdobramento da primeira onda feminista no ocidente representa não somente uma reivindicação pela liberdade, como também o desejo pela liberação da singularidade tão reprimida pelos mecanismos e sujeitos opressores presentes nas esferas pública e privada.

No feminismo, pensamento e ação juntam-se com vistas à construção de uma presença cada vez maior da mulher no espaço público, à denúncia da hegemonia masculina, à revisão dos papéis tradicionais de homem e de mulher, ao abalo da moral patriarcal. Até que ponto as demandas feministas pavimentam o caminho da desconstrução? E até que ponto este pensamento deixa suas marcas nas teorias feministas? (DUARTE, 2002, p.14)

Então, por que George Sand? Em 1830, em Paris, ela conhece Jules Sandeau, com o qual manterá um relacionamento amoroso durante três anos, neste período, juntos, eles escrevem o romance *Rose et Blanche*. O fato da baronesa de Dudevant não lhe permitir publicar com o nome de sua família, leva a escritora a publicar sob o nome de J. Sand que, como nota-se, é a contração do nome de seu amante (Sand, 1885). Mas, ao redigir *Indiana*, a romancista se deparou mais uma vez com a problemática da autoria, já que seu amante não concordava em assinar um livro cuja autoria não lhe pertencia e devido às represálias e perseguições possivelmente sofridas, o mais sensato era permanecer no anonimato:

O nome que eu deveria colocar nas capas impressas não me preocupava muito. Em todos os casos, havia resolvido guardar o

anonimato. Uma primeira obra foi esboçada por mim, e refeita juntamente com Jules Sandeau, para Delatouche dei o nome de Jules Sand. Essa obra levou um outro editor a pedir um outro romance sob o mesmo pseudônimo. Havia escrito *Indiana* em Nohant, desejei entregá-lo com o mesmo pseudônimo, mas Jules Sandeau, por modéstia, não quis aceitar a paternidade de um livro que ele desconhecia totalmente (SAND, 1885, p. 32, tradução minha)⁵.

Dessa maneira, a autora decide manter o sobrenome Sand. Entende-se que o emprego de um pseudônimo, naquela época, vai muito além de uma escolha estética, pensa-se na organização social na qual as mulheres estavam constantemente em estado de tutela e cerceamento de suas liberdades individuais. Pelas temáticas e críticas sociológicas demarcadas em suas obras, permanecer no anonimato era o único viés pelo qual poderia divulgar suas ideias. Hunt (1991) demonstra como o pensamento da época engessava as mulheres em uma estrutura caracterizada por uma suposta debilidade intelectual.

A concepção da mulher, talhada especialmente para o privado (e incapaz para o público), é a mesma em quase todos os círculos intelectuais do final do século XVIII. [...] Esta é representada como o inverso do homem. É identificada por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o homem é identificado por seu físico e energia. O útero define a mulher e determina seu comportamento emocional e moral. Na época, pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. As mulheres tinham músculos menos desenvolvidos e eram sedentárias por opção. A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar os filhos. Desse modo, o útero definia o lugar das mulheres na sociedade como mães. O discurso dos médicos se unia ao discurso dos políticos (HUNT, 1991, p. 50).

Propor-se a ser reconhecida no meio literário por meio de um nome masculino justifica-se pela estrutura social na qual a autora se encontrava, no entanto se choca com o liberalismo feminino presente em seus romances. O pseudônimo está diretamente atrelado à sua identidade, pode-se supor que, para a autora, além da impossibilidade de usar seu verdadeiro nome, utilizar uma

⁵ Le nom que je devais mettre sur des couvertures imprimées ne me preocupa guère. En tout état de choses, j'avais résolu de garder l'anonyme. Un premier ouvrage fut ébauché par moi, refait en entier ensuite par Jules Sandeau, à Delatouche fit le nom de Jules Sand. Cet ouvrage amena un autre éditeur qui demanda un autre roman sous le même pseudonyme. J'avais écrit *Indiana* à Nohant, je voulais le donner sous le pseudonyme demandé ; mais Jules Sandeau, par modestie, ne voulut pas accepter la paternité d'un livre auquel il était complètement étranger. (SAND, 1885, p. 32)

nomenclatura do sexo oposto representa o não distanciamento da competência da escrita feminina para a masculina.

O que é um nome em nosso mundo revolucionário e revolucionador? Um número por aqueles que trabalham e combatem. Fiz, sozinha e para mim mesma, uma reflexão tardia sobre aquele que me deram para meu trabalho. Jamais explorei o trabalho de outro, nem comprei, nem peguei emprestado uma página, uma linha que seja. Dos sete ou oito mil francos que ganhei durante vinte anos, não me restou nada, e hoje, como há vinte anos, eu vejo, no dia-a-dia, esse nome que protege meu trabalho e esse trabalho do qual não fiz reserva de uma moeda. Eu não sinto que alguém tenha alguma reprovação quanto a mim, e sem ser orgulhosa de qualquer coisa (não fiz nada além da minha obrigação), minha consciência tranquila não vê nada para mudar no nome que a designa e a personifica (SAND, 1885, p.605, tradução minha)⁶.

No entanto, a escrita de George Sand denuncia a presença da mulher por detrás do pseudônimo. De acordo com Bordas (2003, p.173):

Victor Charlier, no *Journal des débats*, evidenciou o fato de que a autoria de *Indiana* só poderia partir de uma mulher: Uma mulher delicada e frágil possui esse admirável dom da escrita, uma simples mulher, possuindo lágrimas na voz e no coração soube lançar esse olhar fechado sobre a sociedade (BORDAS, 2003, p.173).

Às mulheres é recusada a palavra pública, essa dupla proibição cidadã e religiosa revela a construção das instituições de poder através do discurso. “O Verbo é o apanágio dos que exercem o poder. Ele é o poder. Ele vem de Deus. Ele faz o homem. As mulheres estão excluídas do poder, político e religioso” (PERROT, 1998, p.318).

O feminismo é o meio de tomada da palavra, “foi ele quem criou um espaço de palavra feminina, admitida, a partir de então, com maior ou menor condescendência” (PERROT, 1998, p.324). De acordo com Perrot (1998), George Sand é a grande figura da mulher emancipada do século XIX, a qual buscava

⁶ Qu'est-ce qu'un nom dans notre monde révolutionné et révolutionnaire ? Un numéro pour ceux qui travaillent ou combattent. Celui qu'on m'a donné, je l'ai fait moi-même et moi seule après coup, par mon labeur. Je n'ai jamais exploité le travail d'un autre, je n'ai jamais pris, ni acheté, ni emprunté une page, une ligne à qui que ce soit. Des sept ou huit cent mille francs que j'ai gagnés depuis vingt ans, il ne m'est rien resté, et aujourd'hui, comme il y a vingt ans, je vis, au jour le jour, de ce nom qui protège mon travail et de ce travail dont je ne me suis pas réservé une obole. Je ne sens pas que personne ait un reproche à me faire, et, sans être fière de quoi que ce soit (je n'ai fait que mon devoir), ma conscience tranquille ne voit rien à changer dans le nom qui la désigne et la personnifie. (SAND, 1885, p.605)

participar do meio político, embora os impedimentos, e defendia a participação das mulheres. No meio político, assim como nas demais esferas públicas, a presença da mulher era marcada pela ausência, era essa sua forma de organização, masculina e excludente.

O feminismo apoia-se mais na dissociação das esferas de vida, herança adquirida da tradição evangélica livre – que acentua as qualidades específicas das mulheres e o seu papel na vida pública – e da polarização burguesa dos caracteres masculino e feminino. As mulheres souberam, portanto, fazer valer o poder da esfera privada e subverte-lhe os limites levando para cena política as questões ditas privadas (KAPPELI, 1994, p. 542).

Woolf reflete sobre a importância religiosa na vida de uma mulher no século XVI e como isso poderia influenciar em sua produção literária, concluindo que muito provavelmente ela não assinaria sua obra. Esse mesmo reflexo incide sobre a vida de mulheres no século XIX, as encerrando no anonimato. “Currel Bell, George Eliot, George Sand, todas vítimas do conflito interno, como provam seus escritos, buscaram inutilmente esconder-se atrás de nomes de homens” (WOOLF, 1985, p.66).

George Sand possuía “o teto todo seu”, sua condição econômica a permitia escrever, o que, certamente, lhe proporcionou desenvolver sua militância por meio da literatura e seu pioneirismo no feminismo. Considerada por Flaubert como o “grande homem do século”, embora tenha sofrido perseguições e fortes críticas por ser uma mulher à frente de seu tempo, no meio literário e artístico Sand era laureada. Mourois (1956, p.7), na nota preliminar da biografia sobre a autora *Lélia ou a vida de George Sand*, declara:

Quanto a Alain, falava em Sand com respeito. “Que grande mulher”, dizia ele, e o seu tom de voz dava a entender que essa grande mulher era um homem eminente. Acrescentam-se a estes dois fiadores, os mestres que foram os seus contemporâneos. Reflita-se que ela inspirou Chopin e Musset; que Delacroix tinha um “atelier” em casa dela; que Balzac vinha pedir “à colega George Sand” o enredo de um de seus livros mais bonitos: *Béatrix*; que Flaubert a chamava “Minha prezada mestre e chorou quando soube de sua morte; que Dostoiévski via nela um escritor “quase único pela força do espírito e talento” (MOUROIS, 1956, p.7).

Apesar de sua excelência, devido à configuração social, as obras e trajetória de Sand sofreram apagamentos que refletem no conhecimento e estudos sobre seus trabalhos.

Precisamos recuperar e escrever as histórias de mulheres bem como nossas atividades nos relatos e narrativas que as culturas contam sobre elas mesmas. Além disso, também precisamos pensar sobre como as chamadas atividades femininas são parcialmente constituídas por e através de sua localização dentro da trama de relações sociais que formam qualquer sociedade (FLAX, 1992, p. 247).

No Brasil, por meio das plataformas virtuais, podemos constatar como é defasada ou inexistente as pesquisas acadêmicas sobre a autora e suas obras. É necessário pensar-se a estruturação das bibliografias e ementas de nossos cursos de literatura, porquanto, ainda que academia tenha evoluído no sentido de dar atenção às vozes desautorizadas pelas estruturas hegemônicas por meio da emergência dos estudos culturais, a exclusão feminina do cânone literário ainda é incômoda e perceptível. São reflexões que nos levam a questionar a impedimento do acesso a essas produções, posto que a literatura francesa a que temos aproximação é masculina e branca e nos traz para o centro de uma discussão, ainda hoje, quanto ao lugar relegado à literatura de autoria feminina.

Alçar o presente estudo sobre o romance *Indiana*, parte do desejo de reabilitar a obra e dar visibilidade à uma das precursoras do feminismo na literatura, afirmando seu lugar de relevância e o impacto de suas publicações para as conquistas feministas.

2.3- Produção e recepção de *Indiana*

A primeira obra literária de George Sand é marcada, principalmente, pelas fortes características românticas, principalmente, pela presença maciça do mal do século que toma fortemente a protagonista, a qual busca em meio à natureza alívio e consolo para seu constante sofrimento. Na elaboração da defesa da mulher na respectiva obra, a autora buscou contextualizar todo o meio em que a protagonista está inserida, é importante destacar como a narrativa introduz o leitor neste mundo, caracterizando todo o ambiente em uma monotonia que manifesta-se desde a estação em que se encontra até o estado psíquico das personagens.

Antônio Candido (2006) afirma que a dimensão histórica e a construção artística convivem como um conjunto dentro das obras literárias. Em se tratando do universo de *Indiana*, percebemos a expressão de uma época, do século XIX e da classe burguesa. Narrada com bastante realismo, o trabalho da autora permite alinhar os fatores estéticos e sociais na obra. De maneira que a obra de Sand

considera a esfera social, não de forma externa, “como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística” (CANDIDO, 2006).

Os questionamentos quanto à condição de produção e circulação do romance transportam-nos a entender a recepção do texto literário enquanto forma simbólica. O romance foi reeditado e seu sucesso não se limitou à França. Bordas (2004) afirma que, segundo uma publicação da *Revue de Paris* datada de setembro de 1832, a obra literária atraiu demasiada atenção da crítica graças à novidade temática, riqueza de detalhes e verossimilhança, posto que é realista quanto às teses sociais. Para seus contemporâneos, *Indiana* revela senso autobiográfico e a universalização da experiência feminina.

Em 15 de maio de 1832, o *Journal des débats* anunciou o lançamento de *Indiana*. Distanciando-se da moda de seu tempo, George Sand se ligava ao romance realista, ela colocava sob evidência a situação da mulher dentro da família de 1830. A romancista abordava de maneira crítica um problema que não poderia deixar os leitores indiferentes: aquele do casamento e do adultério (BORDAS, 2004, p. 172, tradução minha)⁷.

A crítica da época, a exemplo de Sainte-Beuve (Bordas, 2004), articula a análise da obra tendo em vista as propriedades formais do texto, como a estruturação da narrativa, conteúdo e estilo, contudo não exclui as impressões em torno do social, segundo as quais o romance se apresenta tanto no plano poético quanto no político, coroadado tanto pelo forte realismo, quanto do imaginário. Conforme este intento, a recepção de *Indiana* por parte dos especialistas é versada tanto do ponto de vista formal quanto do sócio-cultural.

Como já apontado, o romance teve boa repercussão na França, sendo publicado, de igual maneira, na Inglaterra, Itália e Alemanha. Neste contexto, já havia um público leitor formado por mulheres, ainda que não fosse substancial como o masculino, visto que a educação feminina era um privilégio para as mulheres provenientes dos meios abastados. Infere-se, dessa forma, que o romance

⁷ Le 15 mai 1832 le *Journal des débats* annonce la mise en vente d'*Indiana*. S'éloignant de la mode du temps, George Sand s'attachait avec ce nouveau roman à la réalité, elle croquait sur le vif la situation de la femme dans la famille de 1830. La romancière abordait de façon critique un problème qui ne pouvait laisser les lecteurs indifférents : celui du mariage et de l'adultère. (BORDAS, 2004, p. 172)

de George Sand chega às estantes de muitas mulheres, e considerando os efeitos ideológicos de uma obra literária não redutível às meras repetições das representações patriarcais, articula-se novas formas de pensamento e concepção do universo social feminino, operando, até mesmo, o empoderamento das leitoras.

No entanto, algumas feministas não conceberam o texto de Sand dessa forma. À época, Flora Tristan, por exemplo, a acusou de não criticar diretamente as instituições patriarcais e produzir um texto que não rompia em sua totalidade com os estereótipos hegemônicos. No entanto, na contemporaneidade, *Indiana* é concebida como uma obra que ousou explicitar a situação opressiva da mulher no meio privado e público.

Na *Magazine Littéraire* de maio de 2004, fora citado: “Mulher? A questão é inevitável” de Christine Planté, e de Michelle Perrot: “George Sand não traiu o feminismo”. Para essas duas autoras, se a baronesa de Dudevant não foi exatamente uma das primeiras combatentes feministas, seus romances evidenciaram claramente os problemas, e à título pessoais, ela soube preservar seus direitos, obtendo uma separação amigável e depois judicial com seu marido Casimir Dudevant. Graça aos seus talentos de escritora, ela demonstra que uma mulher pode obter autonomia financeira, coisa rara para a época (RENARD, 2004, p.28)⁸.

Indiana foi considerada como um forte grito de cólera contra a sociedade e sobretudo contra o casamento por parte de seus contemporâneos. As pesquisas mais recentes sobre o romance apontam para os traços sócio-históricos da época, evocando sobretudo a postura subversiva da normativa patriarcal.

2.4- A literatura como instrumento de denúncia

Trabalhar as obras de George Sand implica em considerá-la uma intelectual orgânica e militante que, através do labor literário, traçou uma temática de fundo político e social. Assim, importa perceber os desdobramentos literários, críticos e

⁸ Dans « *Le Magazine Littéraire* » de mai 2004 déjà cité : « *Femme ? La question inévitable* » de Christine Planté, et de Michelle Perrot « *George Sand n'a pas trahi le féminisme* » (17). Pour ces deux auteurs, si la baronne Dudevant ne fut pas à la pointe des premiers combats féministes, ses romans ont à l'évidence posé clairement les problèmes, et à titre personnel, elle a su préserver ses droits en obtenant une séparation d'abord amiable, puis judiciaire d'avec son mari Casimir Dudevant. Grâce à ses talents d'écrivain, elle démontre qu'une femme peut obtenir son autonomie financière, chose rare à l'époque (RENARD, 2004, p.28).

sociais de suas obras, bem como os reflexos para a teorização do feminismo nos séculos precedentes, até o século XXI.

Para Said (2005), o intelectual é aquele que se compromete com o que prega, por ser “dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público”, pode-se, assim, afirmar que essa posição compreende cuidado e ousadia, posto que o mesmo está constantemente exposto e é reconhecido publicamente.

Gramsci (1998) acredita que as minorias necessitam da presença e organização dos intelectuais para que alcancem consciência crítica, que segundo ele, não virá de maneira espontânea. Dessa forma, as mulheres enquanto grupo silenciado e dominado concebem significações sobre realidade social, visto que o feminismo e a crítica feminista possuem seus intelectuais orgânicos. É por estar em seu local de fala e transcorrer na literatura e no meio político sobre o feminismo, que consideramos, em nossa pesquisa, George Sand enquanto uma intelectual orgânica que ensajou articular a valorização das mulheres e desestabilizar os pilares do patriarcado em seu discurso contra ideológico.

O problema, portanto, não é efetivamente a diferença em si, a diferença entre mulheres e homens. O problema é a diferença vista como sendo da mulher em relação ao homem. É o modo pelo qual a diferença é apreendida e tratada como imperativa e essencial. É a forma pela qual ela afeta nossos modelos de conhecimento e de relacionamento, com vantagens para alguns e desvantagem para outros. E é por essa razão que temos necessidade de entender o discurso, a linguagem em uso, não como um sistema transparente de significação no mundo, mas como um instrumento de construção pois o processo pelo qual adquirimos conhecimento é discursivo (FUNK, 2011, p.69).

Antônio Candido (2006) postula que “a arte é expressão da sociedade e se interessa pelos problemas sociais”. Com efeito, em suas obras, Sand discorre sobre a figura da mulher, vítima do domínio social que leva à perda da autonomia, da liberdade e da subjetividade, ou ainda, daquela que não se conforma com o sistema em que subsiste, sistema limitador e patriarcal. Trata-se de um espelho da autora e das demais mulheres, cerceadas pelos princípios religiosos e do moralismo das convenções sociais, os quais funcionam como aparelho ideológico repressor da subjetividade.

Segundo Perrot (2009), a Revolução acentuou a definição das esferas pública e privada, “valorizou a família, diferenciou os papéis sexuais, estabelecendo uma oposição entre homens políticos e mulheres domésticas. Embora patriarcal, ela limitava os poderes do pai em vários pontos e reconheceu o direito do divórcio. Ao mesmo tempo, proclamou os direitos do indivíduo”. Vários direitos civis ainda estavam restritos somente aos homens, vitimadas por um sistema político essencialmente patriarcal, em meio às lutas de classes, é notável o grito, ainda que enfraquecido, do pensamento das feministas, visto que é, justamente, contra essa submissão e passividade que Sand e outras feministas da época, a exemplo de Flora Tristan, discursavam.

Através do estudo e da análise de textos literários canônicos, tem-se a constatação das relações de poder entre os sexos, desde a vida privada à pública. Por meio da consideração de que essas relações são encadeadas de acordo com a orientação política e de poder, para Zolin (2009:328) “a crítica literária feminista [...] trabalha no sentido de interferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura”.

O modelo de estado patriarcal na França do século XIX fornecia e legitimava a supremacia masculina na sociedade. A mulher se encontrava, neste contexto, como exemplo de amansada, domesticada, submissa, tendo suas responsabilidades restritas ao âmbito doméstico. No contexto em que a escritora se encontrava, o homem era senhor do espaço público, porém, como este espaço e seu gênero eram considerados superiores, o âmbito doméstico acabava subordinado também a ele, o que dava uma falsa autonomia às mulheres. A suposta “liberdade doméstica” só existia efetivamente quando coincidia com os interesses do pai ou marido. Hunt (1991) nos dá um panorama desse contexto:

Os revolucionários limitaram o papel das mulheres ao de mãe e irmã - dependendo, para suas identidades, dos maridos e dos irmãos; Sade as converteu em prostitutas profissionais ou em mulheres cujo papel principal é sua disposição em se deixarem acorrentar pelos homens, tendo como única identidade a de objetos sexuais. Nessas duas representações do privado, as mulheres não possuem qualquer identidade própria - pelo menos é o que desejam os personagens masculinos, pois, na verdade, elas são apresentadas como destruidoras em potencial, como se

fosse mais do que evidente que jamais aceitariam voluntariamente os papéis que lhes são designados (HUNT, 1991, p.49).

Percebemos, igualmente, que a presença do feminismo na literatura baseia-se no romper dos discursos tradicionais, em busca da elevação e libertação política e religiosa do “eu” feminino, bem como a desconstrução do espaço secundário marcado pela exclusão da vida pública e pela submissão. Dessa forma, pode-se afirmar que a escrita feminina alavancada a partir do século XIX como desdobramento da primeira onda feminista na América e na Europa representa não somente uma reivindicação pela liberdade de escrita, como também o desejo pela liberação do seu “eu” tão reprimido pelos mecanismos e sujeitos opressivos presentes nas esferas pública e privada.

O intelectual é alguém que tem sua existência significativa ao passo que anuncia a verdade com o escopo de “subverter o poder da autoridade” (Said, 2005). Sand articula aquilo que acredita por meio de suas obras literárias, traçando denúncias ao comportamento masculino e à condição da mulher na sociedade, elaborando, assim, uma literatura com caráter de protesto.

O que se passa com *Indiana*, em 1842, é com o prefácio, caracterizado principalmente por uma denúncia unívoca à condição da mulher na sociedade, uma baixa de tensão em relação à versão de 1832. Essa denúncia está presente em *Indiana* desde 1832, e não há contestação possível sobre esse ponto (BORDAS, 2004, p. 192, tradução minha).⁹

O liberalismo presente nas obras de Sand a respeito da figura feminina, remete à filosofia político social feminista, a qual se define como um campo para elaboração de novas práticas e ideais que possam vir a intervir efetivamente e de forma direta sobre a vida das mulheres. Em *Política feminista e da natureza humana*, Alison Jaggar (1983) explicita que as teóricas feministas, em cada abordagem, fizeram uso de uma ideologia particular. Para a autora, a filosofia política feminista, define-se através de uma corrente empenhada em mudar a realidade da mulher em todo o mundo. A militância de George Sand se aproxima,

⁹ Ce qui se passe avec *Indiana* en 1842, c’est avec la préface, caractérisée principalement par une dénonciation univoque de la condition de la femme dans la société, une baisse de tension par rapport à la version de 1832. Cette dénonciation est présente dans *Indiana* dès 1832, et il n’y a pas de contestation possible sur ce point. Seulement la façon d’appréhender la situation de la femme dans la société se fait selon les modalités autrement complexes et profondes qu’en 1842 [...]. (BORDAS, 2004, p. 192)

mais precisamente, do campo do feminismo liberal, que é melhor ilustrado pela definição funcional e completa de Nancy Cott (1987): 1. A defesa da igualdade entre os sexos ou oposição à hierarquia dos sexos; 2. O reconhecimento de que a situação das mulheres é construída socialmente, historicamente definida pelos usos sociais; 3. A identificação com as mulheres enquanto grupo social e o apoio a elas.

No ativismo feminista liberal, as feministas travaram inúmeras batalhas no legislativo e na política pela criminalização da violência contra a mulher, direito à propriedade privada e ao voto. Como um dos pontos-chaves da militância da época, na qual George Sand se inseria, está a crítica à diferenciação sexual nas esferas privada e pública, já que a mulher estava encerrada no ambiente doméstico, fazendo da relação de poder familiar algo apropriado, de modo que o público pode ser considerado como extensão do privado, justificando assim, o tratamento da mulher na sociedade patriarcal.

O discurso feminista nas obras literárias tem como um de seus escopos esclarecer a sociedade e principalmente o público feminino quanto ao meio político, através do qual entende-se a forma com que as mulheres ao longo da história foram versadas e retratadas. Tanto a crítica feminista, quanto a literatura de autoria feminina em sua maioria, importa-se com a organização de novos ideais, saberes e justificativas, organizando instituições e práticas políticas que possam intervir inteiramente sobre a existência das mulheres.

CAPÍTULO 3- A MULHER ESTRANGEIRA: AS VOZES QUE ECOAM DA COLÔNIA

3.1- O pós-colonialismo e a dupla colonização do corpo feminino

No que tange à transformação das estruturas de dominação, o pós-colonialismo e o feminismo caminham lado a lado, visto que trabalham no sentido de desconstruir a hegemonia que por meio do discurso paira sobre gerações, imprimindo o silêncio e a subalternidade. De acordo com Bonnici (2005) os discursos pós-coloniais e feministas trabalham no sentido de integrar o marginalizado na sociedade.

A descolonização e o discurso colonialista eram também impregnados pelo patriarcalismo e pela exclusividade sexista. O termo *homem* e seus derivados incluíam o homem e mulher; o mesmo privilégio não era dado ao termo *mulher*. A ideologia subjacente consistia, portanto, na junção das noções metrópole e patriarcalismo que estavam empenhadas em impor a civilização europeia ao resto do mundo (BONNICI, 2005, p.229).

O pós-colonialismo distancia-se da noção de superioridade cultural, tratando do desvelamento do poder colonial, na busca independência, bem como da identidade nacional e cultural. A constituição das referências à identidade apresenta-se de forma incisiva na ideologia feminista que busca da mesma forma desvencilhar-se das estruturas de significações do poder, realizando, assim, a desarticulação das identidades em relação aos padrões tradicionais direcionados à mulher. Assim que “se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada” (BONNICI, 1998, p.13).

Santos (2010, p. 32) elucida que a literatura pós-colonial tem o intuito de “dar expressão à experiência do colonizado, ao passo que os escritores procuram subverter tanto temática, quanto formalmente, os discursos que sustentaram a expansão colonial: os mitos do poder, raça e subordinação, entre outros”. Compreendemos, dessa forma, o forte vínculo que estas literaturas tem com a afirmação de uma identidade nacional, cultural e individual, ao passo que buscam romper com o domínio ideológico e desconstruir o imperialismo e o colonialismo.

Afim de desnudar certos discursos que se camuflam por detrás de um enunciado, a desconstrução foca no que está explícito e no não-dito, ao considerar que o que está recalcado e oculto é imprescindível para análise e compreensão do

texto, sobretudo ao assumir desvelo à alteridade. Assim, para entender o pós-colonialismo e as relações de gênero como conexões sociais, faz-se necessário desconstruir diversos significados incrustados nas alocações hegemônicas, ainda que “esse processo de desconstrução esteja longe de se completar e certamente seja fácil” (FLAX, 1998, p. 238).

O termo “descolonização” designa o processo pelo qual uma ou várias colônias obtém ou reavém a sua independência política, econômica e cultural. Dentro do diálogo feminismo/pós-colonialismo é válido aplicar o termo ao corpo feminino no qual está inscrito significados e informações sociais e culturais que marcam a sujeição e submissão efetivada na conjuntura da dominação dos homens sobre as mulheres, como afirma Bourdieu (1998).

Portanto, “as concepções logo-, falo-, fono- e etnocêntricas passarão pelo processo de *desconstrução* que consiste em abalar de dentro as estruturas desse edifício conceitual, explorando suas ambiguidades e contradições.” (DUARTE, 2002, p.14). Dessa forma, consideraremos a descolonização como a prática de desmascaramento e aniquilação do poder que outremiza a alteridade de povos, nações e mulheres:

A mulher, assim como os negros e os índios, foi subjugada no processo de expansão territorial das potências europeias, daí, muitas vezes, os conceitos operatórios do pós-colonialismo, tais como linguagem, voz, silêncio, discurso, poder, entre outros, serem partilhados pelo feminismo. Trata-se, no fim, de dois modos de ler e pensar a literatura, empenhados em desnudar-lhe posturas ideológicas – colonialistas e/ou patriarcalistas – e, sobretudo, promover a visibilidade de discursos e práticas contraideológicas oriundas dos colonizados/oprimidos em relação aos poderes colonizadores (ZOLIN, 2005, p.53-54).

Arrolando o texto literário à sociedade e à história, que se apresentam de maneira “palimpsésticas”, Bakhtin (1981) considera os textos enquanto discursos que se cruzam no processo dialógico. Segundo Taylor (1994), o reconhecimento identitário depende diretamente das relações dialógicas estabelecidas com os outros. A materialização em forma de linguagem é feita por meio do “discurso de outrem” que está marcado também pela alteridade e a singularidade, as quais são inerentes ao portador do discurso.

[...] não seria uma abstração dizer que a crítica feminista fornece elementos para se pensar as questões não examinadas das diferenças intra-nacionais e das exclusões no campo da literatura

e da cultura geral, o que implica desnaturalizar as premissas sobre as quais os conceitos de identidade, de nacional e de canônico estão predicados e ressignificar o que entendemos por colonialismo, porque esse, é preciso dizer, também apresenta sua versão doméstica (SCHMIDT, 2002, p.39).

Cabe assinalar que os diálogos estabelecidos entre a literatura e os outros campos do conhecimento consentem para novas formas de leitura do texto literário, as quais são inúmeras em seus interesses estilísticos, estruturais e discursivos. Essa reflexão teórica e a análise da textualização do cultural contribuem para a compreensão das relações de gênero e pós-coloniais tracejadas na literatura; pensando a sociedade e a naturalidade da ação crítica, ao passo que articula-se às vozes silenciadas.

Na ótica Sandiana, a colônia se encontra em superioridade se comparada à metrópole quando se trata de um território mais aproximado da liberdade, de maneira que se contrapõe à verdade histórica de que estes locais e seus colonos eram subjugados e explorados em favor da estrutura de poder do país dominador. cremos, por isso, que o objetivo da autora é inverter o discurso imperial. Essa descentralização como um dos pressupostos básicos dos estudos pós-coloniais apresenta-se na obra em meio à sua descrição elogiosa da colônia e do seu efeito de riqueza natural que, na ótica romântica, remete ao estado de realização do espírito e liberdade onde o homem pode ser ele mesmo em plenitude.

3.2- Traços da colônia: a mulher e a escravidão

Partindo de questionamentos quanto ao significado do nome da protagonista, percebemos que não há transcrito no texto, de maneira clara, a significação do mesmo, a não ser pelos desejos e ações da protagonista, dessa forma é necessário que adentremos a obra sob o olhar pós-colonialista e feminista, atentaremos para dois traços relevantes: a origem da jovem; e o anseio por uma existência autêntica, ausente de leis e rótulos limitadores.

Indiana é proveniente de Bourbon, ilha do oceano pacífico colonizada pela França. O distanciamento da colônia e a passagem à metrópole não configuram como mudança de tratamento para a personagem, mas como de cárcere. Indiana desloca-se do ambiente colonial, mas permanece como colonizada. Neste novo ambiente ela é a “criola”, a mulher da colônia, sendo dessa forma mais inferiorizada que em sua terra natal.

A leitura de *Indiana* nos leva a destacar dois planos em que se apresentam a subserviência: da personagem enquanto mulher e enquanto estrangeira vinda de uma colônia. Nisto atua o que Bonnici (2005) chama de dupla colonização, de maneira que opera-se a objetificação da mulher através do poder falocêntrico associado à classe e raça. De acordo com Bourdieu (1998), o corpo é o meio pelo qual nos identificamos desde o nosso nascimento e é onde são inscritos todos os significados sociais e culturais. Este mote autoriza-nos a visualizar a marca da sujeição e da submissão inscritas também no corpo feminino proveniente da colônia, é importante enfatizar que o romance trata do drama da mulher cuja sociedade onde vive determina sobre ela significações que conjecturam ser coerentes ao seu gênero, versa-se sobre o corpo que sofre pela dominação e abatimento.

Carregada de sentidos, a identidade dessa jovem é permeada pela adjetivação “criola” que remete às suas origens. Citado inúmeras vezes no romance, o termo alterna em enaltecimento quando se refere à beleza: “Sua timidez se juntava à sua graça natural, e Raymon sentia seu coração tocado pelo tom dessa voz crioula, tão doce que parecia feita para pedir ou para abençoar” (SAND, 1991, p.67, tradução minha)¹⁰, e em tom depreciativo ao se direcionar ao seu intelecto e às origens de Indiana:

Ignorante como uma verdadeira crioula, Madame Delmare não havia até lá pesado os graves interesses que agora eram discutidos diante dela. Ela havia sido ensinada por sir Ralph, que tinha uma opinião medíocre da inteligência e do raciocínio das mulheres, e se limitava a lhe dar alguns conhecimentos positivos e de uso imediato (SAND, 1991, p.234, tradução minha)¹¹.

Sociedade e civilização são, igualmente, as causas da infelicidade da protagonista que estava limitada ao ambiente doméstico e à falta de liberdade. Contudo, não aceitava piamente as demandas do patriarcado. No início do romance, em meio ao silêncio da protagonista, percebemos os índices de resistência que operam sobre o corpo que se abate em lágrimas e gemidos. O corpo dentro da obra

¹⁰ Sa timidité ajoutait à sa grâce naturelle, et Raymon se sentit touché au coeur de l’accent de cette voix créole, un peu voilée, si douce, qu’elle semblait faite pour prier ou pour bénir. (SAND, 1991, p.67)

¹¹ Ignorante comme une vraie créole, Mme Delmare n’avait jusque-là jamais songé à peser les graves intérêts que maintenant on discutait chaque jour devant elle. Elle avait été élevée par sir Ralph, qui avait une médiocre opinion de l’intelligence et du raisonnement chez les femmes, et qui s’était borné à lui donner quelques connaissances positives et d’un usage immédiat. (SAND, 1991, p.234)

é carregado de simbolismos, visto que a prisão em que subsiste é devido ao mesmo e é através e para ele que se empreende a descolonização iniciada na mente pela conscientização do estado de tutela a que a personagem está submersa, passando pelas reações emocionais, até se concretizar na expressão linguística.

O lugar das mulheres na sociedade francesa era o do segundo sexo (Beauvoir, 1949), o homem era a norma e a mulher era o desvio. É a sociedade através das instituições formadoras de consciência que estabelece os papéis. A idealização da protagonista, em todas suas características psicológicas e ações, se estabelece como oposto ao que é idealizado pela sociedade. Entendendo, assim, que a progressão dessa mulher, que a princípio guarda-se submissa e emudecida, dentro do enredo, representa a percepção do feminino marcado pela consciência social e pelas dores que lhe sobrevém ao tentar conservar o seu caráter e anseio por ser livre.

Na “terra do céu vivificante”, Indiana foi criada em meio aos escravos como senhora, contudo não se sentia diferente daquelas pessoas, pois, assim como a eles, lhe faltava liberdade e autonomia. Da mesma forma que tinham um senhor, ela também o tinha, assim como esperavam por alguém que colocasse fim ao seu cativeiro, ela também esperava.

Educada no deserto, negligenciada por seu pai, vivendo em meio aos escravos, ela não tinha outro socorro, outra consolação que sua compaixão e lágrimas, ela estava habituada a dizer: “Um dia virá em que tudo será mudado em minha vida, quando eu farei bem aos outros, um dia em que me amarão, e eu darei todo meu coração àquele que me der o seu; esperando, sofreremos; calemos-nos, e guardemos nosso amor por recompensa a quem me libertará.” Esse libertador, esse messias não veio (SAND, 1991, p.80, tradução minha)¹².

Ela aguardava por alguém que a libertasse, mas o que encontrou foi prisões que encarceraram seu corpo e sua alma, um marido que tinha em sua mentalidade que a “mulher foi feita para obedecer” (SAND, 1991, p. 291)¹³ e um amante que a enganara e abandonara. A liberdade e felicidade que tanto lhe convinham, só lhe

¹² Élevée au désert, négligée de son père, vivant au milieu des esclaves, pour qui elle n'avait d'autre secours, d'autre consolation que sa compassion et ses larmes, elle s'était habituée à dire : « Un jour viendra où tout sera changé dans ma vie, où je ferai du bien aux autres, un jour où l'on m'aimera, où je donnerai tout mon coeur à celui qui me donnera le sien ; en attendant, souffrons ; taisons-nous, et gardons notre amour pour récompense à qui me délivrera. » Ce libérateur, ce messie n'était pas venu. (SAND, 1991, p.80)

¹³ Les femmes sont faites pour obéir, replit M. Delmare. (SAND, 1991, p. 291)

foram possíveis ao perceber que não deveria depender de nenhuma figura masculina.

O termo “escrava” é empregado pelo narrador e por ela mesma no percurso da obra. É sustentado em suas falas a partir do período que podemos elencar como evolução da personagem, no qual já extrapolou o silêncio, em posse do conhecimento da sua situação e da violência do domínio colonial e patriarcal, e concebe a sua subjetividade como inegociável.

- Eu sei que sou sua escrava e você o meu senhor. A lei desse país faz de você meu dono. Você pode comandar meu corpo, prender minhas mãos, governar minhas ações. Você possui o direito do mais forte, e a sociedade confirma isso; mas sobre minha vontade, você não pode nada, somente Deus a pode curvar e reduzir. Procure uma lei, um calabouço, um instrumento de suplício que lhe dê poder sobre mim! [...] Você pode me impor o silêncio, mas não pode me impedir de pensar (SAND, 1832, p.221, tradução minha)¹⁴.

Beauvoir (1980) afirma que a mulher já nasce escrava, mas põe em cheque as razões que a levam a se submeter às opressões, segundo Zolin (2005:225), “a mulher mesma aceita a opressão que lhe é imputada, tornando-se cúmplice da escravização” o que dialoga com o panopticismo patriarcal que induz o prisioneiro à condição consciente da vigilância de que está refém, demonstrando que o poder está presente em todos os lugares e que lhe é vedado o direito de se desfazer das identidades instituídas (FOUCAULT, 2005, p. 175). Nesse ponto, compreende-se a justificativa do silêncio e da subordinação ainda que conscientes quanto ao funcionamento do sistema misógino.

Foucault (2005) afirma ainda que o discurso reforça o poder e, ao mesmo tempo, o subverte. A protagonista enseja retirar-se do panopticismo e subverte esse poder na forma discursiva, nos embates com seu marido, bem como em seu retorno a seu país junto de Sir Ralph, seu primo, com o qual viverá em meio à natureza e longe das legislações sociais.

¹⁴ Je sais que je suis l'esclave et vous le seigneur. La loi de ce pays vous a fait mon maître. Vous pouvez lier mon corps, garotter mes mains, gouverner mes actions. Vous avez le droit du plus fort, et la société vous le confirme ; mais sur ma volonté, monsieur, vous ne pouvez rien, Dieu seul peut la courber et la réduire. Cherchez donc une loi, un cachot, un instrument de supplice qui vous donne prise sur moi ![...] Vous pouvez m'imposer silence, mais non m'empêcher de penser. (SAND, 1991, p.221)

Ao tocar na conjuntura escravocrata, a escritora vai além da simples apropriação da exploração e cárcere que também recaía sobre as mulheres. Indiana e Ralph usam de suas posses para comprar e pôr em liberdade homens e mulheres escravizados:

A maior parte de nossos rendimentos é consagrada a recomprar pobres negros enfermos. É a principal cauda do mal que os colonos dizem de nós. Que nós somos muito ricos por libertar todos os que vivem na escravidão! Nossos servos são nossos amigos; eles partilham das nossas alegrias, nós curamos seus males. É assim que nossa vida se passa, sem tristezas, sem remorsos (SAND, 1991, p.538, tradução minha)¹⁵.

A postura abolicionista transparece não só na conjuntura de libertar os escravos, mas da mesma forma na passagem de Indiana de mulher-objeto à mulher-sujeito que rompe com o mundo, saindo do estado de resignação para o estado de deliberação e independência. Concebendo-se agora enquanto livre, ao passo que proporciona àqueles que, como ela anteriormente, se encontram em regime de servidão, não devido ao gênero como em seu caso mas à sua etnia.

O encontrar-se consigo mesma lhe possibilitou o desnudamento da alteridade. Ela é o exemplo do que Funk (2011:67) declara sobre a mulher: “um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles”. No caso da protagonista, a desconstrução dessas normas e a rebelião se faz presente, de forma que passa pelo processo oposicionista contra a dominação.

Ao unir as reflexões acerca do feminismo e do pós-colonialismo, é possível engendrar que o nome Indiana tem seu significado inserido no campo dos desejos e realizações que se encontram na liberdade do sujeito, no viver sem rótulos e demandas sociais, no primitivismo que se delineia pela ausência de normas e modulações do sujeito. Indiana remete à desconstrução, à alteridade, à autonomia, à descolonização da mente e do corpo, representa a transição do estado de tutela à existência autêntica, a existência livre e rebelde.

¹⁵ La majeure portion de nos revenus est consacrée à racheter de pauvres noirs infirmes. C'est la principale cause du mal que les colons disent de nous. Que ne sommes-nous assez riches pour délivrer tous ceux qui vivent dans l'esclavage ! Nos serviteurs sont nos amis ; ils partagent nos joies, nous soignons leurs maux. C'est ainsi que notre vie s'écoule, sans chagrins, sans remords. (SAND, 1991, p.538)

As posturas delineadas em *Indiana* através da protagonista são contra ideológicas, posto que se colocam em oposição à máquina misógina do poder, representando a história da mulher silenciada e outremizada no meio patriarcal, a qual rompe com a normatização imposta ao seu corpo e com as estruturas sociais, apoiando-se na descolonização de seu corpo e subjetividade.

Ligado a um período histórico, o romance traça a crítica à sociedade patriarcal e, de maneira sutil, tece um discurso em favor do marginalizado, em favor da liberdade de mulheres e escravos, ao passo que se apresenta ideologicamente na qualidade de feminista e abolicionista. Ao inter cruzar feminismo e pós-colonialismo, Sand traça uma temática de fundo político e social e transcorre, por isso, o campo das reivindicações e da construção das identidades, elucidando o que Antônio Candido (2006) postula, que a arte é expressão da sociedade e se interessa pelos problemas sociais.

3.3- A aura exótica: a mulher e a feminilidade

A feminilidade está frequentemente atrelada a diversos gestos sociais e estereótipos que elucidem beleza, recato, obediência e fragilidade, de tal maneira que se solidifica na manutenção do papel social da mulher. “Muito provisoriamente, eu diria que uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles” (FUNK, 2011, p. 67).

Com foco voltado para a protagonista, a feminilidade, no romance, se encontra marcada desde a caracterização da personagem até a fragilidade corpórea e emocional de Indiana, passando às suas falas, reações amedrontadas diante da violência do marido, amabilidade e preocupação com os demais do seu convívio. Esse tipo de identidade é trivialmente ensinada nas obras do período romântico, no entanto essa formalidade é mantida até certo nível da narrativa, visto que há um desenvolvimento no sentido emancipatório por parte da protagonista e que age no sentido de desfazer o veio tradicional da feminilidade, subvertendo os valores conferidos a ela.

Em contrapartida, o coração está no centro da identidade feminina. Também neste ponto, a sociedade profana e a religião estão de acordo. Antropólogos e médicos ensinam que a sensibilidade, as emoções e os impulsos, muito ricos entre

mulheres, são a fonte de qualidades indispensáveis ao bom funcionamento da sociedade (KNIBIEHLER, 1991, p.351).

São essas características, atos e signos pertencentes ao campo sócio cultural que, segundo Butler (2008), avigoram a chamada performatividade de gênero. Ela “é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2008, p.200). Assim, o gênero é de maneira performática construído e aplicado pelos meios reguladores, de maneira análoga dentro dessa prática se encontra a exigência da feminilidade e seus protótipos.

No entorno de Indiana persiste uma aura de exotismo, em momentos de fraqueza física, o narrador traceja a beleza e a atração envoltas na materialização de seu corpo que, inicialmente se mantém coerente com as imposições sociais. Em dissonância com o que o narrador alude sobre ser merecedora de todo o amor, os homens, o marido e o amante, desejam exercer poder sobre seu corpo, a fim de submetê-la, de maneira que isso nos possibilita enxergá-los como alegorias do poder patriarcal e Indiana enquanto representante das mulheres em seus sofrimentos e na idealização das mesmas.

Com o desenvolver do enredo e da personagem, a normalidade de consciência e imagem feminina são subvertidas. Os significados culturais inscritos sobre o corpo sexuado de Indiana iniciam um processo de desconstrução. A personagem não deixa de ter as mesmas características físicas, contudo, no campo do pensamento, torna-se exemplo de abandono das normas sociais e do modelo de feminilidade imposto pela máquina do poder.

Pois sua esposa tinha dezenove anos, e se vocês a tivessem visto afundada sob o manto dessa vasta chaminé de mármore branco incrustado de madeira dourada; se vocês a tivessem visto toda franzina, pálida, triste, o cotovelo apoiado sobre o joelho, ela tão jovem em meio a esse lar, ao lado de seu velho marido, parecia uma flor plantada ontem em um vaso gótico. Vocês teriam lamentado junto da esposa do coronel Delmare, e talvez o coronel mais ainda que sua esposa (SAND, 1991, p.9, tradução minha)¹⁶.

¹⁶ Car sa femme avait dix-neuf ans, et, si vous l'eussiez vue enfoncée sous le manteau de cette vaste cheminée de marbre blanc incrusté de cuivre doré ; si vous l'eussiez vue, toute fluette, toute pâle, toute triste, le coude appuyé sur son genou, elle toute jeune, au milieu de ce vieux ménage, à côté de ce vieux mari, semblable à une fleur née d'hier qu'on fait éclore dans un vase gothique, vous eussiez plaint la femme du colonel Delmare, et peut-être le colonel plus encore que sa femme. (SAND, 1991, p.9)

Na passagem anterior, a descrição forma uma imagem de uma mulher de extrema beleza, delicadeza e fragilidade. É interessante a percepção que este modelo de perfeição, sob a ótica da escritora é destituído de prazer, suscitando, ao leitor, melancolia e tristeza em torno da figura da protagonista. De acordo com Le Breton (2006), o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. Dessa forma, o aspecto performático da aparência de Indiana remete a uma adequação ao sistema de valores vigentes na época, mas uma inadequação e desacordo com sua condição e contexto a que está circunscrita.

“A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita – do contrário não será totalmente mulher” (VILHENA, 2005, p. 113). No século XIX, com a acentuação da biologização das diferenças de gênero, esse modelo da mulher perfeita e sublime, segundo o romantismo, foi acentuado.

O Iluminismo, a expansão do Protestantismo, a revolução científica e a ascensão da Burguesia sacudiram os séculos XVII, XVIII e XIX criando uma nova superestrutura para as sociedades européias. Entretanto, e apesar do radicalismo das transformações, as representações da mulher bela permaneceram comprometidos com os ideais antigos (VILHENA, 2005, p. 121).

De acordo com Perrot (1998), homens e mulheres são identificados pelo sexo, mas as mulheres são condenadas a ele, e através dele se tornam prisioneiras de si mesmas, das marcas sociais que lhe são imputadas. Esse registro de beleza é contraposto no final da obra quando Indiana volta ao seu país, Ilha de Bourbon, e vive longe da civilização em um contexto de independência psiquicamente fortalecida; visto que no contexto do final da obra, a beleza da mulher já não é mais vinculada ao modelo de feminilidade do século XIX, pois direciona-se diretamente à emancipação feminina. O mesmo é evidenciado na figura de Laure de Nangy, em cuja descrição a autora optou estilística e ideologicamente não carregar de detalhes sobre aspectos de sua aparência e, ao tratar de seus atos, pensamentos e personalidade, tangenciou os aspectos performativos vinculados à feminilidade ao apresentar uma personagem forte, inteligente e emancipada. Revelando, assim, uma nova concepção de feminilidade que remete à força transformadora da mulher.

Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade e substituir, a graça e encanto estudados que lhe ensinam as mais velhas. Toda afirmação de si

diminui sua feminilidade e suas possibilidades e suas probabilidades de sedução (BEAUVOIR, 1949, p. 73).

Sand desfaz-se e subverte, em sua obra, a representação do sujeito-mulher cuja feminilidade está associada aos padrões impostos pelas práticas reguladoras. A proposta que a autora traz é da construção de uma nova mulher cuja feminilidade não mais remete à fragilidade, emoções exacerbadas, delicadeza e beleza, seu olhar sobre essa feição não exclui totalmente todos esses aspectos, contudo os extrapolam e acrescentam às suas personagens características e renovações no desenvolvimento do enredo que quebram com as formulações românticas da mulher como anjo, construindo dessa forma um sujeito-mulher cuja feminilidade abandona a legislatura da mulher-objeto e assume perspectivas e enfoques inovadores que distinguem a mulher-sujeito.

3.4- Sociologia do corpo: as emoções de Indiana e sua resistência internalizada

Muito além da discussão acerca da feminilidade e da desvirtualização dos atos e signos performáticos do gênero, estão o forte significado e a simbologia do corpo no romance sandiano. A configuração corpórea da mulher é que define seu lugar e seu destino, mas esse corpo que sofre com as opressões e tributações da sociedade é o mesmo que resiste ao estabelecimento do poder sobre sua sina e deliberações.

Diante da contemplação da personagem principal de George Sand, há interstícios quanto a sua resistência ao estado de tutela em que vive, entre elas se encontram suas reações corporais e emocionais. Segundo Bourdieu (1995, p. 19), até mesmo o corpo, em sua composição, tem suas partes potencialmente femininas, e essas remetem a algo passivo, submisso. Pensando-se a corporeidade, o pendulo da submissão e passividade estão voltado para o corpo feminino, o que ultrapassa a barreira do biológico e passa a instância do social, o corpo é, por isso, um suporte de valores (LE BRETON, 1995).

Ao longo da narrativa, concebe-se e desenvolve-se em torno de Indiana diversas situações que a atingem nos níveis psicológico e físico, sendo possivelmente episódios psicossomáticos. Diante da debilidade de sua saúde e vulnerabilidade ante as situações extremas e opressões que vivencia em seu cotidiano, é admissível que seja um índice de discordância e revolta internalizada.

Desde a primeira descrição da protagonista, observam-se os sinais de uma infelicidade estabelecida em sua postura e expressão facial. Sua palidez, tristeza e languidez são destacadas em sua veiculação inaugural no romance. “Se qualquer um então tivesse observado Mme Delmare, poderia adivinhar, nessa circunstância mínima e vulgar de sua vida privada, o segredo doloroso de sua vida inteira” (SAND, 1991, p.14, tradução minha)¹⁷.

Le Breton (1995, p. 70-71) aponta que “o rosto é, de todas as partes do corpo humano, aquela onde se condensam os valores mais elevados. Nele cristalizam-se os sentimentos de identidade, estabelece-se o reconhecimento do outro, fixam-se qualidades da sedução, identifica-se o sexo”. Ao ponderar a figura de Indiana, a criação de seus traços e personalidade figuram como algo efêmero e mutável tendo em vista que sua identidade não é cristalizada, desenvolve-se, é retomada e estabelecida conforme suas experiências e trajetória na narrativa. Entretanto, inicialmente, o destaque é dado aos seus traços delicados e à sua vultuosa condição emocional e física, de forma que seus traços corpóreos e psíquicos se unem na performatividade daquilo que é reputado por feminino e belo sob a ótica social e romântica.

Além do constante estado de melancolia e das lágrimas, a trajetória da personagem é marcada por episódios ainda mais dramáticos, a exemplo de permanecer ao longo de dias seriamente doente ao ponto de desenvolver um quadro de espasmos nervosos que duravam horas inteiras (SAND, 1991, p.95), desmaios e delírios, todos em decorrência de algum acontecimento traumático. “É em grande parte a angústia de ser mulher que corrói o corpo feminino” (BEAUVOIR, 1949, p.70).

Tal como transparecem na extensão do corpo e se colocam em ação nos comportamentos, os sentimentos são emanações sociais que se impõem por seu conteúdo e sua forma aos membros da coletividade, colocados numa dada situação moral. (LE BRETON, p.51, 2006).

A associação de sentimentos negativos a uma saúde frágil recorre à manifestação corporal contra eventos rotineiros e alternados encarados sob a

¹⁷ Si quelqu'un alors eût observé de près Mme Delmare, il eût pu deviner, dans cette circonstance minime et vulgaire de sa vie privée, le secret douloureux de sa vie entière (SAND, 1991, p.14).

perspectiva do oprimido, no caso de Indiana, sua manifestação corporal pode ser compreendida pela ausência de legalidade e intrepidez para verbalizar seus pensamentos e sensações, devido ao silenciamento imposto às mulheres, bem como uma revolta internalizada. Fato incomum à estética romântica, o que representa mais um avanço da escrita de George Sand para sua época.

À época, a instância governamental Francesa outorgava e atestava o domínio masculino na sociedade. Nestes termos, a mulher era concebida como sinônimo de amansada e submissa. Sua existência se limitava ao círculo familiar, e estava totalmente atrelada aos representantes do sexo masculino. Hunt (1991) afirma que o pensamento da época engessava as mulheres em uma estrutura caracterizada por uma suposta debilidade intelectual, eram tidas como o inverso do homem, identificadas por sua sexualidade e corpo.

De acordo com Bourdieu (1998), o corpo é o meio pelo qual nos identificamos desde o nosso nascimento e é onde estão inscritos todos os significados e informações sociais e culturais. É neste ponto que podemos considerar a marca da sujeição e submissão inscritas também no corpo feminino, é claro que esse evento não se restringe apenas às mulheres do século XIX, mas é importante destacar que o que Sand elabora em *Indiana* é a vida do sujeito mulher cuja sociedade constrói sobre si significações que acreditam ser coerentes ao seu gênero. Trata-se de um corpo que sofre pelo enfraquecimento e dominação que, segundo Foucault (1988), é o gesto essencial e repressor da história.

É significativo assinalar que a partir do momento em que há uma deliberação por parte da personagem em não mais se calar diante das violências e restrições às quais é submetida, essas aparentes crises e enfermidades gradativamente são suprimidas, diferentemente de suas emoções; seu quadro sentimental continua condoído pelos rancores da vida e abandonos, contudo no que se trata de seu corpo, a narrativa sugere uma força que o encontra, uma força originária de um grau acentuado do protesto que era efetuado por sua estrutura física inicialmente.

Além da involuntariedade das enfermidades possivelmente psicossomáticas sobre si, Indiana, em uma tentativa furtiva de desistência de sobrevivência, se aprofunda em suas angústias. Como no excerto abaixo, já nesse alcance do enredo,

observamos a personagem que se mantém consciente daquilo que empreende com e por meio do seu corpo, sua revolta sucumbe seu corpo, contudo é exteriorizada, é causa conhecida por ela e pelos de seu entorno.

Madame Delmare não tentava lutar contra um destino traçado, contra uma vida quebrada e se deixou corroer pela fome, pela febre e pela dor, sem proferir uma queixa, sem derramar uma lágrima, sem tentar um esforço para morrer uma hora mais tarde, por sofrer uma hora a menos. Ela foi encontrada no chão, no dia seguinte ao segundo dia, endurecida pelo frio, os dentes serrados, os lábios pálidos, os olhos apagados; no entanto, ela não estava morta (SAND, 1991, p. 465)¹⁸.

Beauvoir *apud* Butler (2010) questiona essa inscrição cultural que opera sobre o corpo:

Mas há uma forma política das “mulheres”, por assim dizer, que preceda e prefigure a elaboração política de seus interesses e do ponto de vista epistemológico? Como essa identidade é modelada? Tratar-se-á de uma modelagem política, que toma as próprias fronteiras e a morfologia do corpo sexuado como base, superfície ou lugar da inscrição cultural? O que circunscreve esse lugar como “o corpo feminino”? É “o corpo” ou “o corpo sexuado” a base sólida sobre a qual operam o gênero e os sistemas da sexualidade compulsória? Ou será que “o corpo” em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e constituído pelos marcadores sexuais? (BEAUVOIR *apud* BUTLER, 2010, p.185)

Os questionamentos levantados por Beauvoir *apud* Butler (2010) vão de encontro a uma sociedade que estabelece a segregação por meio do gênero, visando, de acordo com a autora, mantê-los limitados e constituídos pelos marcadores sexuais. Portanto, afirmar que as obras de Sand se constituem como literatura de protesto corresponde a enxergar em seus romances a escrita de uma mulher que se empresta para empreender recriminações à política e à sociedade e a testemunhar quanto à vida matrimonial, de forma a atingir várias rodas da sociedade, principalmente seus leitores que eram, em suma, mulheres.

No século XIX, uma minoria de mulheres criou para si mesma uma identidade pública por meio do feminismo, quer pela sua escrita, quer pelos seus talentos organizativos. Elas entram em

¹⁸Mme Delmare, n’essayant pas de lutter contre une destinée remplie, contre une vie brisée et se laissa ronger par la faim, par la fièvre et par la douleur, sans proférer une plainte, sans verser une larme, sans tenter un effort pour mourir une heure plus tôt, pour souffrir une heure de moins. On la trouva par terre, le lendemain du second jour, roidie par le froid, les dents serrées, les lèvres bleues, les yeux éteints ; cependant elle n’était pas morte (SAND, 1991, p.465).

cena assumindo por sua conta a Declaração dos Direitos do Homem e defendendo a causa do seu próprio sexo. Afirmam-se através da dissidência religiosa. O seu estatuto civil é reconhecido graças às alterações da lei. As sufragistas anunciam uma nova identidade política. Quebrando o silêncio em torno da sexualidade, defendem uma nova moral. A sua luta pelo acesso ao mundo profissional lança as bases indispensáveis para a conquista da autonomia econômica (KAPPELI, 1991, p. 542).

Butler explica que a história é a elaboração de valores e sentidos que forçam a sujeição do corpo. Dessa forma, podemos contemplar como os discursos e decisões políticas afetavam diretamente a forma com que a mulher era concebida, seu espaço na sociedade e o reflexo engendrado na obra sandiana.

É sobre e através desse corpo que sofre com a exigência das estruturas de poder que Indiana empreende a liberdade de seu controle. Sand, através de sua protagonista explora essa massificação do comportamento do sujeito mulher, tal sufocamento que não somente subjuga mas adoce toda uma estrutura corporal, e ainda critica a estética romântica que enaltece o sofrimento feminino, ao passo que o salienta sob o prisma da reprovação à sociedade e seus agentes que compactuam com a inferiorização da mulher e o controle sobre seu corpo.

Seja o corpo da nobre que frequenta os salões, da mulher que se adorna para seu amante, da jovem caída ao chão após uma agressão de seu marido ou o corpo sem vida da criada flutuando sobre as águas, todos são corpos maculados pelo controle político da corporeidade (LE BRETON, 1995). Todos esses corpos femininos transitam inicialmente no lugar que lhe é conferido, abaixo da autoridade e vontade dos homens, contudo, a narrativa perfaz uma trajetória por meio de Indiana que sugere uma corporeidade que se rebate em torno de um princípio de liberdade e legitimidade, a emancipação da mulher.

CAPÍTULO 4 - O SÉCULO XIX E O LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE

4.1- Indiana, reveladora do público e do privado

Sand consegue, por meio de suas obras literárias, trazer o contexto histórico e social vivenciado por ela, ilustrando sua crítica à condição da mulher francesa do século XIX, mais precisamente à situação da mulher no matrimônio e os inconvenientes desse status matrimonial. Esses inconvenientes, como veremos, se apresentam desde a forma do autoritarismo marital até o cerceamento de suas liberdades e direitos civis, já tão reduzidos. “*Indiana* conta a história de um sujeito que busca se tornar alguém, em seu sofrimento, e que renuncia a todo o desejo de existência, destruída pela falta de liberdade” (BORDAS, 2004, p.148).

Inseridos no quadro de produção, a política e a história, elementos constitutivos do romance, oferece-nos a dimensão temporal e o contexto a que a autora prima referir-se, afim de afirmar o que se passava e como o extrato social acaba por sujeitar os indivíduos àquilo que lhe era de interesse, a exemplo das mulheres. Visto que a autora ocupa-se em discutir questões de ordem social, pode-se afirmar que o contexto político e histórico, na obra referidos, tende a incidir diretamente sobre o comportamento e caráter de cada personagem, ao passo que torna-se também, um dos objetos de crítica dentro da obra.

Quando Charlier (2003) define a obra de Sand como um romance dentro da história, constata-se, os traços que remetem a essa informação, as cenas se passam dentro da história, o que, efetivamente, não é o mesmo que cenas históricas. Dessa maneira, o contexto e acontecimentos do século XIX na França são como planos de fundo para a ambientação da obra. O que nos permite inferir que não foi uma escolha ocasional, já que o escopo de sua crítica se encontrava nesta mesma sociedade.

Para Chartier (1990, p. 62), todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode separar de sua realidade de texto construído segundo regras próprias de produção, provenientes de cada gênero de escrita, “de testemunho que cria ‘um real’ na própria ‘historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita.” A história política da época

se apresenta dentro da ficção em meio aos conteúdos sentimentais, a fim de suscitar melhor as faltas, as derrotas e os compromissos.

Há que se destacar uma relação muito próxima entre o campo de estudo historiográfico e a literatura, dito que ambas correspondem a narrativas, seja no caso da história que busca explicar o real, ou da literatura que lida com a ficção que, em muito, possui traços de realismo, a exemplo dos romances históricos.

Renovadas a cada dia, o fio condutor que as ligam é exatamente aquele que liga a humanidade: a linguagem. Seja a linguagem artisticamente trabalhada, ou em seu uso mais recorrente e padronizado, ambas recorrem a esse mesmo instrumento, de forma que a relação entre história e literatura perpassa muito mais aspectos do que somente a relação linguística, diz respeito a dois campos que estão em constantes trocas de informações.

O romance, nascido na segunda metade do século XVI, defronta nos séculos seguintes aquilo a que é vinculado até os nossos dias, o realismo formal, como designado por Watt (1990), no qual os autores satisfaziam a ânsia de colocar no papel aquilo que sobrevinha sobre o mundo ao redor, ao passo que refletia-se quanto à realidade. Contudo, é no século XIX que o romance alcança devido reconhecimento literário. O romance enquanto gênero literário corresponde àquilo que é delineado sobre a arte, ao passo que, como bem observa Candido (2000), a estilização da linguagem está disposta para fins de representação:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 2000, p. 47).

O código civil de 1804, de acordo com Kappeli (1991) influenciou a condição legal da mulher em toda Europa napoleônica e materializou o conceito de que a mulher é propriedade do homem, sendo sua tarefa principal ter filhos. Essa distinção entre o público e o privado é bem delineada dentro da obra. Vejamos o trecho a seguir:

-Oh! Você tem um profundo desprezo pelas mulheres, meu querido Ralph. Eu sou aqui uma só contra os dois; eu devo me resolver a não ter jamais razão.

-Dá-nos razão, minha querida prima, te portando bem, reprimindo tua alegria, tua franqueza, tua vivacidade de outras épocas; lembra-te da Ilha de Bourbon e nossa deliciosa casa de Bernica, e nossa infância tão feliz e nossa amizade que tem a sua idade.

-Eu me lembro também do meu pai..., disse Indiana apoiando tristemente sobre essa resposta e colocando a mão sobre a mão de Sir Ralph (SAND, 1991, p.22, tradução minha)¹⁹.

No excerto anterior, Indiana, que vivia junto de seu marido Coronel Delmare e seu primo Ralph, enseja uma forma de conformismo diante do silenciamento imposto a ela, até mesmos suas reações emocionais deveriam ser manifestas de acordo com as vontades dos homens que a cercavam. O homem era senhor dos dois espaços, à mulher, a exemplo de Indiana, restava a resolução da obediência e submissão.

A forma com que a mulher é tratada na sociedade é apenas o alargamento daquilo que ocorre no âmbito doméstico. De acordo com Beauvoir (1980), a relação esposa/marido é análoga à relação empregada/patrão. O que ocorre neste meio privado é ilustrado pelo narrador como “prisão” que condiciona a mulher à solidão e à obediência cega. Trata-se da insistência do patriarcado em manter a mulher em uma posição subalterna, condição essa que Indiana reconhecia e experienciava, pois era impedida de agir fora dos limites postos sobre si.

Esposando Delmare, ela apenas trocou de dono, vindo morar em Lagny, apenas trocou de prisão e de solidão. Ela não amava seu marido, pela única razão talvez que fazia amá-lo um dever e resistir mentalmente a toda espécie de limitação social havia se tornado para ela uma segunda natureza, um princípio de conduta, uma lei do consciente. Não haviam procurado prescrever a ela outra coisa a não ser a obediência cega (SAND, 1991, p.79-80, tradução minha)²⁰.

¹⁹ – Oh ! vous avez un profond dédain pour les femmes, mon cher Ralph. Je suis ici seule contre deux ; je dois donc me résoudre à n’avoir jamais raison.

– Donne-nous tort, ma chère cousine, en te portant bien, en reprenant ta gaieté, ta fraîcheur, ta vivacité d’autrefois ; rappelle-toi l’île Bourbon et notre délicieuse retraite de Bernica, et notre enfance si joyeuse et notre amitié aussi vieille que toi...

– Je me rappelle aussi mon père..., dit Indiana en appuyant tristement sur cette réponse et en mettant sa main dans la main de sir Ralph (SAND, 1991, p.22).

²⁰ En épousant Delmare, elle ne fit que changer de maître ; en venant habiter le Lagny, que changer de prison et de solitude. Elle n’aime pas son mari, par la seule raison peut-être qu’on lui faisait un devoir de l’aimer, et que résister mentalement à toute espèce de contrainte morale était devenu chez elle une seconde nature, un principe de conduite, une loi de conscience. On n’avait point cherché à lui en prescrire d’autre que celle de l’obéissance aveugle (SAND, 1991, p.79-80).

O homem é desta forma o centro da vida pública, a exemplo de coronel Delmare, que possui reconhecimento público e ocupações fora do lar. A mulher é, como Beauvoir (1980) afirma, somente um elemento na vida do marido e, como vimos no exemplo acima, cabia a ela a obediência cega, suprimindo qualquer contra argumento ou posicionamento discursivo por parte da mulher, no entanto, pondera-se a tomada de consciência da protagonista, pois, ainda que passiva, reconhecia o estado de limitação social e política em que se encontrava.

Indiana é uma mulher que não teve opções a seguir, reveladora da vida privada, estava limitada ao ambiente doméstico e à reflexão dos indivíduos que estão alheios à história. “Ela havia sido [ensinada] por Sir Ralph, que tinha uma opinião medíocre quanto à inteligência e ao raciocínio das mulheres [...]. Ela sabia somente a história resumida do mundo e toda dissertação séria a sobrecarregava de tédio” (SAND, 1991, p.235-236, tradução minha) ⁵. É por meio de Indiana que se conta a impossibilidade da participação pública e da identidade histórica e política.

A concepção da mulher, talhada especialmente para o privado (e incapaz para o público), é a mesma em quase todos os círculos intelectuais do final do século XVIII. [...] Esta é representada como o inverso do homem. É identificada por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o homem é identificado por seu físico e energia. O útero define a mulher e determina seu comportamento emocional e moral. Na época, pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. As mulheres tinham músculos menos desenvolvidos e eram sedentárias por opção. A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar os filhos. Desse modo, o útero definia o lugar das mulheres na sociedade como mães. O discurso dos médicos se unia ao discurso dos políticos (HUNT, 1991, p. 50).

Bourdieu (1995) postulou como se arquiteta a violência simbólica, a qual se efetiva conforme a teia das relações de poder. De acordo com o mesmo, a estrutura social é como um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado pelas relações materiais, econômicas e culturais entre os indivíduos. No caso do romance de Sand, a estrutura social é extremamente deficiente tendo em vista os direitos civis das mulheres. O público enquanto extensão do privado, levanta a reflexão que a forma com que a mulher é tratada na sociedade é apenas o alargamento daquilo que ocorre no âmbito doméstico. O que ocorre neste meio privado é ilustrada pela autora como “prisão” que condiciona a mulher à solidão e à obediência cega. Trata-se da insistência do patriarcado em manter a mulher em uma posição subalterna.

Dito de outra forma, a sociedade patriarcal europeia do século XIX reduziu o espaço feminino, ao passo que qualificou o homem como elemento superior, sugerindo, assim a insignificância da mulher na vida social. No entanto, na literatura e na arte, inicia-se um novo processo, onde a mulher toma nova performance e voz.

4.1.1- Tipificação das figuras femininas na obra: diversidade sócio política e a idealização da mulher

Na obra Sandiana, diversas vozes femininas são articuladas em torno de um discurso que pode ser considerado polifônico, e concorrem para a harmonia das diversas juntas que esboçam a reprovação ao controle social e ideológico sobre as mulheres e, em pontos mais específicos e profundos da obra, dos povos colonizados, atribuindo-lhes identidade e posicionamento diante das condições de subalternidade em que se encontram.

As personagens comportam-se como tipos políticos e históricos, propondo uma visão anedótica da França de 1830. A política e a relação com a história definem a personalidade de cada um; George Sand é categórica neste ponto: “Eu creio que a opinião política de um homem representa-o como um todo” (SAND *apud* BORDAS, 2004, p.50). Destarte, cada personagem possui, ainda que inconsciente, relação com essas áreas sociais, visto que há, sobre todos, o “enquadramento” em algum traço de seu caráter que o figura como sujeito político.

Faz-se presente, dessa forma, a desconstrução das definições tipológicas das personagens femininas e a universalização das experiências das mesmas, as quais, eram, anteriormente, esboçadas em perfis legitimados pelo modelo patriarcal, silenciadas na vida pública e privada e em estereótipos negativos e/ou inferiorizados.

A questão de gênero não se reduz a uma retórica da diferença, ela nos coloca dentro do contexto concreto, histórico e discursivo, da diferença. [...] não seria uma abstração dizer que a crítica feminista fornece elementos para se pensar as questões não examinadas das diferenças intra-nacionais e das exclusões no campo da literatura e da cultura geral, o que implica desnaturalizar as premissas sobre as quais os conceitos de identidade, de nacional e de canônico estão predicados e ressignificar o que entendemos por colonialismo, porque esse, é preciso dizer, também apresenta sua versão doméstica (SCHMIDT, 2002, p.39).

Discutiremos como são representadas as personagens femininas centrais dentro da obra, sob o olhar da mulher sobre a mulher, no desvencilhar da forma tradicional de representação do feminino. Com o olhar da mulher sobre a mulher, George Sand traça sua crítica à sociedade patriarcal, colocando suas personagens em um contexto que explana a situação de submissão em que viviam, ao mesmo tempo que arquiteta perfis de mulheres conscientes e combativas, diferenciando-as daquelas retratadas anteriormente.

A obra de Sand dedica-se a contar a história de Indiana, uma jovem que subsiste em um sistema que é repressor de sua individualidade. O prólogo sobre a protagonista se dá no tecer de sua relação com seu marido, retratada primariamente como “sua mulher” e não em sua identidade individual. Em uma autêntica descrição, apreende-se o propósito da autora em evidenciar a marginalização da mulher, ao passo que sua admissão social deve-se, diretamente, à figura masculina. Sua existência, assim como das demais mulheres da época, só é possível através do laço matrimonial.

A beleza, juventude e fragilidade de Indiana são enaltecidas em primeiro nível, todavia, contemplamos em seu silêncio o tédio e a angústia. Criada por um pai violento e bizarro, jamais conhecera a alegria e afeição por parte de outra pessoa para consigo. Apesar do isolamento e da dependência, Indiana é descrita como alguém que possui uma resistência de ferro contra tudo que [escopa] oprimi-la e uma bondade para com aqueles que necessitam (SAND, 1991). A exposição feita sobre a figura central da obra, tende à percepção da exaltação da mulher, enquanto negligenciada na vida doméstica, mas que discorda do estado de tutela a que está sujeita.

De acordo com Zolin (2009), as obras canônicas, em grande parte, representavam a mulher sob a ótica dos estereótipos culturais, a mulher sedutora e imoral, a megera, a indefesa e incapaz, a mulher como anjo, e outras diversas definições. “A representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia” (ZOLIN, 2009, p.226). Embora a obra edifique o estereótipo do homem mais velho, educado e experiente em detrimento da mulher mais jovem, inocente e ignorante, a representação da mulher na obra de George

Sand subverte os princípios da ideologia dominante, lançando a figura feminina em um contexto que desmascara as opressões e que lhe atribui superioridade.

Na primeira fase da narrativa, contemplamos uma *Indiana*, totalmente envolta em um contexto que lhe impunha passividade. No entanto, essa imagem transita no sentido emancipatório da personagem. *Indiana* é a personificação da mulher como ser social lançada ao silenciamento, é ela a porta voz de um discurso contestador, é por meio dela que se denuncia a condição das mulheres no lar e no meio público, pois ela é a tipificação da mulher do século XIX.

Atento à tipificação das personagens mulheres da obra enquanto representantes de castas sociais, temos Noun, irmã de leite e criada de Indiana, a qual é emissária de uma existência na qual o estado de subalternidade se revela em demasia se comparado com as demais figuras femininas da obra.

Noun era jovem como Mme Delmare, porém, diferente de sua senhora, era uma moça grande, forte, saudável, repleta de vicissitude, era uma creola legítima, a qual, segundo o narrador, era dona de tamanha beleza que diante de sua presença toda a beleza pálida e fria de Indiana se apagava, mas a bondade de seu coração e a força da relação e sentimentos que havia entre elas não permitia qualquer sentimento de rivalidade feminina que poderia surgir (SAND, 1991, p.27).

A curta trajetória de Noun narrada na primeira parte do romance relata seu envolvimento amoroso com M. de Ramière, que posteriormente torna-se amante de Indiana. A jovem se apaixona por M. de Ramière na ocasião em que ele está acamado na residência de M. Delmare, seu patrão, devido a um tiro disparado pelo senhor da casa. O enlace amoroso progride de maneira escusa, devido às diferenças sociais entre os dois. “M. de Ramière estava apaixonado pela jovem crioula de grandes olhos negros que havia marcado de admiração toda a província na festa de Rubelles; apaixonado e nada mais. Ele a havia abordado por se sentir inútil, talvez” (SAND, 1991, p.50, tradução minha)²³.

²³[M. de Ramière était amoureux de la jeune créole aux grands yeux noirs qui avait frappé d’admiration toute la province à la fête de Rubelles ; mais amoureux et rien de plus. Il l’avait abordé par désœuvrement peut-être (SAND, 1991, p.50).

Apesar da paixão pela jovem creola de beleza incomum (SAND, 1991, p. 45), Raymon, nobre e alpinista social, decide por não assumir um compromisso público com Noun temendo por sua reputação, pelos percalços e pela rejeição social que ela viria sofrer.

Se ele a tivesse amado verdadeiramente, ele teria podido, sacrificando seu futuro, sua família e sua reputação, encontrar ainda a felicidade com ela, e, por consequência, fazê-la feliz; pois o amor é um contrato como o casamento. Mas desanimado como ele se encontrava então, qual futuro poderia dar a essa mulher? A desposaria para mostrar cada dia um rosto triste, um coração magoado, um interior desolado? A desposaria para torná-la odiosa para sua família, desprezível diante dos seus pares, ridícula diante dos criados, para correr o risco em uma sociedade onde ela se sentiria deslocada, onde a humilhação a mataria [...]? (SAND, 1991, p.55, tradução minha)²⁴.

Tendo em vista o modelo imperialista euro e falocêntrico vigente, na escala social, Noun se enquadra na posição social talvez mais subalterna: mulher, colona, empregada e analfabeta. Seu destino não pertence a si, pertence aos seus senhores, M. Delmare, o dono da casa, e Raymon, o homem que ganhou seu coração e que foi a causa de seu infortúnio.

A figura do homem como detentor do poder e titular de um enquadramento privilegiado na sociedade concordam para a manutenção de uma instituição machista e patriarcal. Esse sistema de ideias inflige à mulher a exclusão e a opressão afiançadas por alocações que dão ao sexo masculino prerrogativas por meio de leis, estatutos morais e de ações naturalizadas que conferem entraves às mulheres, promovendo-lhes inferioridade e subalternidade na sociedade. Dentro deste modelo, embasa-se o discurso colonialista também dirigido por homens, e que nesse espaço binário dos impérios, a mulher e o colonizado se encontram no mesmo plano, expressivamente contrário ao plano do homem e do colonizador. “Há muita semelhança entre a experiência da mulher no patriarcalismo e a experiência do

²⁴ S’il l’eût aimée vraiment, il aurait pu, en lui sacrifiant son avenir, sa famille et sa réputation, trouver encore du bonheur avec elle, et, par conséquent, lui en donner ; car l’amour est un contrat aussi bien que le mariage. Mais, refroidi comme il se sentait alors, quel avenir pouvait-il créer à cette femme ? L’épouserait-il pour lui montrer chaque jour un visage triste, un cœur froissé, un intérieur désolé ? L’épouserait-il pour la rendre odieuse à sa famille, méprisabile à ses égaux, ridicule à ses domestiques, pour la risquer dans une société où elle se sentirait déplacée, où l’humiliation la tuerait [...]? (SAND, 1991,p.55)

sujeito colonizado, contra os quais o feminismo e o pós-colonialismo reagem” (BONNICI, 2007, p. 209).

Essa dupla objetificação da mulher ocasionada pelo poder falocêntrico e colonialista se agrava principalmente sobre Noun, suas características físicas e casta social faz com que aos olhos da sociedade, daqueles e daquelas que estão em graus de superiores a ela, estejam voltados para ela sob uma relação de grande inferioridade diante de Indiana e das demais mulheres nomeadas no romance. Ela é uma “criola” em seu sentido mais intenso, e isso se traduz desde a sua aparência até a sua existência efêmera e limitada.

Assim, a identidade feminina não é somente construída, mas decorre das relações sociais [...] Wollstonecraft aponta a “concepção errônea de perfeição feminina”, pela qual o bom matrimônio torna-se o único meio de elevação social das mulheres, mas ao preço de sua constante imbecilização e redução a “miseráveis objetos de prazer (DUARTE, 2002, p.18).

Residindo no limiar dessas duas esferas de poder, a personagem é marcada por uma ausência de conhecimento e capital discursivo, vale destacar que a educação nas colônias era algo quase inexistente, sendo possível somente àqueles que tinham poder aquisitivo para custeá-la, ao mesmo tempo que a nulidade desse acesso era superabundante para mulheres. Noun encarna essa realidade em turnos objetivos e sem profundidade, em falas que expressam “a ignorância de uma verdadeira criola” (Sand, 1991) que estava alheia à história, política e ao domínio da palavra.

No excerto a seguir, o narrador descreve em tom irônico a escrita de uma carta redigida pela criada e endereçada ao seu amante, expressando a ausência das competências linguísticas necessárias para a construção de um bom texto e o grau de analfabetismo da personagem.

A carta de uma criada de quarto! Ela havia pegado o papel acetinado e a cera perfumada no escritório de Mme Delmare, o estilo em seu coração... Mas a ortografia! [...] A pobre menina meio selvagem da Ilha de Bourbon ignorava que na língua havia regras. Ela acreditava que escrevia e falava assim como sua senhora (SAND, 1991, p.57, tradução minha)²⁵.

²⁵ La lettre d’une femme de chambre ! Elle avait pourtant pris le papier satiné et la cire odorante dans l’écritoire de Mme Delmare, le style dans son coeur... Mais l’orthographe ! la pauvre fille à demi sauvage de l’île Bourbon ignorait même qu’il y eût des règles à la langue. Elle croyait écrire et parler aussi bien que sa maîtresse (SAND, 1991, p.57).

Conjura-se que é a apreensão de determinados conhecimentos que torna possível a projeção de revoluções e mudanças necessárias para o avanço das minorias em termos de direitos civis e acesso à vida pública. A ausência de um sistema educacional que contemple as mulheres e as colônias é um dos traços que assegura a relação de poder homem/mulher e colonizador/colônia, de forma a gerar identidades essencialistas e impedir oportunidades para compreender as injustiças de maneira crítica, reconstruções e posturas subversivas.

Diante da impossibilidade de um futuro para esse relacionamento e a constatação de que seu amado estava apaixonado por Indiana, Noun se suicida, lançando-se nas águas do lago da propriedade. A projeção do suicídio de Ophélia de Shakespeare por uma desilusão amorosa, propõe ainda alguns levantamentos sobre suas causas como a condição de inferioridade diante de seu amante e de Indiana. A “verdadeira natureza da mulher” é desviada do campo das certezas dogmáticas para a arena da controvérsia (DUARTE, 2002. p.21).

Sand, de uma forma sutil, subverte a consagrada cena de Shakespeare ao colocar no lugar de uma nobre uma jovem criada, pobre, crioula e sem perspectivas de futuro diante do extrato social. Sua rejeição não foi puramente por amor como a de Ophélia, sua loucura tinha origem e classe social, visto que o desprezo por ela sofrido advinha dessas condições.

Se há nesse jogo crítico uma personagem que encarna todos os jugos sociais que repousam sobre as mulheres, essa personagem é Noun, a criada “criola” que se suicida em decorrência do engano e da rejeição que transpassa o campo amoroso como também o social. Noun representa a impossibilidade de uma vida livre, o sufocamento da alteridade, o trancafiamento da mulher subalterna, a ausência do saber, o subjugamento do colonizado. Confirmando esse pressuposto, o discurso imperial europeu, abarrotado de superioridade, ambiciona o controle social e ideológico dos povos colonizados, atribuindo-lhes uma condição subalterna.

A ressonância do ato suicida de Noun está expressa ao longo da obra por meio das lembranças de Indiana, Sir Raph e Raymon. Seja por lamento pela infelicidade da moça, culpa pelo ocorrido ou mesmo por perseguir um fim como o dela:

– Eu consinto, respondeu Mme Delmare colocando sua mão sobre a de Ralph em sinal de pacto. Desejo ser atirada sobre

as margens das águas por uma simpatia invencível, pela memória da minha pobre Noun. Morrer como ela me será doce; será a expiação de sua morte que eu causei (SAND, 1991, p.478, tradução minha)²⁶.

A forma como Noun finda sua vida é ainda uma opção que Indiana tem a seguir diante das tempestades de sua vida. A protagonista, por sua vez, ao tentar o suicídio, arquiteta se jogar no lago Bernica na Ilha de Bourbon que em dimensão e volume de água é inúmeras vezes superior ao lago da propriedade do Coronel Delmare onde sua criada de quarto e irmã de criação arremeteu sua própria vida. Toda a cena da tentativa de suicídio de Indiana é repleta do sublime e de esplendor, a protagonista não está só, junto de si está Ralph, aquele que virá a ser seu companheiro.

As diferenciações entre o ato consumado e a tentativa de suicídio das duas criolas traçam as diferenças sociais entre as mesmas, Indiana ao contrário de Noun tinha um apoio e a possibilidade de sobrevivência recusada a uma simples criada. “A construção da ‘diferença’ feminina historicamente é localizada e condicionada por hierarquias de classe e raça” (BORDO, 2000, p.20).

Pode-se afirmar que há anacronismo na obra de Sand, este se apresenta claramente na figura de Laure de Nagny, esposa de Raymon, amante de Indiana, a qual é a única dentro do romance que se contrapõe à máquina de opressão misógina, subvertendo o modelo matrimonial e a relação amorosa imposta pelos homens. Para ela, o casamento é uma necessidade social e a felicidade, ilusão. Repleta de bom senso e conhecimento do mundo social, é uma mulher moderna, consciente histórico e politicamente. Segundo Bordas (2004:43, tradução minha)²⁷, “Laure de Nagny é a mulher do século, mulher que reúne consciência histórica e política”, é a possibilidade de ser no mundo, aquela que é independente financeiramente e livre, de certa forma, da opressão masculina, de modo a guiar ao seu bel prazer sua existência, ainda que tenha que responder às convenções sociais.

Menos generosa que Mme Delmare, mas mais inteligente, fria e lisonjeira, orgulhosa e prevenida, era a mulher que devia

²⁶ J’y consens, répondit Mme Delmare en mettant sa main dans celle de Ralph en signe de pacte. J’ai toujours été attirée vers le bord des eaux par une sympathie invincible, par le souvenir de ma pauvre Noun. Mourir comme elle me sera doux ; ce sera l’expiation de sa mort, que j’ai causée (SAND, 1991, p.478).

²⁷ Laure de Nagny est la femme du siècle, femme qui réunit conscience historique et sens politique. (BORDAS, 2004, p.43)

subjugar Raymon; pois ela era superior nas habilidades que ele mesmo havia tido com Indiana. Ela havia compreendido bem que a cobiça de seu admirador era mais sobre sua fortuna do que por ela. Mlle de Nangy estava resolvida a submeter-se ao casamento como uma necessidade social; mas ela sentia prazer de usar essa liberdade que lhe pertencia ainda, e fazer com que o homem que aspirava tirá-la sentisse sua autoridade. [...] Para ela, a vida era um cálculo estóico, e a felicidade uma ilusão pueril da qual é necessário se defender como de uma febre e do ridículo (SAND, 1991, p. 445-446)²⁸.

Laure representa a possibilidade de uma vida mais livre e que só é possível por meio de suas posses, por isso, na dimensão da obra, tendo em vista as demais personagens mulheres do romance é ela quem representa mais claramente o extrato social superior e ainda a consciência sobre sua condição naquela sociedade. Laure subverte o clichê da mulher que é dominada pelo homem constantemente representado na literatura. Sua postura diante da sociedade e de seu casamento pode se configurar como um protesto simbólico, visto que é Raymon que está em posição de dependência e inferioridade (SAND, 1991, p.460).

Esse é o traço que caracteriza a jovem e nos dá a chave da maior parte de suas condutas; não aceita o destino que a natureza e a sociedade lhe designam; e no entanto não o repudia positivamente: acha-se interiormente dividida para entrar em luta com o mundo; limita-se a fugir da realidade ou a contestá-la simbolicamente (BEAUVOIR, 1949, p.86).

Diante da apreciação de Indiana aos pés de Raymon, a atitude de Laure de Nangy revela certa indignação diante da aceitação da inferioridade feminina e adequação à vontade masculina por parte da protagonista (SAND, 1991, 459-460). O pedido para que Indiana se levante não se limita a uma atitude arrogante diante de uma mulher em situação de vulnerabilidade, bem como o apelo para recuperação e tomada da dignidade feminina, da percepção de que aquele não deveria ser um lugar comum àquela mulher. Por meio de Laure, Sand convida suas leitoras a

²⁸ Moins généreuse que Mme Delmare, mais plus adroite, froide et flatteuse, orgueilleuse et prévenante, c'était la femme qui devait subjuguier Raymon ; car elle lui était aussi supérieure en habileté qu'il l'avait été lui-même à Indiana. Elle eut bientôt compris que les convoitises de son admirateur étaient bien autant pour sa fortune que pour elle. Sa raisonnable imagination n'avait rien espéré de mieux en fait d'hommages ; elle avait trop de bon sens, trop de connaissance du monde actuel pour avoir rêvé l'amour à côté de deux. Mlle de Nangy était donc bien résolue à subir le mariage comme une nécessité sociale ; mais elle se faisait un malin plaisir d'user de cette liberté qui lui appartenait encore, et de faire sentir quelque temps son autorité à l'homme qui aspirait à la lui ôter. Pour elle, la vie était un calcul stoïque, et le bonheur une illusion puérile, dont il fallait se défendre comme d'une faiblesse et du ridicule. (SAND, 1991, p. 445-446)

perceber a demissão de si mesma e a operar o potencial revolucionário de uma mulher que possui conhecimento e poder aquisitivo.

Estamos diante de identidades díspares e deslocadas conforme o senso comum, as personagens aqui analisadas, embora estejam numa classe social cujo status deduza maior acesso ao capital cultural, pondera-se a conjuntura de que o jugo social recaía sobre todas as representantes do sexo feminino.

O exame cuidadoso das relações de gênero na representação de personagens femininas, tarefa dessa primeira vertente da crítica feminista, aponta claramente para as construções sociais padrão, edificadas não necessariamente por seus autores, mas pela cultura a que eles pertencem, para servir ao propósito da dominação social e cultural masculina. Assim, o feminismo mostra a natureza construída das relações de gênero, além de mostrar, também, que muito frequentemente as referências sexuais aparentemente neutras são, na verdade, engendradas em consonância com a ideologia dominante: o engendramento masculino possui conotações positivas; o feminino, negativas (ZOLIN, 2005, p. 190).

A Marquesa de Carvajal, tia de Indiana, é uma mulher que possui consciência histórica. Engajada em salões e negócios, busca por seus próprios interesses. Ainda que consideremo-la mulher de opinião e viúva do Império Napoleônico, percebe-se, nesta figura, certo desconhecimento no sentido histórico, pois lhe falta aquilo que Le Goff (1992, p.476) afirma ser a memória, “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades”.

Em se tratando, ainda, das figuras femininas proeminentes na obra, Madame de Ramière, mãe de Raymon, é uma mulher que sobrevive reduzida aos deveres domésticos, encarna a feminilidade maternal inteligente. Contudo, é “proprietária de uma consciência histórica que não se alterou apesar de sua consciência de classe” (BORDAS, 2004, p.22). Pode-se afirmar que a personagem é uma figura carregada de experiências e de senso histórico:

Era uma dessas mulheres que atravessaram épocas muito diferentes, que seu espírito tomou toda a surpresa de seu destino, que foi enriquecido pela experiência da infelicidade, escapou das das forcas de 93, dos vícios do Diretório, da vaidade do Império,

dos rancores da restauração; mulheres raras, cuja espécie está perdida (SAND, 1991, p.59, tradução minha)²⁹.

O atuar sobre o corpo suscita questionamentos; Foucault (1988) afirma que o corpo é anterior à inscrição cultural a que é imposto, dessa forma o corpo enquanto matéria modelada e condicionada a uma massa de pensamentos e comportamentos é a princípio indiferente à significação. As personagens femininas de Sand compreendem essa marca cultural que estabelece as referências às suas identidades; no entanto, percebemos o discurso que emana do interior dessas, a exemplo de Indiana, que possui consciência do estado de repressão em que vive. O discurso dessas mulheres, que são as porta-vozes da autora, buscam romper com as práticas reguladoras impostas ao corpo pelo poder.

Nesta ótica, podemos inferir que a estratégia linguística da autora sob esses diferentes tipos políticos e históricos prioriza a construção por meio do narrador da polifonia, fazendo uso, dessa forma, de diversas vozes dentro do romance, vozes que se diferem, recriminam e objurgam-se. Dessa maneira, são deixadas às claras as intencionalidades da autora ao trazer esses temas para dentro de seu romance, não somente abarcar a realidade da época, a estrutura do matrimônio e o lugar da mulher dentro do mesmo, mas assinalar as divergências políticas, a crise humana e dos governos, bem como seu desejo progressista.

No ideal Sandiano, a idealização dos personagens tem muito em comum com a política, Indiana é um tipo, é a mulher carregada de paixões suprimidas pelas leis e moral, com sentimentos e desejos que almejam romper com os limites da civilização. É por esse fato que a protagonista é ímpar na obra, em meio a várias figuras femininas, vemos Indiana como sendo a mais nobre de todas, apesar das limitações sociais.

Nela, percebemos a mulher que envolta em um contexto que não lhe sugeria outra coisa senão a passividade, quebra com o mesmo através do adultério, o qual alude ao rompimento com o sistema de leis e à queda da moral. Ela não consegue uma fuga física imediata, mas impugna seu matrimônio pelo viés do adultério. Lembrando-nos do que Beauvoir (1980:224) diz sobre a ingenuidade do homem

²⁹ C'était une de ces femmes qui ont traversé des époques si différentes, que leur esprit a pris toute la souplesse de leur destinée, qui se sont enrichies de l'expérience du malheur, qui ont échappé aux échafauds de 93, aux vices du Directoire, aux vanités de l'Empire, aux rancunes de la Restauration ; femmes rares, et dont l'espèce se perd (SAND, 1991, p.59).

“quando imagina que submeterá facilmente a mulher às suas vontades e a ‘formatará’ como quiser”.

4.2- O registro do patriarcado no romance via autoritarismo paterno e marital

A ideologia é o ponto central de onde se desenvolve todo o discurso de cunho feminista dentro da obra, é importante perceber que para a constituição da defesa da mulher e crítica à sua função social, a autora traçou, em contra partida, o discurso machista. A ferramenta linguística primordial empregada para efetivar, com êxito, sua censura quanto ao tratamento da mulher na sociedade é a polifonia, fazendo uso, dessa forma, de diversas vozes dentro do romance. Bahktin (2002) explica essa estratégia estilística:

Um autor, no entanto, pode utilizar a fala de outro buscando seus próprios objetivos e, desta maneira, introduz uma nova orientação de significação em uma palavra, que, contudo, retém sua própria orientação. Sob estas circunstâncias e, em concordância com o objetivo do autor, tal enunciado deve ser reconhecido como palavra de um outro emissor (BAHKTIN, 2002, p.494).

A polifonia define-se, nesse caso, através da voz do narrador e dos personagens, dos quais provém diversos discursos que se ramificam conforme seus papéis sociais e políticos dentro da narrativa. No entanto, nos ateremos, somente, aos turnos do narrador, pois acreditamos, conforme a afirmativa de Bahktin (2002) que o relato de um narrador substitui composicionalmente o discurso autoral. Por essa razão, vejamos, primeiramente, a descrição de M. Delmare:

Esse personagem, muito mais velho que os dois outros, era o dono da casa, o Coronel Delmare, velho valente aposentado, homem antes belo, agora gordo, careca, bigode grisalho e olhos terríveis: Excelente senhor diante do qual todos tremiam, mulher, servos, cavalos e cães (SAND, 1991, p.7-8, tradução minha)³⁰.

Não é difícil perceber a intencionalidade do narrador nesse excerto. O narrador, que está em terceira pessoa, delineia o perfil do marido como alguém marcado pela violência e autoritarismo, cujas atitudes remetem à sua antiga profissão de militar, M. Delmare é caracterizado como a lei civil. Palavras como “dono” e “pai” são termos encontrados na obra para descrever determinadas

³⁰ Ce personnage, beaucoup plus âgé que les deux autres, était le maître de la maison, le colonel Delmare, vieille bravoure en demi-solde, homme jadis beau, maintenant épais, au front chauve, à la moustache grise, à l’oeil terrible ; excellent maître devant qui tout tremblait, femme, serviteurs, chevaux et chiens. (SAND, 1991, p.7-8)

atitudes do Coronel em relação à esposa, como na citação a seguir: “Eu não disse isso, retrucou o coronel num tom meio pai, meio marido; mas há nas lágrimas de algumas mulheres reprovações mais sangrentas do que em todas as maldições dos outros. Por Deus, Madame! Você bem sabe que eu não gosto de choro perto de mim” (SAND,1991, p.15, tradução minha)³¹.

M. Delmare pode ser definido como um homem amargo e desorientado com a vida que leva distante da realidade vivida durante anos no exército. A imagem do mesmo se centra no “homem sem espírito, sem tato e sem educação” (SAND, 1991). A figura do marido é, dessa forma, constantemente julgada pelo narrador. Digamos que é por meio dele que incide a maior parte das censuras, o narrador constitui no enredo uma testemunha ocular de tudo o que se sucede. Segundo Bakhtin (2002), a importância do narrador para o autor “não é somente a forma tradicional ou subjetiva de agir e pensar, de sentir, de falar, mas, acima de tudo, sua maneira de ver e representar, pois nisto constitui sua função direta como narrador, substituto do autor.”

Enquanto o homem possui sozinho a autonomia econômica e “detém - pela lei e os costumes – os privilégios que a virilidade confere, é natural que se apresente tantas vezes como tirano, o que incita a mulher à revolta e à astúcia” (BEAUVOIR, 1980, p. 230). A tirania marital, na obra, é desdobramento de uma educação militar, mas também de uma exigência de virilidade que está ligada à violência.

Neste sentido, é possível notar como o domínio do patriarcado influi no romance e como o masculino é posto como modelo de verdade e categoria universalizante os quais são subvertidos por meio das atuações das personagens femininas, principalmente pela protagonista.

A vantagem na formação profissional, a superioridade moral e social e a chefia da família conferida ao homem, faz com que “ele goste de se sentir superior absoluto e oferecer verdades incontestáveis” (BEAUVOIR, 1980, p.222). A violência simbólica e a física exercida por Delmare sobre Indiana aborda a relação de poder que desencadeia em posições machistas e misóginas em relação à esposa.

³¹ - Je n'ai pas dit cela, reprit le colonel sur un ton moitié père, moitié mari ; mais il y a dans les larmes de certaines femmes des reproches plus sanglants que dans toutes les imprécations des autres. Morbleu ! Madame, vous savez bien que je n'aime pas à voir pleurer autour de moi (SAND, 1991, p.15).

Pois o marido encarna o universo masculino, ele é o legislador, e é através dele que a sociedade masculina assume o encargo e lugar da mulher.

M. Delmare representa o índice mais alto de autoritarismo no romance, o que é expresso por via desse homem que encarna não somente a figura do cônjuge é o universo do homem viril e senhor de seus bens e família, é ele que na ausência do pai de Indiana passa a ser o seu “senhor” e “dono” como descrito na obra.

Indiana cresceu diante da ausência de uma figura materna e conviveu com uma figura paterna que não lhe dedicava afeto, foi “educada por um pai bizarro e violento, ela não havia conhecido a alegria que é dada pela afeição de outrem” (SAND, 1991, p. 79)³². Essa educação interrompida diante da morte de seu pai é retomada por meio de um casamento gerido por uma aliança entre a Marquesa de Carvalhal e M. Delmare, e é direcionada para aquilo que Beauvoir (1949) chama de aceitação da inferioridade com a finalidade de adequação à vontade masculina.

À mulher, a exemplo de Indiana, não eram dados os incentivos oferecidos aos rapazes, fazê-las esposas e donas de casa era assegurar o equilíbrio social. Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor” (BEAUVOIR, 1949, p. 67).

Por essa maneira, o autoritarismo paterno e marital, na obra Sandiana, expressa além da alusão à realidade da época tendo em vista as relações pai/filha e marido/esposa, questões de nível psicológico e de personalidade. O pai, ainda que pauperrimamente descrito e mencionado na obra, é denominado com adjetivos como bizarro, violento e alguém que negligenciava toda e qualquer aproximação da filha. M. Delmare, ainda que dedicasse amor e cuidado a Indiana, era um homem rude e de igual violência e que a submetia a um relacionamento abusivo. Ambos personagens encarnam o arquétipo do macho alfa que evoca a imagem do pai que mantém o controle da família e tem por traços pessoais o mal humor e a agressividade.

³² Élevée par un père bizarre et violent, elle n’avait jamais connu le bonheur que donne l’affection d’autrui (SAND, 1991, p.79).

Contudo, tal controle e autoritarismo exercidos por esses personagens, bem como toda a submissão empenhada por eles sobre a protagonista, é algo primordial para que se assegure o perfeito funcionamento da sociedade que está assentada no modelo patriarcal. Essa masculinidade adereçada pela virilidade, dureza e violência não somente delinea a maioria dos perfis dos personagens homens, mas é uma concepção e exigência social sobre as figuras masculinas da realidade.

A legitimidade da representação masculina associada a comportamentos de virilidade, posse, poder e atitudes agressivas se “relativiza” abrindo frente a outras possibilidades de representação do homem. É nesse sentido que não se acredita mais que exista o *masculino* como único conceito norteador e gerador de referências para o comportamento dos indivíduos (NOLASCO, 1995, p.19).

Conforme a afirmação de Nolasco (1995), a tendência em conceber esse tipo de perfil na literatura advém da estrutura social e do próprio fato do romance ser um gênero que trata de transpor por meio da arte literária as demandas e acontecimentos cotidianos sob a pluma. Em *Indiana*, a afirmação desse perfil tradicional é associada a um caráter negativo e passível de reprovação e crítica que são designados por meio da polifonia, e contudo, a autora ainda joga com esses perfis tangenciando-os, como vemos em Raymon que é o arquétipo do Dom Juan e Ralph que traz em si traços de feminilidade.

Há, no romance, por isso transcrita a relação entre os indivíduos a qual afiança e assegura o controle do sistema sócio político, seja ela marido/esposa e/ou pai/filha, que explora o fato de que nos diversos vínculos o senhorio do homem se faz presente, cabendo à mulher sujeitar-se às suas ordens, como já mencionado e estudado nas sessões anteriores. Todos os códigos e condutas regulam os sujeitos para o aparelhamento desse sistema que se equipara ao panóptico de Foucault:

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (FOUCAULT, 2005, p. 166).

As relações de poder nas diversas instâncias sociais como bem expressa Foucault (2005) são geridas de forma que os sujeitos envolvidos contribuem para a manutenção da estrutura de poder sem que a percebam. Tanto homem quanto mulher estão diante e incluídos nesse emparelhamento, tanto Indiana, quanto seu pai e seu esposo são vassallos desse sistema que, por ser patriarcal, tem um arranjo cuja colocação da mulher se encontra em uma escala de inferioridade.

4.3- Cenas da vida privada: a violência física e simbólica

Na teia de relações da vida privada, a base é o matrimônio, a relação de poder e vínculo marido/esposa. Como já mencionado neste estudo, na sociedade francesa do século XIX, o homem é quem tinha o domínio dos espaços público e privado, e para assegurar essa ordem social e controle do poder são necessários mecanismos que, de acordo com Bourdieu (1998) ratificam a dominação masculina. Nestes termos, segundo uma visão androcêntrica, o poder é constituído e implantado de maneira simbólica, sendo o casamento somente uma das esferas em que ele arbitra.

Indiana ilustra de maneira veemente a estrutura matrimonial e a maneira pela qual essa dominação se constitui: por meio da violência.

A violência simbólica institui-se por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que ele não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo senão a forma incorporada da relação de dominação, mostram esta relação como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é o produto. (BOURDIEU, 1998, p.41)

Tanto a violência simbólica, aquela exercida por meio das leis, moral e discursos reguladores que se fazem inquestionáveis para o dominado, no caso da análise, do sujeito-mulher, quanto a violência física se apresentam no romance de Sand. Se M. Delmare é marcado pelos traços de um homem violento, Indiana é sublinhada como aquela “que sabia muito bem resistir à violência de seu marido” (SAND, 1991).

Ainda que não tivesse total compreensão da dimensão da hostilidade a que estava firmada, Indiana conseguia manter-se naquele sistema aceitando a submissão que lhe era imputada. Sofria a “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 1998, p.7-8). Fosse no modo grosseiro em que se direcionava a ela, no silenciamento que lhe era imposto, na obediência cega que lhe fora prescrita, todas essas formas de violência simbólica estão em plano proeminente, na obra, de forma a mostrar o primeiro estágio desse processo de violência vivenciado pela protagonista.

Contudo, são as cenas em que se apresentam de forma mais clara a violência física que apreende maior interesse para a presente análise. A violência de gênero, a agressividade contra o corpo, o local no qual estão inscritas as experiências e identidade é então de maneira explícita e não somente simbólica, o corpo feminino é vítima visível da prática do poder. Na citação seguinte, é exequível captar o grau de tenção da relação marido/esposa numa mistura incoerente de violência e sentimento amoroso, na qual a visão de M. Delmare é de superioridade sobre Indiana e de possessão, ao ponto que o narrador pauta a possibilidade do marido de assassinar sua esposa; explicitando, dessa forma, um dos modos em que a masculinidade estrutura a violência nas relações de gênero.

Em seguida, ele teria matado sua esposa se ele estivesse em Esmirna ou Cairo. E contudo, ele amava do fundo de seu coração essa mulher fraca que vivia sob sua dependência e guardava o segredo dos seus erros com uma prudência religiosa. Ele a amava ou tinha pena dela, não sei qual. Ele queria ser amado; pois ele era vaidoso por sua educação e superioridade (SAND, 1991, p.300, tradução minha)³³.

O clímax da situação de vulnerabilidade psicológica e física de Indiana e do grau de poder e violência perpetuados pelas práticas sociais e validados no âmbito privado por meio da autoridade marital é expresso na seguinte citação do romance:

Talvez, se ela tivesse tardado alguns minutos, esse homem infeliz teria tido tempo de voltar a si mesmo; mas a má sorte dos dois quis que ela se apresentasse quase imediatamente diante dele.

³³Alors il eût tué sa femme s’il eût été à Smyrne ou au Caire. Et pourtant il aimait au fond du coeur cette femme faible qui vivait sous sa dépendance et gardait le secret de ses torts avec une prudence religieuse. Il l’aimait ou il la plaignait, je ne sais lequel. Il eût voulu en être aimé ; car il était vain de son éducation et de sa supériorité (SAND, 1991, p.300).

Então, sem poder articular uma frase, ele a agarrou pelos cabelos, a derrubou, e a feriu com a frente do salto de sua bota.

Mal ele havia impresso essa marca sangrenta de sua brutalidade em um ser frágil, ele sentiu horror de si mesmo; ele fugiu apavorado por aquilo que ele havia feito, e correu fechando-se em seu quarto, onde ele armou suas pistolas para atirar em seus miolos; mas, no momento de cumprir esse destino, ele viu, sobre a varanda, Indiana que havia se levantado, e que limpava, com um ar calmo e frio, o sangue que inundava seu rosto. De início, como ele acreditava tê-la matado, experimentou um sentimento de alegria vendo-a de pé, e depois sua cólera se reacendeu.

- Foi apenas um arranhão, gritou ele, e você merecia mil mortes! Não, eu não me matarei; pois você iria se alegrar nos braços de seu amante. Eu não vou assegurar a felicidade a vocês dois, quero viver para vos fazer sofrer, para te ver definhando de langor e de tédio, por me desonrar e pela infâmia que lançou sobre mim (SAND, 1991, p.408-409, tradução minha)³⁴.

Neste trecho da narrativa, M. Delmare encontra o diário de Indiana, onde a jovem escrevia cartas para seu amante, Raymon, no entanto guardava-as para si, sem que enviasse para seu destinatário, no mesmo cofre se encontravam as cartas dele por ela recebidas. A cena confere o exercício prático do poder e domínio conferido ao marido na forma de violência física. Tamanho o estarecimento da descrição do ato que o próprio fato de Indiana ter sobrevivido à agressão causa surpresa ao marido que supunha tê-la matado.

“Foi apenas um arranhão!”, a frase de Delmare é outro índice da banalidade da agressão física dentro daquela sociedade, bem como a descoberta da traição como justificativa da violência de gênero, algo que é perpetuado até os dias atuais. Seja no plano simbólico ou material, essa relação de poder expressa no romance sandiano, exemplifica o drama da mulher, vítima de uma estrutura social que

³⁴Peut-être, si elle eût tardé quelques minutes, cet homme malheureux aurait eu le temps de rentrer en lui-même ; mais leur mauvaise étoile à tous deux voulut qu'elle se présentât presque aussitôt devant lui. Alors, sans pouvoir articuler une parole, il la saisit par les cheveux, la renversa, et la frappa au front du talon de sa botte.

À peine eut-il imprimé cette marque sanglante de sa brutalité à un être faible, qu'il eut horreur de lui-même. Il s'enfuit épouvanté de ce qu'il avait fait, et courut s'enfermer dans sa chambre, où il arma ses pistolets pour se brûler la cervelle ; mais, au moment d'accomplir ce dessein, il vit, sous la varangue, Indiana qui s'était relevée, et qui essuyait, d'un air calme et froid, le sang dont son visage était inondé. D'abord, comme il croyait l'avoir tuée, il éprouva un sentiment de joie en la voyant debout, et puis sa colère se ralluma.

– Ce n'est qu'une égratignure, s'écria-t-il, et tu mériterais mille morts ! Non, je ne me tuerai pas ; car tu irais t'en réjouir dans les bras de ton amante. Je ne veux pas assurer votre bonheur à tous deux, je veux vivre pour vous faire souffrir, pour te voir dépérir de langueur et d'ennui, pour déshonorer l'infâme qui s'est joué de moi (SAND, 1991, p. 408-409).

mantém seu lugar de inferioridade e vulnerabilidade de seu corpo através dos atos performáticos masculinos referentes à força, superioridade, virilidade e autoridade.

Correlaciona-se ainda, no enredo, a reação de Indiana diante da hostilidade e materialidade da agressão sofrida. Carvalho (2006), verifica que o conhecimento e discernimento do controle e dominação, bem como dos aparatos que sustentam a violência simbólica pode não ser satisfatório para se contestar essa condição e livrar-se da mesma. Contudo, a luta para ser livre é desleal, porque à ela, como às demais mulheres da época, não foi dada nenhuma arma eficaz (BEAUVOIR, 1949).

A ocorrência no romance, ilustra a experiência de uma mulher que, neste ponto do enredo, não está alheia à sua realidade enquanto limitada e inferiorizada sócio culturalmente, mas que não esboça uma reação ativa, possivelmente pela desigualdade em termos de força física e que até aquele momento permanecia naquelas circunstâncias devido à impossibilidade de independência financeira e reprovação da sociedade.

Em *Indiana*, observa-se a evolução da brutalidade que tem lugar no matrimônio, e de igual maneira a evolução gradativa de um dos dispositivos do poder que transcorre conforme o desenvolvimento do enredo, de modo que a violência física é evolução e materialização da violência simbólica.

4.4 - Romance de formação: de mulher-objeto a mulher-sujeito

A análise da representação do sujeito-mulher se encerra, nesta pesquisa, na percepção sobre a construção da personagem principal, Indiana, em relação ao seu progresso sob a égide feminista, passando de mulher-objeto à mulher-sujeito. Zolin (2005) observa que, na literatura, o retrato da mulher-objeto concerne à imagem da boa moça, aquela que está em conformidade com as regras morais da sociedade e, na maior parte, desconhece o estado de objetificação em que se encontra. Enquanto a mulher-sujeito é o modelo daquela que está e é consciente de sua realidade e se empenha em resistir aos padrões socialmente impostos e às convenções que a posiciona em subalternidade.

A reflexão sobre a transição intelectual e deliberativa da protagonista que deixa de ser uma mulher coletiva e abstrata, à qual a sociedade atribui performatividade de acordo com seu gênero, e passa a agir como uma mulher

singular, projeta a obra literária de George Sand na demarcação textual do romance de formação, o qual aponta para a trajetória da protagonista em direção à perfeição.

[Tal forma de romance] poderá ser chamada de Bildungsroman, sobretudo devido ao seu conteúdo, porque ela representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade [...]. Como obra de tendência mais geral e mais abrangente da bela formação do homem, sobressai-se (MORGENSTERN, 1988, p.64-66).

Morgenstern (1988) descreve que a evolução do personagem é provocada por fatores externos e internos, sendo o romance um dos poucos gêneros textuais que, na literatura, se importa em retratar questões a nível da realidade, trazendo em sua elaboração estilística e semântica críticas aguçadas quanto a acontecimentos e práticas sociais.

O protagonista agindo em direção ao exterior, provocando alterações significativas no mundo; o romance por sua vez [mostra] os homens e o ambiente agindo sobre o protagonista, esclarecendo a representação de sua gradativa formação interior. Por isso mesmo, a epopeia apresentará antes os atos do herói com seus efeitos exteriores sobre os outros; o romance, ao contrário, privilegiará os fatos e os acontecimentos com seus efeitos interiores sobre o protagonista (MORGENSTERN, 1988, p. 66).

Neste sentido, o progresso de Indiana rumo à emancipação sob a perspectiva de ser um romance de formação rege a intenção de que sua trajetória é dada num movimento de melhoramento de sua condição de mulher, embora as intempéries por ela enfrentadas.

Observam-se três fases da protagonista na narrativa: a primeira é a fase *mulher-objeto*, na qual Indiana estava totalmente aprisionada às práticas patriarcais; a segunda pode ser chamada de *empoderamento*, nesta etapa, a personagem passa a transitar com certo grau de rebeldia perante as instâncias do poder; e a terceira e última etapa é a de alcance da emancipação, a fase da *mulher-sujeito*.

Como já mencionado neste estudo nas sessões anteriores, na primeira parte do romance, lê-se uma Indiana envolta em um contexto que lhe subtrai, suprime suas liberdades e faz de sua identidade algo coletivo, sem singularidade. Alheia aos conhecimentos do mundo, a ela foi aplicada uma educação que não era provedora de intelectualidade e autonomia, mas reforçava as práticas sociais, considerando-a débil para o aprendizado análogo ao dos homens e sublinhava o seu lugar de segundo sexo (BEAUVOIR, 1949).

Indiana não tinha plena consciência do estado de tutela em que vivia, acreditava que aquele destino comum a grande parte das mulheres era algo a ser aceito, ainda que internamente houvesse em si uma resistência e tristeza quanto àquela vida que estava fadada (SAND, 1991). Esta primeira instância é marcada pela privação da transcendência e limitação que lança a protagonista, a exemplo das demais mulheres da época, na performance de mulher-objeto.

Faz-se interessante ainda, nestes termos, refletir sobre essa representação na literatura, de modo que a mulher-objeto é o modelo aceitável e essencial do que a sociedade desejava para o sexo feminino e essa aceitabilidade é transposta na arte literária, de modo que em diversas obras do período romântico, é possível a constatação de um enaltecimento a esse perfil que, em uma visão positivista quanto ao patriarcado, é o retrato da mulher como anjo. Contudo, em *Indiana* essa concepção é alterada, e esse estado da mulher, na visão sandiana, não é nada senão uma condição de subalternidade e objetificação.

O ato do adultério é o marco principal da segunda etapa, na qual se inicia o processo emancipatório. Neste estágio, a deliberação por ceder ao desejo de manter uma relação extraconjugal com Raymon aponta para uma quebra com as regras e moral da sociedade. O adultério, na obra, possui uma carga semântica que se estende à não adequação a uma vida que lhe fora imposta, à resposta aos impulsos amorosos e sexuais e ao desejo de se desvencilhar do matrimônio. “Há muitas condutas femininas que devem ser interpretadas como protestos” (BEAUVOIR, 1949, p.376) e o adultério é uma delas.

Beauvoir (1949) explica que o adultério é um ato condenável à mulher, mas tolerável ao homem, entretanto, nessa análise, embasa-se que uma vez mais a autora desloca a noção popular de que a adúltera é a mulher má e sem pudores, desprovida de amor e respeito por seu esposo, comumente propagada no meio literário. Sand conduz a narrativa de maneira que subverte as modulações que negativam a mulher e suas ações que tangenciam as normas sociais, assim, a adúltera é aquela que foi aniquilada pelo casamento, que foi mutilada, assim como seus desejos; e o adultério nada mais é do que a exteriorização da revolta que já havia sido formulada em sua mente.

É também nessa fase do empoderamento que Indiana passa a verbalizar seus pensamentos e a combater de forma aberta os opróbios do machismo. Suas falas, principalmente quando direcionadas ao marido são repletas de reprovações e resistência neste período que pode ser chamado também de sua rebelião aberta.

Eu não o quero mais, respondeu ela. Eu o queria ontem, era minha vontade; não é mais essa manhã. Você usou de violência me trancando em meu quarto; eu saí pela janela para lhe provar que você não pode reinar sobre a vontade de uma mulher, é exercer um império irrisório. Eu passei algumas horas fora da sua dominação; eu fui respirar o ar da liberdade para lhe mostrar que você não é moralmente meu senhor e que eu dependo apenas de mim sobre a terra. Passeando, refleti que eu, por dever e por consciência, tinha que voltar a me colocar sob seu patrocínio; eu o fiz de minha plena vontade [...]. Assim, senhor, não perca seu tempo a discutir com minha convicção; você nunca me influenciará, perdeu o direito desde que o quis fazer pela força. Ocupe-se da nossa partida; estou pronta a ajudar e segui-lo, não porque essa é a sua vontade, mas porque essa é a minha intenção. Você pode me condenar, mas nunca obedecerei ninguém além de mim mesma (SAND, 1991, p. 344- 345, tradução minha)³⁵.

A fala de Indiana no excerto anterior exhibe personalidade, força e domínio discursivo diferentes daqueles do início da narrativa. Seu empoderamento é evidente, no entanto, e mesmo mantendo uma relação extraconjugal, ela permanece naquele relacionamento, cogita-se, por isso, que esse permanecer se deva à ausência de possibilidades de escapar à tirania numa configuração social que inferioriza e condena a mulher que ousa ser livre, se é que essa liberdade de fato era possível.

Entre a revolta e a escravidão, resigna-se a contragosto à autoridade masculina (BEAUVOIR, 1949). A resignação de Indiana não se enquadra somente em permanecer até certo momento em um casamento forçado, mas em não compreender que o relacionamento com seu amante a lança novamente no lugar de

³⁵ – Je ne le veux plus, répondit-elle. Je le voulais hier, c'était ma volonté ; ce ne l'est plus ce matin. Vous avez usé de violence en m'enfermant dans ma chambre : j'en suis sortie par la fenêtre pour vous prouver que ne pas régner sur la volonté d'une femme, c'est exercer un empire dérisoire. J'ai passé quelques heures hors de votre domination ; j'ai été respirer l'air de la liberté pour vous montrer que vous n'êtes pas moralement mon maître et que je ne dépends que de moi sur la terre. En me promenant, j'ai réfléchi que je devais à mon devoir et à ma conscience de revenir me placer sous votre patronage ; je l'ai fait de mon plein gré. Mon cousin m'a *accompagnée* ici, et non pas *ramenée*. Si je n'eusse pas voulu le suivre, il n'aurait pas su m'y contraindre, vous l'imaginez bien. Ainsi, monsieur, ne perdez pas votre temps à discuter avec ma conviction ; vous ne l'influencerez jamais, vous en avez perdu le droit dès que vous avez voulu y prétendre par la force. Occupez-vous du départ ; je suis prête à vous aider et à vous suivre, non pas parce que telle est votre volonté, mais parce que telle est mon intention. Vous pouvez me condamner, mais je n'obéirai jamais qu'à moi-même (SAND, 1991, p. 344- 345).

subjugada. Um exemplo claro, transposto na literatura, de que mesmo as mulheres cooperam para a dominação simbólica, ainda que não a reconheça, como na citação a seguir:

Reconhece-me então, gritava ela; sou eu, sua Indiana, é a sua escrava que se lembrou de ti no exílio e que veio de três mil lugares para te amar e te servir; é a companheira de tua escolha que tudo deixou, tudo arriscou, tudo enfrentou para ter esse instante de alegria! Está feliz, está contente com isso, diga? Espero minha recompensa; uma palavra, um beijo, eu serei paga cem vezes mais (SAND, 1991, p.456, tradução minha)³⁶.

Indiana abandona seu marido e foge da Ilha de Bourbon ao encontro de Raymon que já estava casado. Este não sentia por ela nada além de remorso, visto que se tratava de um alpinista social que aceitou os laços do matrimônio por interesse, algo que a ligação com Indiana não poderia lhe propiciar. A vivência com Raymon a princípio sugere libertação e encontro de sua autonomia, contudo o que se percebe é o enlace em outra relação que mais gravemente lhe impunha humilhação e apagamento de si mesma.

Sua relação quanto ao homem é ambivalente, pois apesar de persistir um ideal de independência e saída da dominação masculina, sua felicidade e liberdade só são afiançadas através da parceria de um homem, seu primo Ralph, que por ela sempre manteve sentimentos amorosos. Já no último estágio do romance de formação, Indiana é a mulher-sujeito, toma suas próprias decisões, contudo, diante da morte do marido e do abandono do amante, ela delibera seu suicídio ao lado de Ralph. Nestes termos, a protagonista queria se desvencilhar do matrimônio, para estar em uma relação cuja ligação era o amor, a mesma nunca pretendeu estar só, mas ter o poder sobre seu destino.

A obra de Sand é progressista para a época, mas não abandona a estética do romantismo. A autora traça os percursos da narrativa de maneira a não sair totalmente dos moldes, ela os tangencia, propõe uma visão nova sobre aquela que deveria ser a megera: a mulher emancipada. “Ela pode também ter haurido em sua

³⁶ Reconnais-moi donc, s'écria-t-elle ; c'est moi, c'est ton Indiana, c'est ton esclave que tu as rappelée de l'exil et qui est venue de trois mille lieues pour t'aimer et te servir ; c'est la compagne de ton choix qui a tout quitté, tout risqué, tout bravé pour t'apporter cet instant de joie ! tu es heureux, tu es content d'elle, dis ? J'attends ma récompense ; un mot, un baiser, je serai payée au centuple (SAND, 1991, p.456).

condição de burguesa, dona de casa, um pendor de autoridade que a leva a revoltar-se contra o jugo masculino: ei-la disposta a fundar um matriarcado e não a tornar-se objeto erótico e criada” (BEAUVOIR, 1949, p.74).

A mulher-sujeito é mais profunda no sentido das expressões e da construção do seu discurso e ideologia. Indiana, na quinta parte do romance, decide permanecer com Ralph, o suicídio não acontece, a ótica romântica é subvertida, ela sobrevive para propor uma nova lógica, um novo desenrolar do enredo. Ela seria a anti Madame Bovary, ou, talvez, pior que a musa de Flaubert, pois ela sobrevive e sua mudança para a colônia de onde saíra, sua morada distante da sociedade, o empenho em libertar os negros e seu relacionamento amoroso com Ralph enseja um desfecho que radicaliza com os padrões românticos e morais da época e convida os seus pares a se revoltarem.

Faz-se relevante dentro da análise perceber a relação de Indiana e de Ralph como a união de duas pessoas que sofriam de maneira análoga, visto que Ralph teve de se casar de maneira forçada com a viúva de seu irmão. Com ela, teve um filho, no entanto, ambos faleceram. Esse personagem, de acordo com Bordas (2004) passa por uma metamorfose assim como Indiana, de forma que somente no desfecho do romance é que se revela claramente toda a sua vida e intenções quanto à sua prima, visto que antes preferia o silêncio ao discurso. É ele o responsável pelo desfecho do romance.

Indiana começa a ver as virtudes de Ralph conforme vê as virtudes de Raymon desaparecer. No contexto da obra, Ralph figura como a descategorização do masculino, de forma que sua performatividade é diferente da dos demais homens da obra, seja pela eloquência, delicadeza e sofrimento, Ralph é ainda a liberação verbal da autora no desfecho da obra, é através dele e não de Indiana que ela toma o turno de fechamento em reflexões profundas quanto à sociedade e suas prisões invisíveis e visíveis e lança uma poderosa mensagem para a civilização da época e que ressoa até o contexto presente: “A sociedade nada deve exigir daquele que dela nada espera” (SAND, 1991, p.540, tradução minha)³⁷.

Assim, Indiana permanece ao lado de Ralph, distante da civilização e dos julgamentos das pessoas. Ela se empenha em duas coisas que o poder francês e

³⁷ La société ne doit rien exiger de celui qui n'attend rien d'elle, répondit sir Ralph (SAND, 1991, p. 540).

falocêntrico da época reprovava: o convite para as mulheres se rebelarem, saírem das amarras sociais e do contexto de violência, e a libertação dos escravos. Bordas(2004) aponta que seu desenvolvimento psíquico maior que o verbal e todo seu discurso se presta com eloquência contra a tirania, abuso do marido e contra a injustiça do matrimônio. Por isso, nesse fechamento epistolar, a vista sobre o sujeito-mulher é uma revelação do desenvolvimento e mudança radical da mulher-objeto para a mulher-sujeito que toma voz adotando uma visão e existência utópica e subversiva.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros literários são pertinentes às condições sociais e históricas. A literatura, em sua potência na construção de imaginários e representações sociais, tem a capacidade de fornecer elementos da vida cotidiana, desvelar contradições e mostrar contrapontos e acertos presentes nas interações sociais e em suas respectivas representações. Neste ensaio, percebe-se a apreensão de valores, emoções e eventos reais, imaginados e mesmo idealizados. Assim, a ficção literária não está, pois, centrada em tornar visível a vivência fidedigna de personagens e dos episódios narrados, mas em permitir a leitura de temas e demandas de dado período histórico.

A obra literária é também um documento historiográfico, por via do qual assente-se a contemplação das vozes dos excluídos da história, a exemplo das mulheres, avultando práticas sociais desacomodadas e reelaborando uma maneira de conceber a história e a leitura do texto literário. Peter Burke (2000) compreende que, para cada fase das sociedades, há um perfil literário que se destaca e que está em conformidade com as representações que esta sociedade faz de si mesma e da época na qual se encontra.

A expressão literária, por isso, consente na realização da ambivalência do real e do ficcional. Em *Indiana*, a crítica feminista à sociedade patriarcal do século XIX assinala-se e relembra nessa abordagem da pesquisa que “a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns da interpretação do presente” (SAID, 1995, p.33). De maneira que dispomos de um romance que permite olhar para o princípio de uma parte do arcabouço literário que se dedicou a transpor em suas páginas as demandas sociais. *Indiana* é um prisma que possibilita enxergar as

parte inicial das reivindicações feministas, bem como a condição das mulheres daquela época.

Contemplamos, dessa forma, um romance cujo enredo é desenvolvido dentro de um período histórico, um romance que perpassa o real e o imaginário, que excede o limite através da maneira com que retrata uma gama de perfis políticos distintos entre si, os quais representam várias figuras sociais e até aquela que seria em suma, a idealização da mulher em ascensão à emancipação, a mulher-sujeito e descolonizada; além da maciça e relevante crítica social que se estende à política da época, até a mais clara situação da mulher na sociedade de 1830.

O romance de George Sand, *Indiana*, se apresenta como um vasto objeto de estudo, é necessário o reconhecimento ainda hoje da contribuição que sua escrita de cunho feminista trouxe para as conquistas de suas contemporâneas. O discurso, apresentado e analisado sob o foco da projeção do sujeito-mulher na obra, esclarece a indignação por parte da autora quanto ao estado de tutela no qual a mulher estava inserida, em uma falsa liberdade no ambiente doméstico, e o requerimento por uma existência permeada pelo senso de emancipação e desconstrução.

Em suma, percebe-se, por meio deste estudo, nas diversas vozes da obra, discursos que se cruzam entre opressores e oprimidas(os), os quais interferem e delineiam todos os acontecimentos e características psíquicas dos personagens. De maneira a aclarar, por meio das elocuições, os distintos aspectos referentes ao ser mulher e o anseio pela igualdade de gênero em meio à sociedade patriarcal do século XIX.

Podemos, dessa maneira, considerar o ativismo feminista de George Sand como aquele que ousou com primazia discutir um tema demasiado complexo para a época, por meio da literatura, e que através da criação estética soube explicar sua ideologia para a sociedade e principalmente para parte substancial do público leitor.

A literatura do século XIX tem uma missão, Sand tinha uma missão. Um romance cujo tema principal é o matrimônio e a forma com que a mulher é subjugada dentro dessa instituição mantém, em sua constituição, diversos aspectos e artifícios linguísticos tencionando o projeto de falar de si para o outro. Nestes termos, foi acessível nessa pesquisa a percepção de que o intuito de Sand ao abordar temas tão controversos, não pode se resumir apenas à atingir um público alvo

feminino com intuito de aclarar suas perspectivas quanto a realidade que viviam, como inicialmente foi pensado nesta pesquisa.

Sand vai além, ela discursa para a sociedade como um todo: homens, mulheres e instituições de poder; e o que se cogita, por fim, é que não se trata apenas de um romance que critica as instituições de maneira generalizada, mas caminha no sentido de educar seus leitores sobre as premissas básicas do feminismo que giram em torno da liberdade da mulher e da equidade de gêneros. É conjecturável afirmar que, embora a discussão em torno dos direitos das mulheres seja ainda anterior a *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) da inglesa Mary Wollstonecraft, considerada a primeira reivindicação escrita em termos feministas sobre o direito ao acesso à educação para as mulheres, versar sobre temáticas comuns era algo demasiado delicado dentro de um contexto em que as mulheres eram avassaladas. *E Indiana* cumpre com a ideiação sendo uma das primeiras obras literárias a trazer essa discussão, ainda que de forma prematura, contudo dando o passo inicial para uma série de romances nos quais gradativamente a autora traçou perfis de mulheres que discorriam sobre sua autonomia e combatiam os códigos morais.

Essa nova escrita também remata uma série de questões, algumas analisadas ao longo desta pesquisa que levam a crer e supor que há na materialidade do texto literário questões de dentro da França que são harmonizadas como se fossem de outra localidade. Como a Ilha de Bourbon e o teor abolicionista focalizado em seu território, no final do romance, certos de que na França ainda vigorava o regime de escravatura. Formula-se, dessa forma, diversos pontos críticos quanto ao contexto da época, sob a ótica do colonizado e da mulher diante de acontecimentos isolados e históricos.

Tendo em vista a proposta de uma heroína que não se modula a um padrão imposto pelas convenções sociais, somada às distintas abordagens sobre outros assuntos como a escravidão e a situação política da França no século XIX, presume-se, então, que o apagamento sofrido pela escritora e suas obras não se limita ao fato de sua escrita denunciar e criticar o sistema patriarcal e a situação de subjugada do sexo feminino naquela sociedade, mas por tocar em temas tão densos e controversos quanto. Ademais, a produção de uma obra literária não era um ofício que cabia às mulheres, sendo seu espaço na literatura demasiado restrito.

A força de uma escrita que superou o tempo e o apagamento traz consigo toda glória e notabilidade de uma escritora que estava à frente de seu tempo, de uma escrita “avant la lettre” e que conquistou reconhecimento de grandes nomes da literatura ocidental. George Sand em *Indiana* escreve sobre si, no resgate de si mesma, dialoga com seus pares e confronta seus algozes. Se eterniza nas páginas de suas obras, na utopia de uma Indiana, de uma mulher que se liberta. Liberta-se de um marido tirano, de um amante enganador e dos jugos sociais; e vive, opta por viver distante daqueles e daquilo que a fez submissa, vive uma existência autêntica, “indiana”.

Assim, as análises da presente pesquisa pertencentes ao âmbito da literatura, cultura e sociedade sob a perspectiva da projeção do sujeito-mulher em *Indiana* de George Sand levam a ultimar que ainda há diversas lacunas a serem preenchidas tendo em vista o estudo da obra. No entanto, para esse trabalho, a proposta de recorte obteve êxito, visto que não somente as expectativas foram alcançadas, mas diversos aspectos foram descobertos e compreendidos de uma forma mais clara e coerente, podendo, dessa maneira, efetivar o estudo sobre essa obra e escritora tão importantes para as referências da literatura de autoria feminina e para os estudos feministas e de gênero.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. Lua Nova, São Paulo, 2010, vol. 80, no 71-96, p. 71.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1949.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Sérgio Paulo Rouanet (trad.); Jeanne Marie Gagnebin (pref.). 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. [10ª reimpr., 1996]

_____. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Sérgio Paulo Rouanet (tradução, apresentação e notas). São Paulo: Brasiliense, 1984.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BOECHAT, Walter. **Os arquétipos masculinos**. In: A Mitopoese da Psique, mito e individuação, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2008.

BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

_____. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá, PR: Eduem, 2005.

_____. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.

BORDAS, Éric. **Indiana de George Sand**. Saint-Amand: Gallimard. 2004.

BORDINI, Maria da Glória. **Estudos culturais e estudos literários**. Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 41, n. 3, setembro, 2006, p. 11-22.

BORDO, Susan et al. **A feminista como o Outro**. Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 10-29, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, pp. 133-184, 1995.

BURKE, Peter. **História como memória social**. In: _____. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BUTLER, Judith. **Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault**. In: Seyla Benhabib e Drucilla Cornell (coords.), Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

CANDIDO, Antônio. 2000. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre Azul. 9ª ed. Rio de Janeiro, 2006.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CARVALHO, Ana Paula S. (2006). **As mulheres no campo científico: uma discussão acerca da dominação masculina**. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Acesso em: 19 de julho de 2016. Em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Ana_Paula_Soares_Carvalho_22.pdf

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DUARTE, Constância Lima et al.(orgs.). **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Belo Horizonte: FALÉ, UFMG, 2002, p.13-30.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Uma introdução aos estudos culturais**. Revista FAMECOS: Porto Alegre, 1998.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**, trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FELSKI, Rita. **Literature after feminism**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

FLAX, Jane. **"Pós-Modernismo e relações de gênero na teoria feminista"**. In: Buarque de Hollanda, Heloísa (Org.). *Pós-Modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 217-250.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **O panoptismo**. In: *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FUNCK, Susana. **O que é uma mulher?** In: GOMES, André; STEVENS, Cristina. *Revista Cerrados Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina*, n.31, ano 20. Universidade de Brasília, 2011.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HUNT, Lynn. **Revolução Francesa e Vida Privada**. In: Perrot, Michelle. (org.). *História da vida na privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

KAPPELI, Anne-Marie. **Cenas feministas**. *História das mulheres: O século XIX*, 1991, vol. 4.

KNIBIEHLER, Yvonne. **Corpos e corações**. *História das mulheres: o século XIX*. SP: Edições Afrontamento, 1991, vol. 4, p. 351-375.

- KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Seminálise**. São Paulo: Debates, 1969.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2006.
- LE GOFF, Jaquès. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
- MATTELART, Armand & NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola. Editorial. 2004.
- MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. "**O romance de formação (Bildungsroman) no Brasil**. Modos de apropriação." Caminhos do Romance (2005).
- MENDONÇA, Antônio Sérgio. **Por uma teoria geral das ideologias**. Semiologia e linguística. Petrópolis: Vozes. 1971.
- MOUROIS, André. **Lélia ou a vida de George Sand**. Trad. Olga Biar Laino. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 2005.
- _____. **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.
- _____. **Revolução Francesa e Vida Privada**. In: P, Michelle. (org.). História da vida na privada, Outrora em outro lugar. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RENARD, Marie-Reine. **Les idées religieuses de George Sand et l'émancipation féminine**. Archives de sciences sociales des religions, 2004, p. 25-38.
- SAID, Edward. **Imperialismo e cultura**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **O papel público dos escritores. In: MORAES, Dênis. Combates e utopias**. Trad. Eliana Aguiar; Luis Paulo Guanabara. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.
- SAND, George. **Indiana** 1830, in Romans, (préface de Marie-Madeleine Fragonard), Paris, Omnibus, 1991.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Escrevendo gênero, reescrevendo a nação: da teoria, da resistência, da brasilidade.** In: DUARTE, Constância Lima et alii (orgs.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica.* Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2002.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, 1990.

SHOWALTER, Elaine. **A crítica feminista no território selvagem.** Trad. Deise Amaral. In: Hollanda, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalisme: Différence et démocratie.** Paris: Flammarion, 1994. THIESSE, Anne-Marie. *La création d'identités nationales. Europe XVIII" - XX' siècle.* Paris: Seuil, 2001.

VILHENA, J. **Violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade.** Revista Mal-Estar e Subjetividade, 5(1), 109-144, 2005.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding.** São Paulo, Edilora Schwarcz, 1990.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista.** In: BONNICI, Thomas; Zolin, L. O. (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.* 3. ed. ver. ampl. Maringá: EDUEM, 2009.

_____. **Literatura de autoria feminina.** In: Bonnici, Thomas; Zolin, L. O. (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.* 3. ed. ver. ampl. Maringá: EDUEM, 2009.